



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO
DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)**

**ANTEUROPEUOLOGIA –
DIVERSIDADE CULTURAL LATINO-
AMERICANA**

**HAITI, UMA HERANÇA AFRICANA, E O VODOU, SUA IDENTIDADE
UMA NOVA NARRATIVA DO PODER POLÍTICO E SS CONFLITOS SOCIAIS E
CULTURAIS**

JOHNNY NELSON

Foz do Iguaçu

Outubro de 2021



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTEUROPEUOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

HAITI, UMA HERANÇA AFRICANA, E O VODOU, SUA IDENTIDADE

UMA NOVA NARRATIVA DO PODER POLÍTICO E SS CONFLITOS SOCIAIS E CULTURAIS

JOHNNY NELSON

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Anteuropuologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientadora: Profa. Dra. Senilde Alcantara Guanaes

Foz do Iguaçu
Outubro de 2021

JOHNNY NELSON

HAITI, UMA HERANÇA AFRICANA, E O VODOU, SUA IDENTIDADE

UMA NOVA NARRATIVA DO PODER POLÍTICO E SS CONFLITOS SOCIAIS E CULTURAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Anteuropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Senilde Alcantara Guanaes
(UNILA)

Profa. Dra. Danielle Michelle Moura de Araújo
(UNILA)

Prof. Dr. Rodrigo Juan Villagra Carron
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 7 de outubro de 2021.

*Dedico este trabalho ao m pai, **Cedernier Nelson**, e à minha mãe, **Marie Geline Bellevy**, agora juntos entre as estrelas iluminando os ms caminhos.*

AGRADECIMENTOS

Um dia li, só que agora me escapa a referência, de que uma obra acadêmica nunca é uma realização solitária; tendo bem em conta a quantidade de outros autores, autoras, pessoas as mais variadas, que a partir das referências utilizadas tornaram esse trabalho completo e único, dando-lhe por fim um caráter científico.

Muitas outras pessoas participaram, são entidades (e identidades) muito queridas e merecem estar mencionadas aqui, em uma página reservada exclusivamente para elas, em sinal de agradecimento e reconhecimento por terem me assessorado em muitos momentos e em cada detalhe durante toda a construção desta pesquisa. Pessoas que nos animam, pessoas amadas e inspiradoras.

Contudo, antes de tudo, quero agradecer o ar, a água, a terra e o fogo. agradeço a todos os orixás; os seres invisíveis que iluminam o m caminho das trevas à luz. agradeço a vida. Este trabalho dedico ao m pai, Cedernier Nelson, que quando escrevi esses agradecimentos pela primeira vez estava acamado num hospital no Haiti e logo em seguida veio a falecer. Também quero agradecer e dedicar à minha mãe, Marie Geline Bellevy, que no meio das estrelas onde ela está já viu todas as felicidades que ainda estão por acontecer na minha vida.

Agradeço a Senilde Alcântara Guanaes, minha orientadora, sem as suas orientações este trabalho não chegaria até aqui, e a banca avaliadora, Professor Rodrigo e Professora Danielle, que aceitaram prontamente ler e contribuir com o m texto. agradeço também pela oportunidade de ter feito um intercâmbio na PUCP (Pontificia Universidade Católica de Peru) em 2018. Foi durante este período de intercâmbio que descobri a anteuropuologia política e como ela poderia contribuir para as minhas reflexões. Não poderia deixar de agradecer aos professores e professoras de lá, com os/as quais discuti, conversei e compartilhei conhecimentos. Agradeço a todxs por esse apoio intelectual.

Foi a partir deste encontro promovido pelo intercâmbio que decidi canalizar o m trabalho para os fios invisíveis que costuram o Estado, através das ciências anteuropuológicas, ainda levando a questão a uma escala mundial e internacional.

Os ms nobres agradecimentos ao professor Omar Thomaz, pelos arquivos complementares que me enviou pelo correio. Lembrando aqui que citei em nota de rodapé um trabalho do professor Omar, referente à Revolução haitiana. Um agradecimento dobrado a esta grande pessoa. não

poderia deixar de agradecer também a Patrícia Regina Queiroz, uma mulher de compreensão enorme, com uma capacidade técnica e generosidade voltadas aos assuntos estudantis.

agradeço de coração o Dady Simon, um grande pintor haitiano, cuja obra joga na tela a origem dupla da cultura haitiana. O artista mistura o indigenismo, que é o conjunto dos conhecimentos indígenas, em um todo, junto e sobrepondo-se com a ancestralidade africana, desvelando o misticismo de um haitianismo potente, infelizmente ainda desconhecido e desvalorizado. Felizmente, é ao redor desta questão que o m trabalho esboça as suas linhas introdutórias na questão do poder e do nacionalismo haitiano.

Obrigado a todos, obrigado a todas!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é em parte uma leitura metódica e uma reflexão preliminar sobre discursos, conceitos e teorias a respeito do Haiti e do processo histórico da escravização, repertoriando ss pontos traumáticos e pós-traumáticos, contrapondo a epistemologia no qual consiste em promover a inferiorização da raça e de ss autores negrofóbicos do século da luz. É um trabalho anteuropuológico, incluindo participação, inclusão, saída de campo, observações e entrevistas, que me permitirão de ver e entender, em que nível os originais do Haiti aceitam a sua herança cultural e expressam sua identidade vodou. A partir da revisão teórica e dos dados recolhidos dessa prática anteuropuológica, enxergo uma análise das estruturas e dos sistemas de Estado-Nação, considerando a ponte entre a escravização e à nação, ou simplesmente, qual foi a técnica que relaciona o poder antigo escravocrata do novo poder nacional. Os resultados das análises, enquetes e revisão teórica cujas referências serão encontradas justamente na bibliografia geral do trabalho, levam a entender o porquê da autonegrofobia, e como ela foi implantada. Este trabalho é enfim uma prescrição, a partir desse reconhecimento, em que direção devemos nos dirigir enquanto esse grande povo que somos, se queremos de novo conhecer a luz da paz e do progresso, já que somos os herdeiros do presente e os gigantes do futuro. O Haiti, não tem outro salvação senão através da cultura de nossos antepassados. O Vodou é, de acordo com ss seguidores conscientes, o nosso motor de liberdade, a nossa plataforma de desenvolvimento, a nossa visão do mundo, a nossa memória coletiva. É preciso ter a consciência disso para que tudo mude, pois o Vodou é a totalidade da cultura haitiana e não apenas uma parte dela, transformando-a em uma vida ritualística feita de cantos, pontos e devoção aos Lwas. Ao contrário, é muito mais do que isso. Que o grande Olohum e os espíritos de nossa mãe e de nosso pai, junto com os invisíveis acompanham vossos passos. Axé!

Palavras chaves: Haiti; escravização; *Bwa Kay Mun*; independência; Estado-nação; cultura; ancestralidade.

RESUMÉN

Este trabajo de finalización de curso es en parte una lectura metódica y una reflexión preliminar sobre discursos, conceptos y teorías sobre Haití y el proceso histórico de la esclavitud, enumerando sus puntos traumáticos y postraumáticos, contraponiéndose a la epistemología en que consiste en promover la inferiorización de la raza. y sus autores negrofóbicos en el siglo de la luz. Es un trabajo anteuropéuológico, que incluye participación, inclusión, salidas de campo, observaciones y entrevistas, que me permitirá ver y comprender hasta qué punto los originarios haitianos aceptan su herencia cultural y expresan su identidad vudú. A partir de la revisión teórica y los datos recogidos de esta práctica anteuropéuológica, veo un análisis de las estructuras y sistemas del Estado-Nación, considerando el puente entre la esclavitud y la nación, o simplemente, cuál fue la técnica que relaciona el antiguo poder esclavista de el nuevo poder nacional. Los resultados de los análisis, encuestas y revisión teórica cuyas referencias se encontrarán precisamente en la bibliografía general del trabajo, conducen a la comprensión del por qué de la autonegrofobia y cómo se implementó. Este trabajo es finalmente una receta, a partir de este reconocimiento, hacia dónde debemos encaminarnos como grandes personas que somos, si queremos volver a conocer la luz de la paz y el progreso, ya que somos los herederos del presente y los gigantes del futuro. Haití no tiene otra alternativa sino que la cultura de nuestros antepasados. Vudú es, creer en sus seguidores conscientes, nuestro motor de libertad, nuestra plataforma de desarrollo, nuestra visión del mundo, nuestra memoria colectiva, solo necesitamos ser conscientes de eso para que todo cambie. Yo principalmente o pesonalmente creo, por eso digo y repito que el vodú es la totalidad de la cultura haitiana pero no apenas una parcela de ella, resumida a residuos de rituales a los ancestros.- canto, ponto y invocaciones. Al contrario, es mucho mayor que eso. Que el gran Olohum y los espíritus de nuestro padre y madre, junto con los invisibles, acompañen tus pasos. Axé!

Palabras clave: Haití; esclavitud; Bwa Kay Mun; independencia; Estado-nación; cultura; ancestralidad

REZIME

Travay konklizyon de kou sa, an pati se yon lekti metodik e yon revizyon teyorik de prosesis historik sistèm esklavajis la, kote ke mwen repètorye tout pwen tromatik yo e eleman postramatik yo, pandan ke anmenm tan mwen pran pozisyon kont epistemoloji oksidantal eeupeueyen an ak tout otè negrofobik yo li yo kap preche enferyorizasyon rasyal depi nan renesans rive tonbe nan 18ièm syèk la batize de syèk de limyè a. an dezyèm pati mwen te vle preznte yon veritab travay anteupeuolojik ki genyen eleman sa yo tankou obsèvasyon, anotasyon, vizit de zonn, patisipasyon, enklizyon, ankèt ak antrevi, kote mwen tap chèche konnen nan ki nivo ayisyen natif natal yo asepte eritaj kiltirel afriken e eksprime idantite vodou a ke yo andòmi nan yo. Apati de revizyon teyorik sa e, rezilta done ankèt la apati de demach anteupeuolojik sa, mwen arive nan analiz de ansanm de estrikti de sistèm mete na plas nan kreyasyon Eta-Nasyon an, nan sans general, tout an konsideran pou ki pèmèt nou travèse de esklavaj ak letanasyon an. Rezilta travay sa mennen nou konnen poukisa nèg pa vle wè nèg parèy li, e koman aparèy negrofobik sa limenm li te rive enplante. Anfen rezilta travay sa, se yon preskripsyon pou di nan kidireksyon nou dwe mache antan ke gran pèp sa ke nou ye, si nou vle yon lòt fwa ankò konnen limyè la pè ak pwogrè. Nou deja konnen kijan nou ye ak ki kote nou soti. Sèlman nou rete pou nou konnen res mond la. Paske Ayiti pa gen lòt sekou sinon ke nan kilti gran paran nou yo te kite pou nou. Vodou a se motè libète nou, platfòm devlopman nou, vizyon nou de mond lan, e memwa kolektif nou. Nou jis bezwen pran konsyans de sa pou nou chanje tout bagay. Mwen menm prensipalman e sitou pèsònèlman kwè, e se pou sa mwen pa sispann repete l' ke vodou a se totalite kilti ayisyèn e non yon ti pati anndan l', ke anpil atribiye ak rityèl chante pwen rele lwa. O kontrè. Ke gran Olohum nan ak lespri bò manman e lespri bò papa nou, ansanm ak tout sam pa wè yo kontinye voye je sou nou. Ayibobo!

Mot kle: Ayiti; esklavaj; Bwa Kay Mun; endepandans; eta-nasyon; kilti; ansestralite

ABSTRACT

This work is partly a methodical reading and a preliminary reflection on discourses, concepts and theories about Haiti and the historical process of slavery, listing its traumatic and post-traumatic points, opposing the epistemology in which it consists of promoting the inferiorization of race and its negeuropeuhobic authors in the light century. It is an antheuropeuological work, including participation, inclusion, field trips, observations and interviews, which will allow me to see and understand the level to which Haitian originals accept their cultural heritage and express their voodoo identity. From the theoretical review and data collected from this antheuropeuological practice, I see an analysis of the structures and systems of the Nation-State, considering the bridge between slavery and the nation, or simply, what was the technique that relates the former slave power of the new national power. The results of the analyses, polls and theoretical review whose references will be found precisely in the general bibliography of the work, lead to an understanding of the reason for autonegeuropeuhobia, and how it was implemented. This work is finally a prescription, based on this recognition, in which direction we must head as the great people that we are, if we want to know the light of peace and progress again, since we are the heirs of the present and the giants of the future . Haiti has no help other than the culture of our ancestors. Voodoo is, believing in its conscious followers, our engine of freedom, our development platform, our vision of the world, our collective memory, we just need to be aware of that for everything to change. May the great Olohum and the spirits of our mother and father, together with the invisible, accompany your steps. Axe!

Key words: Haiti; slavery; Bwa Kay Mun; independence; nation-state; culture; ancestry.

...

Quero aqui de sinalar antes de começar que a palavra o vodou abrange duas ortografias. Na maioria dos casos está escrito (Vodou), que é a ortografia crioula. Mas, as vezes está escrito (vodou) que é a a transcrição involuntaria em português da palavra. O mesmo occur com a palavra do Haiti, escrito com H, mas às vezes adoto uma caligrafia mais crioula no qual ela passa a escrever com A, resultando essa forma Ayiti.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Veve Ogum	98
Figura 2 – Veve Legba	99
Figura 3 – Veve Agwe	100
Figura 4 – Veve Dambalah	101
Figura 5 – Veve Baron	102
Figura 6 – Produtos para despigmentação da pele	116
Figura 7 – Produtos para despigmentação da pele	116
Figura 8 – Haitianos na Rua Glicério, São Paulo	118
Figura 9 – Haitianos na Rua Glicério, São Paulo	118
Figura 10 – Haitianos na Rua Glicério, São Paulo	118
Figura 11 – Haitianos na Rua Glicério, São Paulo	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. Palavras iniciais	13
2. O Problema da Investigação	17
3. Metodologia e Estrutura do Trabalho	19
CAPÍTULO 1: ORIGEM E DEFINIÇÃO DO HAITI	22
1. CIVILIZAÇÕES E BARBÁRIES	22
1.1. Haitiano: um significado colonial	23
1.2. Haiti para os Indígenas: as raízes do problema	27
1.3. O Haiti para os seguidores do Vodou	31
1.4. Vodou e Igreja: uma convivência antagônica e não-sincrética	37
CAPÍTULO 2: PODER E ESTADO UMA CONSTRUÇÃO ACUMULATIVA E PERPÉTUA	39
1. PODER E ESTADO	39
1.1. O Estado: uma invenção recente	41
1.2. Revoluções: diferenças e especificidades estatais	43
1.3. A revolução haitiana: semelhanças e singularidades	45
2. A COLONIALIDADE ESTATAL	50
2.1. A violência como motor do Estado	52
2.2. Colonialidade e estruturalismo	55
2.3. Nova corrente epistemológica	60
CAPÍTULO 3: HERANÇA E IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO	67
1. CULTURA E IDENTIDADE	67
1.1. O Haiti dos Indígenas	67
1.2. As lutas entre as potências pela Ilha	71
1.3. Saint Domingue: nem povo nem nação	75
1.4. Vodou: a chave de uma política de resistência	83
1.5. Os Desafios do Trabalho Etnográfico	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

1. Palavras Iniciais

Esse trabalho coloca em foco a questão da construção do nacionalismo haitiano, analisando o lado espiritual e o lado linguístico, a saber, o vodu, enquanto espírito sociocultural do povo haitiano, e a língua crioula haitiana - sendo essa uma nova forma de comunicação a partir de vários termos de diferentes etnias encontradas no mesmo território durante a colonização do Haiti, denominado Saint-Domingue logo na chegada do navegador italiano a serviço da Espanha, Cristóvão Colombo. A narrativa desenvolvida ao longo do texto está referenciada nas obras que tentam compreender a construção dos discursos no processo de constituição do estado, da nação, da cultura e da revolução haitiana, além de documentos históricos e das minhas percepções enquanto haitiano exercitando a alteridade ao olhar o meu país de fora.

O trabalho não apresenta uma revisão teórica, uma vez que as referências bibliográficas trabalhadas são muito concisas e as análises sobre elas requerem maior aprofundamento, e sim uma reflexão preliminar sobre discursos, conceitos e teorias a respeito do Haiti nos aspectos mencionados acima. Entendo que a concisão bibliográfica reflete também a relativa escassez literária sobre os bastidores da Revolução haitiana. Considero que esse trabalho representa um esforço de análise arqueológica do discurso (FOUCAULT, 2008) sobre o Haiti, que consiste em todos os documentos revisados, seja em livros, artigos, matérias jornalísticas, documentários, filmes, grupos de haitianos/as em aplicativo do WhatsApp, nas redes sociais, em reuniões virtuais, canais do YouTube etc. Todos esses documentos estão integrados de forma complementar e não hierárquica, buscando produzir um trabalho original que difere das narrativas clássicas sobre o tema.

Algumas vezes, a autenticidade pretendida me leva a desviar dos padrões formais de escrita acadêmica, já que faço uma interpretação livre e muitas vezes não referenciada das fontes analisadas, mas acredito que a junção entre literatura e história, exige uma escrita criativa, potente e emancipadora, conforme afirma meu amigo Elis Pirocelli¹, “escrever é arte, nata!”. Não sei aonde ele tirou essa frase, mas ao final entendo que cada obra de arte há de ser única!

¹ Poeta e DJ Mano Zeu radicado na cidade de Foz de Iguaçu.

Então, o vazio referencial entre aspas, deixado entre as linhas, não é apenas pela escassez de autores que se desenvolvem ao redor do assunto. Mas, é tanto quanto peuropeusital, na tentativa de preencher-lo, com a minha marca poética original. Certo, concordo em certo sentido a dificuldade de enxergar, essa mistura fluída de leituras e vivências em relação ao tema. Da maneira que estou embebido na questão, me delega a plena autorização em confirmar, dizendo que a Revolução haitiana é a única Revolução digna deste nome. não estou inventando, tampouco plagiando nada. Estou só tratando de ser original, pois “a originalidade não consiste em dizer novas coisas, se não em dizê-las como se nunca tivessem sido ditas por outros”².

O que está em jogo é a tentativa de demonstrar o quanto foi importante o resgate dos princípios da cosmovisão africana durante todo o tempo que durou a escravização até a independência, lembrando do papel fundamental do Vodou, tanto para formação da espiritualidade quanto para o nascimento linguístico do crioulo, que passa a ser a “nova língua” e a nova “linguagem dos revoltados”. Quero enfatizar ao longo do texto, primeiro, a importância dessas duas dimensões - religiosa e linguística - e do papel crucial que exerceram durante a luta contra a escravização até a conquista da independência; segundo, mas não menos importante, a confluência e inseparabilidade delas no processo de construção do novo nacionalismo da primeira República negra do mundo, apesar do lugar liminar que ocupam na historiografia haitiana clássica.

Tomando em conta todos os eventos, conflitos, narrativos e processos produzidos, de forma ficcional ou não, para separar o Haiti de suas raízes africanas, considero que a força dessa ancestralidade não só está enraizada no modo de ser haitiano, como também não remete a um passado imaginário e sim a um presente e futuro real. O Haiti está ligado a África de uma maneira tal, que não tem nada que a coalizão internacional possa fazer para separar ou distinguir um do outro. A idéia defendida aqui é a de que a ancestralidade motriz está alicerçada pelo Vodou e pela língua crioula.

Está amplamente documentado que em 1789, a colônia de Santo Domingo nas Índias Ocidentais Francesas, representava a flor, ou o coração da economia francesa, que repousava sobre os ombros dos africanos/as escravizados/as. Esse contexto nos obriga a visitar a es-

²Citação de Johann Wolfgang Von Goethe, um dos promotores e propagandista do projeto de Renascimento Kemet (Egito antigo), protagonista do canal de informação e formação chamado “Tamery Sematawy Mâat”: <https://www.youtube.com/channel/UCIUOwQZLGIWuarWMwfhHmGQ>.

cravização haitiana, revendo, de forma geral e panorâmica, os ss crimes, massacres e as lutas pela independência. Em um segundo momento, após entender o sistema escravagista, analisarei como se d o processo de construção do Estado-Nação no Haiti, procurando entender como as massas revolucionaram e consolidaram uma mentalidade nacional popular e autêntica, que sobreviv às estratégias de terror e de segregação que reinavam na colônia de Saint-Domingue durante duzentos anos de escravização, de lutas antagônicas e de crimes abomináveis cometidos contra o negro e a negra africanos.

As questões que apresento têm o peuropeuósito de entender quais eram os fundamentos deste “novo povo”? Quais eram os elementos que possibilitavam a formação e consolidação das massas populares? Estariam elas conscientes de s “novo contrato social” e de sua nova “aliança de união libertadora”? O que há de semelhante entre a Revolução Francesa e a Revolução Haitiana em relação à teoria do “novo contrato social” dos/as “escravizados/as”? A partir de quais antecedentes de sistemas de governabilidade que os “escravizados e escravizadas” chegaram a tomar o reino de Saint-Domingue? Na época, o primeiro centro de comércio mundial sob controle da metrópole francesa. Certamente, uma leitura atenta das diferentes revoltas, desde a África, onde foram arrancados/as, até a cerimônia de Bwa Kay Mun³, onde o povo haitiano nasc e depois se consolidou como nação, nos ajudará a encontrar as respostas para algumas dessas perguntas.

A cosmovisão “africana”, peuropeuositalmente tratada de modo genérico, de modo a representar o conjunto de tradições mescladas e ressignificadas na América, é fundamental para o escopo do presente trabalho porque vai constituir os alicerces das nações afro-haitiano-caribenhas nas formações nacionais identitárias em todos os âmbitos da sociedade. Quero entender, de que modo o sistema estrutural de Estado-Nação, depois da independência e antes de 1804, não se configurou, não tão solidamente quanto os Estados da América Latina, em uma aliança da burguesia nacional e dos grandes donos de terra.

3 Foi a cerimônia mais importante do Vodou na história do Haiti, a cerimônia presidida por Boukman Dutty e Cecile Fatiman, em 14 de agosto de 1791, é amplamente aceita como o ponto de partida para a Revolução Haitiana. Durante a cerimônia as pessoas presentes comprometeram-se com a luta pela liberdade e a criação de uma sociedade autônoma, essa coesão resultou na libertação dos povos do Haiti da dominação colonial francesa em 1804 e o estabelecimento da primeira república de povos negros na história do mundo. Ver mais detalhes em: <https://www.geledes.org.br/o-vodu-e-resistencia-negra-haiti/>; <https://profmarciormais.blogspot.com/2013/09/religoes-tradicionais-africanas.html>. Consultadas em setembro de 2021.

Sabemos que o Estado haitiano estava predisposto a manter princípios nacionalistas ainda mais rígidos, visto que a densidade e o contexto históricos em que a nação adquiriu sua independência fortaleceram a postura nacionalista do estado haitiano. Mas, por razões que vamos explorar ao longo do texto, percebemos que “o tempo não ajudou a fortalecer os laços do Estado e da nação” no Haiti. O trabalho consiste em revelar exatamente este lado ambíguo do nacionalismo haitiano e esclarecer as vias que foram empreendidas para chegar a um resultado que consideramos “desonroso”, contudo, extremamente consciente e calculado. Estamos falando do imperialismo, esse que coopta em seu próprio benefício a “história verdadeira”, aniquilando primeiro a espiritualidade e a cultura que compõem o ser, antes de tentar eliminá-lo fisicamente, convertendo negros e negros em classe burguesa, promovendo dessa forma um novo modelo de dominação, desta vez hegemônica porque é interna e orgânica à própria sociedade.

Entendemos que um Haiti “africanamente” livre e independente é um projeto de construção no qual muito haitiano/as, africanos/as arduamente estão trabalhando, desenvolvendo pesquisas científicas em ampla escala para promover uma mudança de paradigmas. Dito isso, estou de certa maneira grato à pessoa de Serges Charles Covis Gomez⁴, que através de uma série de debates no seu canal de formação e informação online, chamado Tamery Sematawy Mâat, faz, nas palavras do próprio Serges Charles Covis, um trabalho de “terapia e desalienação do negro”. As explicações e comentários de Serges Charles Covis, assim como os seus argumentos de base, foram fundamentais na composição do *corpus* desse texto, além de outros materiais audiovisuais utilizados.

Para participar à minha maneira na construção dessa pesquisa, que considero também um projeto político de “desalienação”, me vinculo também a outras fontes e linguagens, tais como a linguagem popular, a oralidade, a poesia, as linguagens audiovisuais, as imagens, as redes sociais, plataformas digitais, como YouTube, entre outros. A poesia que atravessa essas reflexões seria uma metapoesia. Uma poesia que se escreve por si mesma pelas mãos do poeta, que tem sua forma no futuro e sua origem no passado e no presente histórico-sociocultural.

⁴Um dos promotores e propagandistas do projeto de Renascimento Kemet, também protagonista do canal de informação e de formação chamado Tamery Sematawy Mâat, já mencionado: <https://www.youtube.com/channel/UCIUOwQZLGIWuarWMwfhHmGQ>.

Compartilho a visão ideológica dos irmãos e irmãs combatentes do movimento Kemet⁵, pois na perspectiva de unir o continente africano, segundo Serge, o Haiti continua a ser um ponto central mesmo que fora desse continente, ideia que Anténor Joseph Firmin (1885) concorda e difunde. Sobre a bibliografia, um ponto que quero assinalar é que uma grande parte das obras visitadas está na língua francesa, que traduzir para o português, que não é minha língua nativa.

Serges Charles Covis Gomez é do Benin, discípulo de Xequé Anta Diop⁶, historiador e egiptólogo, como anteuropéuólogo haitiano minha luta cultural na conjuntura social e política consiste em difundir esta mensagem de unificação presente em ambos autores, isto é, de retorno e unidade das tradições africanas. Como sabemos essa luta não é só minha muito antes de mim o grande anteuropéuólogo haitiano, Anténor Firmin, que saúdo aqui em sua memória, já havia lançado os alicerces desta revolução mental, política e espiritual. Uma revolução cujo intento é derrotar o colonialismo e a escravização, que inicia com o comércio de escravizados e permanece até os dias atuais. Não poderei deixar de mencionar também o garveyismo, conhecido como UNIA⁷, (Associação Universal para o Desenvolvimento Negro) que defendia a unidade e integração da diáspora africana espalhada pelo mundo, buscando libertar o povo negro do colonialismo missionário norte-americano. Esse trabalho se soma, portanto, a essas lutas e tantas outras que peuropeuõem o renascimento das culturas africanas no continente americano, e busca dar respostas às teorias e narrativas que colaboram para que o Haiti não reconheça a África e as suas marcas culturais.

2. O Problema da Investigação

O Haiti é a primeira república negra, constituindo um marco na história mundial por ter desafiado a escravização e toda a estrutura do imperialismo colonial. O país sempre foi visto de maneira ambígua, ora como símbolo de resistência e de emancipação do s povo, ora como

5O Renascimento Kemet é um conjunto de reforma que os povos africanos e seus descendentes precisam realizar para se libertarem da ideologia eurocentrista, tanto no nível intelectual quanto das relações sociais, econômicas, culturais e políticas.

6Historiador, antropólogo, físico e político senegalês, que estudou as origens da raça humana e cultura africana pré-colonial. A tese defendida pelo professor Xequé Anta Diop é que o Egito antigo das pirâmides e das grandes civilizações é de origem negroide.

7Movimento fundado por Marcus Garvey no início do século XX (1914) nos Estados Unidos.

país marcado pelo abandono e isolamento da economia mundial. A história dos países abolicionistas demonstra o quanto foi grande o impacto da Revolução haitiana de 1791. Em 1803, o Haiti se tornou totalmente independente e celebrou em 1804 a sua independência. Como repercussão, em 1803 a Dinamarca aboliu o comércio de escravizados, seguida da Inglaterra em 1807, a França 1817, a Holanda em 1818, a Espanha em 1820 e a Suécia em 1824. Nas colônias britânicas a escravização foi finalmente abolida em 1833, nas francesas em 1848 e holandesas em 1863 (PIERRE, 2009). Na América foi abolida a escravização na Argentina em 1853, em 1865 nos Estados Unidos e em 1888 no Brasil, o último país do continente americano a abolir o trabalho escravo. O fato é que todas as rebeliões antiescravagistas no Brasil e em toda a América Latina foram influenciadas pela independência haitiana.

Contudo, o Haiti teve que indenizar a França e tinha também a difícil missão de conquistar o reconhecimento de sua independência no mundo internacional, visto que um dos embargos sofridos foi a rejeição do país no Concerto das Nações⁸. Após a independência, o governo do haitiano Jean Jacques Dessalines era considerado ilegítimo e sanguinário, enquanto Napoleão Bonaparte era tratado como um herói. Como dizia Frantz Fanon, a liberdade requer visibilidade, mas para que isso aconteça faz-se necessário o consentimento do mundo dos outros. Até mesmo o autorreconhecimento requer uma colocação sob o ponto de vista de outro. Mas o que acontece quando os outros não nos reconhecem? Encontramos aqui o motivo da esquizofrenia e melancolia dos negros no mundo moderno (FANON, 2008).

Desde pequeno entendia que o Haiti estava sob uma forte dominação global, mas era uma força coercitiva que ninguém via ou que simplesmente não admitia, ou ainda, não tinham como problematizar porque já era uma dominação foi naturalizando-se, e já institucionalizada. A institucionalização do poder passava pela constituição de leis, tal como a proibição do uso da língua crioula nas instituições públicas e privadas do país. Os severos castigos para forçar o uso da língua francesa explicitavam, física e simbolicamente, a institucionalização da violência em todas as suas dimensões. Por outro lado, a admiração do povo negro pelos homens brancos me fazia pensar o quanto o haitiano rejeitava a si mesmo para valorizar o outro que ele deseja ser. Assim cresci, no meio desse processo de autonegação

⁸O Concerto das Nações surgiu no século XIX como o ideal para as relações internacionais na Europa, o acordo buscava a harmonização de interesses entre as nações e não reconheceu o Haiti como um país republicano.

e de embranquecimento pela falta de reconhecimento por parte do outro. Entendia tudo isso como uma espécie de castigo do qual não se podia escapar, porque o poder imperialista não permitia a nossa libertação.

O que não conseguia entender era o mecanismo que estruturou esse comportamento, que faz com que a gente naturalmente se enxergue como inferior e aceite a condição de subalternidade que nos é imposta. Como entender tudo isso? Sempre me perguntava... Na verdade, pensamos que só um estudo psicanalítico do “problema negro” pode revelar as “anomalias” afetivas responsáveis pela estrutura e dinâmica dos nossos complexos, mas para entender esse processo como um todo necessitamos urgentemente neutralizar uma série de “taras” e sequelas do período infantil (FANON, 2008). Essa investigação, em certa medida, aborda questões relativas ao ser negro, tanto para si quanto diante dos outros, no entanto, essa autoimagem e o que ela pode ou não refletir está vinculada à construção do imaginário nacional do Haiti e de toda América Latina (Gonzalez, 1984).

Sabemos que os dias seguintes à grande Revolução não foram fáceis, afinal, não é fácil construir uma nova nação, sobretudo quando ainda estamos presos à memória dolorosa da escravidão. Portanto, como haitiano vivi as assimetrias, instabilidades e desequilíbrios no âmbito social, cultural, psicológico e político, e sempre quis entender a origem disso tudo. Entender por que o Vodou, o camponês e a língua crioula eram (e são) considerados inferiores e deveriam estar à margem da sociedade. Entender por que a língua crioula era considerada um francês selvagem e por que tínhamos que abandonar essa selva para sermos aceitos como nação.

Por fim, entender por que os governos tentavam e ainda tentam separar o Haiti da África, para fazer do país um produto europeu e/ou americano. Todos os caminhos que percorremos até aqui nos levam a entender que o que se tentava combater, com todas essas formas de opressão e dominação são as raízes africanas do povo haitiano, porque nessas raízes moravam o Vodou que deram nascimento ao crioulo, ou seja, uma nova forma de comunicação resultante de termos de diferentes etnias encontrados no território tanto indígenas quanto africanas.

3. Metodologia e Estrutura do Trabalho

Considero esse trabalho como uma aproximação fanoniana da situação do Haiti em relação ao racismo inerente à formação nacional do país, que colocou o Vodou e a língua crioula à margem da sociedade. Como se trata de analisar a dimensão espiritual e linguística, ambas constituídas pela subjetividade do ser negro haitiano, as questões trazidas por Fanon sobre o modo de ser negro e as suas condições de existência são também aspectos centrais no presente estudo, que tangencia, não de modo profundo, o comportamento psicológico do negro haitiano, nos moldes que Frantz Fanon realizou junto aos povos martinicanos. Não podemos ignorar que os mesmos comportamentos podem ser encontrados em contextos similares de colonização, segregação e racialização de todos os povos que passaram por processos de escravização. Todo povo colonizado se desenvolve com base em sistemas hierárquicos que os coloca em uma condição de inferioridade, aniquilando e sepultando sua autenticidade, em outras palavras, a capacidade desse povo, indivíduo e grupos serem eles próprios.

Para alcançar os objetivos propostos, quer dizer, compreender o lugar do Vodou e do crioulo na construção da nação haitiana, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica, que ainda que incompleta e preliminar, procurou responder as questões propostas, em conjunto com as minhas percepções e narrativas sobre o Haiti, com os fragmentos da pesquisa de campo que foi esboçada, mas infelizmente interrompida pela pandemia e por dificuldades de várias ordens, e com os materiais digitais que possibilitaram uma *cyber* pesquisa a respeito do tema. O levantamento bibliográfico é um dos elementos principais para entender melhor o tema da investigação, pelo caráter histórico e ao mesmo tempo subjetivo dos aspectos tratados. O que fez com que minha participação e envolvimento com esse estudo esteja muito além do caráter formal de um trabalho de conclusão de curso.

O envolvimento pessoal com o tema investigado se reflete também na escrita, com a inserção de poemas que fui produzindo ao longo da pesquisa, como resumo e entendimento das questões que me instigavam. Questões que lia, ouvia e refletia, mas que também vivenciei como haitiano, o que me coloca numa dupla condição: de investigador e narrador, mas também de testemunha ocular daquilo que pesquiso. Os poemas são, de certo modo, fragmentos de reivindicações, não exatamente do meu eu de hoje como pesquisador, mas do meu eu quando era criança, quando cursava o ensino médio no Haiti. De modo geral, os poemas têm o propósito de defender a cultura negra, e mais especificamente, de convocar

haitianos e haitianas a uma consciência comum e coesa. Os poemas resultam de um trabalho anteuropeológico que inclui participação, envolvimento, pesquisa de campo (com observações participantes e entrevista), estudo de mídias digitais, programas e documentários audiovisuais, que me permitirão entender como haitianos e haitianas assimilam a sua herança cultural e expressam sua identidade vodou.

O objetivo do trabalho etnográfico foi identificar e ouvir pessoas da diáspora haitiana que também vivenciaram os traumas pós colonização e entender como eles ressignificam esses traumas e como lidam com sua cultura e identidade em contexto de diáspora. A partir de uma revisão analítica dos dados recolhidos, somados à uma revisão teórica por meio de diversas referências e de distintas linguagens, procurei entender as estruturas mais profundas e mais rasas do Estado-Nação, construindo uma ponte e transitando entre a escravização e formação da nação haitiana. Em outras palavras, quais as genealogias, técnicas e estratégias que relaciona o poder antigo colonial-escravocrata do poder estatal-nacionalista, buscando mapear como uma espécie de “autonegrofobia”⁹ (BANZE, 2019), promovida pelas elites nacionais, vai se consolidando no país após a sua independência. A história de luta e libertação do Haiti sempre foi silenciada, omitida e/ou deturpada pelas elites, sobressaindo sempre a história de pobreza, abandono e marginalização dos povo.

Trata-se, portanto, de um compromisso intelectual realizar uma pesquisa de caráter crítico e popular, de modo a contribuir com o m país e a sua história. Resgatar o processo de formação da identidade e da cultura haitiana e a sua relação com as tradições pan-africanistas é uma forma de tentar reparar os danos provocados pela história oficial escrita pelas elites locais. O discurso histórico e político oficial e os saberes que constitui e consolida via a dominação epistêmica ro ocidental, resultaram do controle do Estado após a morte de Dessalines e da dominação cultural-linguística que foi se perpetuando até os dias atuais, ora de forma sutil e dissimulada, ora de forma explícita e brutal. Não consigo imaginar maior violência epistêmica, política e cultural do que a proibição de expressar-se em sua língua nativa dentro da sua própria terra natal, assim como, de expressar a sua religiosidade no país que foi libertado exatamente pela força da sua espiritualidade, que é o Vodou, o qual, representa não apenas uma parcela da cultura haitiana, senão a totalidade dela

9A “autonegrofobia” seria uma consequência psicológica do colonialismo que resultaria em “um conjunto de comportamentos neuróticos de autoalienação e autodepreciação que os negros manifestam perante a si próprios e no encontro com os brancos” (BANZE, 2019)

Para analisar as questões apresentadas anteriormente, organizamos o trabalho em 3 capítulos. O **primeiro capítulo**, denominado: **Origem e Definição do Haiti**, vamos contextualizar a sua história de colonização e opressão, as formas de ocupação fundiária e étnica, as raízes dos problemas sociais e políticos, a importância do Vodou, a relação com a memória de uma África ancestral, e outras questões que envolvem esses temas. No **segundo capítulo**, denominado **Poder e Estado: uma Construção Acumulativa e Perpétua**, focaremos na Revolução, na construção do estado nacional, nas relações de poder, na violência institucional, na colonialidade do poder e do ser e em todas as nefastas consequências que ela produz. No **terceiro capítulo**, denominado **Herança e Identidade na Construção da Nação**, abordaremos as heranças ancestrais indígenas e dos povos africanos, as disputas pela identidade nacional e por um projeto de nação e o lugar ou não lugar do Vodou na identidade e na cultura política nacional.

CAPÍTULO 1: ORIGEM E DEFINIÇÃO DO HAITI

1. CIVILIZAÇÕES E BARBÁRIES

Este capítulo trata de analisar a origem do Haiti e explorar as diferentes definições a respeito do ser haitiano. Como o haitiano se define, como se vê e como enxerga os seus semelhantes e as representações sobre o seu país. O objetivo das discussões realizadas a respeito das origens e das noções de civilização e barbárie que estruturaram a formação da nação haitiana, é entender as percepções que o povo haitiano tem a respeito da África e da sua terra de origem. Percebemos que uma parte do povo haitiano reitera o discurso de inferiorização e ódio por si e seus semelhantes, discurso fomentado pela colonização e embargos políticos e econômicos sofridos após a independência.

Frantz Fanon (2008) qualificou de colonialismo epistemológico, mas no caso do Haiti pode ser visto também como uma forma de narcisismo que buscava enaltecer um sentido de nação único e próprio, desvinculando-se das origens africanas e da dolorosa experiência da escravização na busca pela legitimidade e reconhecimento exteriores. A África e a condição de escravização que homens, mulheres e crianças foram submetidos estavam associadas a uma degeneração social, econômica, política e humana, que na visão imperialista, civilizatória e racista do ocidente, inviabilizava a emancipação política do Haiti. Além disso, destaca-se

também os moldes civilizatórios dominantes, que foi, simultaneamente, destruindo e dilapidando a cultura negra ancestral e edificando a supremacia branca diante do mundo colonizado, durante e após o projeto colonial.

Muitos negros e negras, acreditando nesta incapacidade e inferioridade, se viam e agiam como brancos, o que contribuiu para a desconstrução da identidade negra no Haiti. Essa negação é um dos desdobramentos do racismo, que faz com que todos os espelhos reflitam a branquitude, perpetuando o narcisismo branco. Entendemos que a emancipação cultural do povo haitiano depende do reconhecimento das estratégias epistêmicas de dominação do ser e do saber a que foram submetidos, especialmente o exercício de dominação efetuado a partir da subjugação linguística e religiosa, com as quais a sua mente foi modelada. Contudo, para reconhecer essas estratégias é preciso conhecer um processo anterior, que é a destruição dos vínculos ancestrais da terra de origem. É sobre isso que falaremos nas próximas páginas.

1.1. Haitiano: um significado colonial

Sempre quis entender cientificamente a mentalidade haitiana. Me questionava quais seriam os comportamentos, padrões culturais e mentalidades que melhor representavam o povo haitiano. Nunca acreditei na existência de uma “haitianidade”, não como algo acabado e conciso. Se por acaso existisse uma identidade haitiana, como ela seria retratada e em que ela consistiria, se não temos esse processo consolidado e sequer um projeto nesse sentido? Cada vagalume tem a sua própria luz, ou não queremos ou precisamos nos juntar? Será que desde que vieram da África os negros odiavam os negros? Ou, como refletia o espelho dos negros em África, o que viam ao se olharem? Também se enxergavam como brancos? (tout koukouy klere pou jew; depi nan ginen ti nèg rayi nèg; ti nèg nwé pa vle wè ti nèg nwè¹⁰). Definir o haitiano, segundo certos provérbios forjados no campo da colonização, que infelizmente substituam os conhecimentos ancestrais, é a pior definição que o negro haitiano poderia ter de si.

Mas, quando falamos de conhecimentos ancestrais, de que ancestralidade estamos falando? Certamente não se trata de uma ancestralidade nascida junto com a colonização, obviamente os nossos antepassados não foram descendentes de escravizados, senão de reis, rai-

10 Provérbio haitiano que traduzo assim: Cada vagalume tem a sua própria luz, desde a Guiné negros odeiam negros.

nhas e civilizações grandiosas, para usar os termos ocidentais que servem para qualificar uma sociedade. No Brasil, ao celebrarmos o Dia da Consciência Negra, no dia 20 de novembro, remetemos à memória de reis, rainhas, heroínas e heróis, como a memória de Zumbi dos Palmares¹¹, é dessa ancestralidade que falamos aqui, a que nos coloca como símbolos de resistência, coragem e dignidade.

Os africanos e africanas que vieram para a terra de Saint Domingue não eram “primitivos” e nem “selvagens”, já haviam sido influenciados por brilhantes civilizações (J. D. Badioui apud HOFFMANN, 1989), algumas delas com técnicas e conhecimentos mais avançados do que as civilizações europeias. Ainda, o poeta Carl Brouard, um dos fundadores da Revista Indigenista (R \acute{e} vue Indig \grave{e} ne), escreveu em 1938 no manifesto da escola indigenista¹² as seguintes palavras:

Nos regards nostalgiques se dirigèrent vers l'Afrique douloureuse et maternelle. Les splendeurs abolies des civilisations soudanaises firent saigner nos cœurs. Virilement et glorisement, puéril t pt- \hat{e} tre, nous jurâmes de faire de notre patrie le miracle nègre, comme la vieille Hellade fut le miracle blanc¹³. (BROUARD apud HOFFMANN, 1989: p. 34)

O Dr Jean Price Mars¹⁴, o teórico do panafricanismo, escreve:

Aos povos Senegalês, Congolês, Daomeanos, Guineenses, Bisagots etc., que só tinham em comum apenas o triste estado de servilismo bestial a que a ferocidade humana os reduzira. Todos esses negros não se confundiram com a ignorância e o fetichismo enquanto lhe ensinamos as informações errôneas dos analistas da época... Muitos poderiam se orgulhar de ter conhecido um estado social infinitamente superior não apenas à escravidão, mas até ao clã ou à etnia. Sem mencionar que alguns deles eram cativos de guerras locais, filhos de reis, chefes ou filhos de chefes que o destino lançou no sórdido domínio do navio negreiro (MARS, 1919: p. 45).

11Zumbi dos Palmares é um símbolo da luta por igualdade racial, foi líder do Quilombo dos Palmares e morreu em 20 de novembro de 1695.

12Considerado como o manifesto de uma revolução que se iniciava, o documento pretendia ser um transmissor de uma corrente de pensamento nascida de uma consciência nacionalista. A assimilação ao Ocidente é em grande maioria recusada, à custa da afirmação de uma identidade negra da qual a África é o único genitor. Jean Price Mars, é um dos fundadores desse movimento.

13 Na versão final, traduzir em nota de rodapé o trecho em francês.

14Dr. Jean Price Mars era médico e antropólogo, representou o Haiti em Londres como secretário da legação (1903); em Washington como gerente de missão especial (1904 e 1909); em Paris como secretário da legação (1915); em Ciudad Trujillo como encarregado de negócios em 1946; na ONU e em Paris, como embaixador em 1956 e 1957.

Seguindo o exemplo de Schœlcher¹⁵ e dos abolicionistas europeus, Simon Linstant também glorifica o passado da África:

É incontestável que o Egito foi povoado pelos negros e deles receb parte de sua primeira civilização. [...] Esses negros que se encontram nas grandes cidades; que eram governados por rainhas sábias; que fez florescer as artes e as ciências numa época em que quase todos os outros povos eram bárbaros (LINSTANT apud HOFFMANN, 1989: p. 34).

Esse fato de que nós não somos descendentes de escravizados e sim de nações africanas, cujos povos foram escravizados, também é demonstrado nos estudos sobre o Vodou. Na obra *La vérité sur le Vaudoux* (“A Verdade Sobre o Vodou”), de François Denis Légitime (1925), publicada pela primeira vez no final do século XIX, encontramos menção a uma antiga “civilização africana [...] em toda a zona central deste continente, apelidada de Nigrícia [...]” (LÉGITIME apud HOFFMANN, 1989: p.34). Como podemos notar, a existência de civilizações africanas “avançadas”, aos moldes da tradição ocidental, é um fato bem estabelecido e consagrado pela história. Uma civilização africana considerada a mais moral, a mais culta e a mais fecunda já existente no passado. Sobre a negação desse passado ancestral “civilizado”, Hoffmann acrescenta:

As classes dominantes que sucederam aos franceses se deram como um dos problemas fundamentais, forjar uma nação do zero, inculcar a noção de identidade nacional em uma população analfabeta, aculturada, de etnias africanas sem tradições comuns, sem experiência de vida pública no mundo moderno, não tendo por todo elemento ideológico que a recusa da condição de escravocrata [...] Para resolver esses dois problemas fundamentais, os novos líderes do Haiti adotaram a única estratégia possível: organizar o Estado inspirando-se no modelo europeu. (HOFFMANN, 1989: p.14)

Ao reduzir os negros e negras à condição de ex-escravizados e ex-escravizadas e ocultar o passado ancestral, todas as tentativas de construção do nacionalismo haitiano consistia, portanto, na negação da África como base civilizatória para um novo modelo cultural da nova república haitiana. Bercy demonstra essa negação da seguinte forma:

Nossos detratores... lançaram flechas insidiosas, cartilhas envenenadas, dardos mortais contra nossa existência e contra a raça que incorporamos. Por trás desses caluniadores, há chancelarias, noções de preconceitos, interessados em fazer o mundo acreditar que somos incapazes de nos governar (BERCY, 1941: p. 16).

¹⁵Victor Schœlcher foi um jornalista e político francês, conhecido por ter agido em favor da abolição definitiva da escravidão na França, através do decreto de abolição, assinada pelo Governo Provisório da Segunda República em 27 de abril de 1848.

Desse modo, foi sendo criado um conjunto de agregados psicológicos, morais, humanitários, culturais e ideológicos que afetava brutalmente a mente do nativo haitiano, reduzindo o ser à condição hierárquica de subalternidade e inferioridade e/ou de anulação, produzindo dessa forma um sistema complexo de inferiorização do povo negro e de supremacia dos brancos. Um sistema hierárquico reproduzido pela própria população negra, que se coloca num lugar de inferioridade em relação aos brancos e de superioridade em relação aos seus pares, seja por alienação, seja por assimilar a lógica do opressor. Já tivemos algumas explicações tentando relacionar esse antagonismo à própria raiz da cidadania haitiana, uma delas afirma que a rejeição do haitiano pelos seus pares e por si mesmo residiria na própria etimologia da palavra haitiana.

Em língua portuguesa não faria sentido essa relação, mas em francês, mesmo de modo leviano e sem nenhum fundamento, faria algum sentido, já que a palavra *haitien*, escrita em francês e sob uma lógica e racionalidade francesa, seria um composto de duas palavras: a primeira seria *hair* (odiar) e a segunda *sien* ou *tien*, dependendo da ortografia que cada um quer lhe atribuir, *tien/sien* se traduziria por “ts/ss”. *Haitien* seria então *hairsien* ou *hairtien* - aquele que odeia os irmãos, seus pares, os semelhantes. Logicamente, não é uma explicação legítima ou científica, mas ainda assim tem lugar no imaginário coletivo e no senso comum da população, que acredita que o próprio povo haitiano é responsável por todos os seus desfortúnios, uma lógica observada mesmo entre pensadores e pensadoras eruditos, de que foram os próprios africanos¹⁶ que venderam os seus irmãos, como se a escravização e o tráfico negreiro tivessem origem na África, um disparate, uma barbaridade do mundo ocidental. Acontece que o racismo foi cientificado por muitos cientistas europeus, cujo o conjunto dos nomes está resumido na pessoa de Arthur Gobineau, quem escreve em 1853 a desigualdade da raça humana. Obra que nosso compatriota, Anténor Firmin desmontou pedaço por pedaço em 1885 em Paris

Sempre ouvi dizer que o Haiti era uma “doença com mil feridas”, traduzindo, era um

¹⁶Se trata de uma designação mais política do que geográfica, portanto, envolve todos os países da África desde República de Congo, Burundi, Ouganda, Rwanda, Kenya, Tanzania, Malawi, Moçambique. O professor Serge Covis declarou em uma live intitulada “a origem e impacto do Vodou na libertação mental e espiritual do povo negro” que as regiões dos grandes lagos africanos é o lugar onde a humanidade se originou, seria o paraíso terrestre. Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=lox88Khu_1E&t=567s

problema sem solução. Ademais podemos inferir que “mil feridas” pode ser obra de uma espada mas também, talvez de mil espadas. Um problema sem solução, sem causas conhecidas, contempla todas as soluções, até as que são irônicas. Essas ironias atribuídas em termos explicativos na definição do ser negro haitiano, servem não apenas para ironizar, mas peuropeusitalmente para tentar acabar com a nossa capacidade de nos unir. Antes da colonização, a explicação do nome era porque as palavras *Ayiti*, ou *Aiti*, ortograficamente escrito em língua crioula Haitiano, assim escrevia os primeiros nativos, significa “pelos suas primeiros etnias, os tainos¹⁷, “terra montanhosa e das frutas”. Além de segundo alguns mitos *Ayiti* seria o nome de um antigo cacique

Por mais que se destaque que uma etnia seja essencialmente uma unidade cultural e, às vezes, política, alguns continuam a vê-la como um estoque biologicamente distinto e destacam os horrores das guerras tribais, cujo saldo, muitas vezes se limitava a algumas dezenas de mortos ou menos que isso. No prólogo de “Os Jacobinos Negros”, de Cyril Lionel Robert James, ele descreve com perfeição a pacificidade dos nativos e a riqueza dos recursos territoriais: “Los nativos, pieles rojas, eran gente pacífica y amistosa y lo guiaron hacia Haití, una vasta isla (casi tan grande como Irlanda) y en la que abundaba, le dijeron, el precioso metal” (JAMES, 1938, p. 21).

Mesmo presente na literatura sobre civilizações africanas, estou ciente de que o vocábulo “etnia” traz conotações pejorativas e representa uma visão simplista dos povos tradicionais. Da mesma maneira a palavra índio, que também traz questionamentos na atualidade, contudo, como quero demonstrar a colonialidade presente nas noções de civilização, nação e cultura, sigo utilizando esses termos que aparecem com frequência nas referências clássicas e contemporâneas sobre o tema, lembrando mais uma vez que as referências que utilizo no trabalho integram várias linguagens: literárias, audiovisuais, digitais, como já mencionado.

1.2. Haiti para os Indígenas: As raízes do problema

17Os Tainos e os Arawaks foram os primeiros povos que ocupavam as ilhas antes da invasão espanhola. Esses nativos eram considerados “pacíficos”, na visão colonialista da época, e a terra era vista como rica em recursos naturais, tanto alimentícios quanto de metais preciosos.

O problema do Haiti não está realmente vinculado com a etimologia dos nomes, como povoa o imaginário popular, especialmente os grupos sociais que reforçam a autodepreciação do povo haitiano. Talvez exista de fato uma similitude entre essa falsa explicação e a realidade mesma, até porque os nomes, as palavras e os significados e sentidos dados possuem uma força simbólica expressiva, que se repetida muitas vezes as palavras ganham status de “verdade”. Na tradição africana e indígena, o papel social de uma pessoa é definido também pelos nomes, pelo que representa para a sociedade em que está inserida. Então “Ayiti”, na língua haitiana, significa “terra montanhosa e das frutas”, pelos seus recursos naturais e riquezas paisagísticas. A origem indígena também nos ensinou que os seus habitantes não eram haitianos, e sim Tainos. A adoção do nome do Haiti após a independência, explicou Fidel Pharizien¹⁸, teria por explicação em língua swahili “Terra das deusas, ou das mulheres lindas”. Efetivamente, quando Jean Jacques Dessalines¹⁹ mudou o nome colonial da parte oeste da ilha para Ayiti, novamente, em resposta à apelação sagrada dos Tainos, era para retomar o sabor da terra mãe, da terra das dsas, da terra alta e sagrada (LEMOINE, 2012).

Ainda segundo Lemoine (2012), em língua Arawaks “Ti” significa morada ou moradia e “Ai” significa Ds. Assim, tanto para os nativos, quanto para nós haitianos hoje, entendemos que o “Aiti”, com base na escrita crioula, significa a “morada de Deus”, em todas as suas manifestações. Os nomes e ss significados no seio da sociedade têm uma força simbólica, visto que os nomes dados às pessoas, aos seres ou às coisas não foram escolhidos à toa. Como vimos, os nomes têm um sentido social e cultural nas grandes civilizações africanas e indígenas, das quais o Haiti é herdeiro. Em certas culturas, os nomes das crianças são funções do dia do nascimento, do acontecimento que precedeu ou sucedeu a sua chegada ao mundo. Essa concepção do tempo nas sociedades tradicionais e indígenas não é cronológica e sim ancestral, fazendo com que os fatos do presente e do futuro sejam interpretados e significados pelos saberes dos mais velhos, especialmente em sociedades africanas gerontocráticas, onde os anciãos ocupam um lugar central. No Ayiti não é diferente, já que se trata de um território cuja

18Fidel Pharizien é um sacerdote do vodu, protagonista e militante para uma nova percepção do mundo da magia haitiana como arma libertadora diante de todos os tipos de malefícios imperialistas https://www.youtube.com/channel/UC_GsOm2KvzkJTiqdfzXKe_A/videos

19Sucessor de Toussaint Louverture e proclamador da independência, é considerado como o pai fundador do “país do negros”, porque Jean Jacques Dessalines chamava de negro ou negra todos os habitantes da nova nação, independentemente de seu país de origem ou da sua cor.

herança cultural indígena se uniu ao conjunto das tradições africanas, em um matrimônio perfeito, com as etnias indígenas

Na cultura ocidental temos também vários exemplos da importância dos nomes e da sua eficácia simbólica. Um dos exemplos é o nome de Abraão, de origem hebraica e encontrado na bíblia dos cristãos, tendo como significado “o pai de uma multidão” ou “pai de todos”, em função da promessa feita por Ds, de que seria pai de todos enquanto não pudesse procriar. Apenas quando Abraão foi ao Egito é que pode procriar e teve o seu primeiro filho²⁰, lembrando que a população egípciana era negra, como temos mencionado o Egito é uma referência importante para a cultura negra africana. O episódio bíblico, assim como várias outras, anedotas as quais, não confirmo de ponto de vista científica, demonstram também que as bases da cultura ocidental cristã se entrelaçam com as bases da cultura africana, produzindo um encontro cultural marcado pela violência, mas também por elementos comuns.

Mesmo sabendo que a origem do nome “Haitien”, cujo significado do senso comum seria “inimigo de seus irmãos” ou “ódio aos irmãos”, não tinha o menor fundamento, sempre me intrigou saber como isso surgiu, já que seguramente não se originava da tradição africana ou indígena. A ideia de que haveria uma estratégia de dominação epistêmica que teria fomentado a desunião do povo haitiano sempre me deixou muito intrigado, mas o que mais me impressionava era de fato a fascinação e o enorme valor e estima que a população negra haitiana depositava na sociedade branca. Me chamava sempre a atenção os versículos bíblicos, cujos dizeres reforçavam a ideia de “maldição da raça negra”, seriam os filhos de Cham²¹. Pela confusão que essas palavras sagradas geravam e pelas incessantes brigas entre protestantes, católicos e pessoas praticantes do vodu, me perguntava sempre qual seria exatamente a política que fez e faz com que nós herdeiros da liberdade e da Revolução estejamos condenados a viver esse inferno e caos social, na espera de um paraíso cujo alcance nos está totalmente impossível.

Assim, desconfiava da história contada pela bíblia, mesmo frequentando a Igreja católica, afinal, a escola nos obrigava a frequentar e a ter vínculos com o catolicismo. Pelo menos

²⁰Leia Gênes 12 – Bíblia Sagrada.

²¹Cham ou Cam era um dos filhos renegados de Noé, a quem ele amaldiçoou o condenando a ser servoe toda a sua geração. Os filhos de Cham eram as pessoas do continente africano: os antigos Egípcios, os Etíopes, os Somalis etc. A bíblia diz que a terra do Egito era a terra de CAM (ou Cham), e os egípcios eram negros. Mais detalhes na Bíblia cristã, no episódio que relata a história do dilúvio e de Noé.

na minha época era assim, toda escola tinha uma vinculação religiosa, seja do protestantismo ou do catolicismo. Houve uma época, bem antes da invasão do protestantismo, que aconteceu em seguida à ocupação norte-americana no Haiti, em 1915, as atividades do Vodou eram praticadas de forma clandestina, mesmo que o Estado haitiano tenha firmado a Concordata do Vaticano²², em 1860, autorizando a Igreja Católica a interferir na educação escolar e na cultura do país. O papel que o Estado haitiano atribuiu à Igreja Católica revela a sua fragilidade enquanto Estado, visto que os campos da educação e da cultura são os principais alicerces de um projeto de nação.

Havia nitidamente uma política de subserviência epistêmica por parte do Haiti, ao transferir setores importantes da vida social para as mãos de instituições internacionais (LUCA, 2005). Me lembro ainda muito bem das violências que sofri no ambiente escolar, assim como outras crianças e adolescentes, e essas memórias são marcadas por um sentimento de tristeza e de dor, porque ainda lembro das aulas de catequese e ainda sinto as palmatórias e os efeitos no corpo dos severos castigos que sofri durante o ensino primário. Agora que estou revisando os fatos históricos que nos transformaram em uma “nação livre”, percebo a forte relação da colonização com o sistema educacional, em outras palavras, a escola era um braço da colonização no pós-independência. Foi de fato um erro histórico ter permitido que as congregações francesas mantivessem as escolas de maior prestígio no país, porque educaram gerações que futuramente dirigiriam o país, de modo a “afrancesá-los”, como lhes confiavam as elites.

Desenvolvemos uma tal fascinação pela cultura francesa e pela francofonia que, como dizia Madame Fortunat Guéry²³, em *ss Testemunhos* (1950) sobre as suas experiências quando estudante: “aprendemos que nosso país é a França”, o que nos faz conhecer melhor a *Marseillaise*, hino nacional da França, do que a *Dessalinienne*, hino nacional do Haiti. Por isso sempre senti que havia algo errado na maneira como a nossa história nos foi contada nas salas de aula e nos livros de história, o que me estimula a revisitar a nossa própria memória, de modo a construir e reescrever outra história, onde nossas verdades estejam presentes e as nossas versões sejam ouvidas. Tarefa que me ocupo como pesquisador, anteuropéuólogo e haitiano, junto com numerosos autores e autoras que me precederam. Dedico o tempo, energia e

22A Concordata do Vaticano é um “acordo”, feito em Roma no dia 28 de março de 1860 e firmado pelo Haiti, representado pelo presidente na ocasião, Fabre Geffrard, que proibia a prática do Vodou e se comprometia com a cristandade do país.

23 Citada por F. Hoffmann, 1989, p.60.

toda a minha vida a esse peuropeuósito, a compreender o m país e o papel que as nossas origens ancestrais africanas e indígenas possuem nesse processo de constituição do estado-nação.

No dia 12 de março de 2020, o professor Serges Covis²⁴, que já mencionei anteriormente, apresentou numa leitura metódica da tese do livro de Reni Eddo Lodge²⁵, intitulado originalmente: “Why I’m no Longer Talking to White People About Race” (“Por que não converso mais com pessoas brancas sobre raça”). Em sua obra, Reni Eddo Lodge, denuncia e explica os mecanismos estruturais e institucionais do racismo nas sociedades ocidentais, em particular nas britânicas. A tese principal do autor é que o alcance da igualdade efetiva nas sociedades contemporâneas não acontecerá apenas com o combate ao racismo como preconceito no cotidiano, que é o s efeito e não a sua causa, e sim quando combatermos as suas estruturas, que é o racismo institucional. A jornalista nigeriana britânica, Reni Eddo-Lodge, seguindo os comentários do professor Serges Covis, oferece uma oportuna e essencial estrutura nova para ver, reconhecer e combater o racismo. Há muito tempo pensava em entender por que os negros nunca falam bem dos negros. Hoje observo que há uma poderosa rede de peuropeuagan-da estruturada através das instituições religiosas e das escolas, e duas entidades estão na base dessa rede, são elas “o professor e o missionário francês”, um lutando contra a suposta “ignorância”, o outro contra a “superstição”, essas entidades são figuras centrais no racismo estrutural-institucional (HOFFMANN, 1989).

Essa estrutura de pensamento que define o haitiano como um sujeito de medo e de ódio contra si próprio e contra o outro, e que rejeita e oculta o seu passado ancestral, é categoricamente inadmissível. Ofendemos nossos ancestrais, tanto os afrodescendentes quanto os primeiros moradores da ilha, os indígenas Tainos, que não se denominavam como haitianos – quando ouvimos que o próprio Haiti não gosta do seu povo. Embora reconheçamos que esse modo de se auto representar, comum a muitas nações latino-americanas, é também consequência direta do racismo geográfico e econômico, da ignorância e dominação epistêmica, que reverte os padrões estéticos, culturais e morais em benefício dos brancos. Tudo isso nos foi legado pelas expedições europeueias que colonizaram o Haiti (JANVIER, 1883), colocan-

24“Le racisme est un problème des blancs”. Paris, France: Tamery Sematawy Maat, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1IK4yKyGsk>. Acesso em: 12 mar. 2020.

25 Reni Eddo Lodge: “Why I’m no Longer Talking to White People About Race”, 2018.

do o povo haitiano entre dois elementos distintos e antagônicos: de um lado a civilização africana, do outro, a barbarie europeuêia. O uso da violência, elevada à categoria de instituição da vida social e política, é um legado de barbarie deixado e perpetuado pelos colonizadores europeus. Em um dos ss últimos escritos, a entrevista com Rond-Point em 1962, Jean Price-Mars repete o que havia dito muitas vezes desde A vocação da elite quase meio século antes:

O mal de nossas origens históricas cristalizou uma mentalidade colonialista entre um grande número de nós perpetuando até os nossos dias as antigas categorias de classe de Santo Domingo (HOFFMANN, 1989).

1.3. O Haiti para os Seguidores do Vodou

Na minha busca sobre as origens do Haiti, e de todas as questões que envolviam a formação da sociedade e nação haitianas, nome, símbolos, mitos fundantes, entre outros fui levado a ouvir outras pessoas e acabei conhecendo alguns grupos e coletivos. Em 2019 participei de um grupo que se chama “Makaya an Aksyon”²⁶, que tem seu sítio na República Dominicana, portanto, composto por sacerdotes (Hougan), sacerdotisa (Mambo) e seguidores e seguidoras de Vodou (sèvitè lwa) vivendo em diversos países do mundo. Descartando a explicação forjada pelos eueuropeueus e norte-americanos, na sua política de dividir para reinar, encontrei explicações mais coerentes sobre as origens do Haiti, do que aquela que faz dos haitianos uma arma para se autodestruir.

Nessas novas explicações encontramos um forte preconceito, embora tudo que o Haiti tenha como herança da civilização negro africana esteja sujeito ao mesmo. O que deixa muito claro que a cultura nacional do Haiti pós colonialismo é uma herança da civilização ocidental cristã, que no final das contas é uma barbárie, pelo modo como a colonização “descivilizou” e degenerou o colonizado. Seria importante entender como o processo de colonização opera no sentido de destituir a humanidade do colonizado, para degradá-lo e brutalizá-lo no sentido

26 “Makaya An Aksyon” é um grupo de militantes que defendem os valores do Vodou, exigindo seu lugar na sociedade e não à margem da mesma. Se trata de uma organização funcionando à l’instar de uma instituição cultural, tendo horários de debates, rubricas variadas, data comemorativa etc. Makaya An Aksyon, cujo diretor geral é Aliance Albecin, um haitiano vivendo na República Dominicana, criou este grupo com a ideia de juntar todos os seguidores e seguidoras de Vodou afim de compartilhar os diversos conhecimentos que ele gera, enquanto ciência agrônômica, astrológica, esotérica e assim por diante. “Makaya”, segundo a linguagem do Vodou, é todo que se relaciona com as plantas e folhas, é o ato de plantar e colher. Ainda, acreditando nos dizeres dos seguidores de Makaya An Aksyon, Makaya é o caminho do desenvolvimento. A música de Steeve Brunach, intitulada Makaya, é uma referência dos seus significados: <https://www.youtube.com/watch?v=UuN5WquMSnY>

literal da palavra, despertando instintos violentos com a cobiça, o ódio racial, a disputa pelo poder e pela dominação moral. Como resultado da dominação moral, todos os elementos que vinculavam os haitianos às culturas e civilizações africanas foram violentamente abolidos, expeuropeurizados e ridiculizados pelos cristãos e colonos responsáveis pela coisificação dos negros e dos indígenas. Justamente por isso que Aimé Césaire, em 1955, no seu “Discurso sobre o Colonialismo” (CÉSAIRE, 1955) pronunciava que:

O maior responsável nesta área é o pedantismo cristão por estabelecer equações desonestas, o cristianismo é igual a civilização, o paganismo é igual a selvageria. Do qual não puderam decorrer abomináveis consequências colonialistas e racistas das quais as vítimas devem ter sido os indígenas, os amarelos, os negros (CÉSAIRE, 1955, s/n).

Observar o Haiti a partir dos elementos da colonização ou da civilização europeia cristã leva ao desprezo e depreciação da cultura e da raça negra, não apenas pelos brancos, mas também pelos próprios negros, como fruto do racismo estrutural. Astrel Roland²⁷ afirma que:

O haitiano ao viajar para o exterior enrubesce com sua nacionalidade: o mulato se faz passar por alto para francês ou sul-americano; o preto por um martinicano ou sendo vindo da Guadalupe. E dizer com certas pessoas que o Haiti tem suas raízes culturais na civilização negro africana tampouco não se vê de um tão bom olho.

Talvez essa explicação não esteja cientificamente correta, porém digo que é necessária para equilibrar em certo sentido a guerra e a intolerância cultural que a própria colonização e a civilização europeia criaram dentro de um mesmo território. A dificuldade em falar a respeito e de admitir uma presença africana na cultura nacional haitiana tem a ver com a maneira que o nacionalismo haitiano nasceu, inspirado nas civilizações europeias e norte-americanas. Apesar da quantidade de obras que descrevem a relação entre o Haiti e os colonizadores franceses, nunca foi suficientemente demonstrado que nossa mentalidade nacional é francesa e que é a França a responsável por todos os nossos males, quase sem exceções²⁸, isso é possível observar pelo comportamento dos haitianos, quando ainda frequentava a escola, por exemplo, vivi um sistema de educação baseado numa política de vigilância e castigo. É a mis-

27 Astrel Roland, um renomado líder militar que desempenhou um papel significativo como coronel no governo de Dumarsais Estimé. Além disso, era conhecido por sua dedicação ao bem estar e desenvolvimento das comunidades locais.

28Clément Magloire Saint Aude é poeta escritor do surrealismo haitiano, fundador do Jornal Le Matin, foi citado por HOFFMANN (1989).

tura do antigo sangue gaulês com o africano que deu origem a esta espécie rara, incompreensível, contraditória, orgulhosa e ambiciosa: o haitiano (THE DAILY RISE, 1920).

O mesmo Clément Magloire, no jornal que fundou em 1907, “Le Matin”²⁹, descreveu a nossa patologia dizendo “Entre o povo haitiano, herdeiro dos franceses [...], esse terrível defeito se desenvolve ao extremo” (HOFFMAN, 1989 Apud MAGLOIRE, 1907). Essa subordinação à herança francesa é tão desenvolvida que o haitiano sente prazer em criticar e menosprezar sua pátria e a si mesmo; aqui novamente: “Esta inclinação para nos condenar é, como tantos outros, uma herança francesa (HOFFMANN, 1989, p. 74). O que muitos autores admitem, tanto haitianos como estrangeiros, é a presença de duas raças e duas culturas compartilhando uma mesma faixa territorial, e infelizmente, cada um de nós carrega dentro de si um pouco do colono, do mulato, do comandante e do escravo. Nossa personalidade, portanto, se desenvolveu em meio a essa frustração e confusão, o que explica, de fato, que essa inclinação hereditária à incessantes brigas entre nós. A maioria dos ensaístas, principalmente Jean Price Mars, estão de acordo sobre esse elemento do preconceito racial que herdamos pela assimilação dos padrões ocidentais. De acordo com Deslandes, Price-Mars, Pradel e a maioria dos ensaístas Haitianos, o preconceito de cor no Haiti se revela como um elemento constituinte da mentalidade coletiva, e a principal fonte de injustiças, tensões, ódios que divide a sociedade desde os tempos de independência (MARS, 1939)

O professor Jacques Stephen Alexis³⁰, um dos haitianos que participou do primeiro Congresso de escritores e de artistas negros em Paris em 1956, junto com uma plêiade de escritores e artistas de diferentes países, sobre o tema “A crise da cultura”, falou sobre a legitimidade do congresso ao afirmar que “só existe cultura nacional”, onde a cultura negro-africana correspondia a uma abstração (CESAIRE, 1932). Apesar de tudo que a colonização e a civilização europeia fizeram para descivilizar ou desculturalizar a África, Aimé Césaire, na conferência do primeiro congresso dos escritores e artistas negros, ao falar da autenticidade de uma

29 Jornal de informação geral criado em 1º de abril de 1907 em Port-au-Prince por Clément Magloire. O jornal é transmitido diariamente em todo o território haitiano.

30 Foi um ativista, poeta e romancista comunista haitiano. É mais conhecido por seus romances *Compère Général Soleil* (1955), *Les Arbres Musiciens* (1957), e *L'Espace d'un Cillement* (1959), e por sua coletânea de contos, *Romancero aux Etoiles* (1960), congressista do primeiro congresso internacional de escritores e artistas negros, Paris-Sorbonne, 19-22 de setembro de 1956

grande família de cultura africana, mencionou que merecia ser chamada de civilizações negro-africanas.

Quanto mais infrutíferas revelavam essas tentativas eurocêntricas de extrair os países negros de sua cultura originária, para lhes dotarem de uma cultura rancorosa, violenta e de auto ódio, mais as “massas” desenvolviam uma cultura própria no que diz respeito à vida familiar (poligamia funcional), à organização do trabalho coletivo (kumbit), à linguagem (crioulo), à religião (vodu), à expressão artística (danças folclóricas e canções, contos, provérbios e enigmas, pinturas “ingênuas”) etc. Muitos de nossos recentes países se ressentem da alta taxa de analfabetismo que o novo nacionalismo nos colocou, onde os mulatos eram os novos donos da terra, gozando dos mesmos privilégios que a classe branca e toda a metrópole francesa. Sobre isso, a nova constituição de 1805 deixava clara a situação em s Art.: 12: “Aucun blanc, quelle que soit sa nation ne mettra pied sur ce territoire, à titre de maître ou de peuropeuriétaire et ne pourra à l'avenir y acquérir aucune peuropeuriété”³¹ (HAITI, 1805).

Em 1956, defendendo a existência de uma diáspora civilizacional africana, Aimé Césaire, na sua conferência no congresso de Sorbonne, fez essa impecável declaração: “e você sabe que os avatares da história fizeram com que hoje o campo dessas civilizações, o ar dessas civilizações se estendam muito além da África, e é nesse sentido que podemos dizer que existe no Brasil, ou nas Índias Ocidentais, tanto no Haiti como nas Índias Ocidentais francesas ou inglesas ou mesmo nos centros das grandes civilizações negro-africanas (CESAIRE, 1932, p. 143-149). O Haiti é o país mais africano de todos os países do mar caribenho, é o país que mais carrega o peso da ciência e da civilização africanas, e a incorporação mental e espiritual de uma África única e unida, e o encontro na cerimônia de *Bwa Kay Mun*³² é uma prova viva dessa união. Não fosse pelos espíritos de nossos ancestrais, jamais teríamos conseguido nos livrar do sistema de escravização que diariamente nos matava por milhares e milhares de décadas.

31 Constituição de 1805 do Haiti.

32No dia 14 de agosto de 1791, no Cabo Haitiano, Haiti, ainda sob o domínio francês, iniciou-se a cerimônia de “Bwa Kay Mun” – ‘bosque dos jacarés’. A cerimônia reuniu centenas de pessoas e povos que buscavam suas liberdades. Consistiu em uma grande cerimônia vodu, foram dias conectados às ancestralidade africana e indígena, dias de preparação para as batalhas, que libertariam o Haiti da violência colonial europeia, no ano de 1804. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/08/18/congresso-de-bwa-kayiman/> Acesso em 14 de fev. de 2022.

O Haiti está ligado a África em valores, cores e sabores, não existe possibilidade de separação. Já que o nome mesmo do Haiti, está vinculado a uma entidade espiritual africana denominada “Ayizan”. Ai-Zan é uma palavra africana que significa "Palmeira do Reino", emblema da pureza e da eternidade da ciência das rotas astrais; também simboliza "poder" e "liberdade" (LEMOINE, 2012). Por isso na bandeira haitiana, que é o símbolo visível da pátria, existe uma palmeira no meio representando o espírito de Aizan, ou seja, da liberdade. Como estou tratando de dizer que uma boa parte da população haitiana, obviamente já cristianizada, não tolera tal intimidade entre o Haiti e a África, contudo para os fiéis conservadores das culturas ancestrais, o Haiti é uma herança africana e não colonial, razão pela qual devemos lutar contra os preconceitos forjados no campo da colonização, como as barreiras do nacionalismo em relação às civilizações negro africanas.

Desde o prefácio do livro “Histoire des Afranchis de Saint Domingue”, e durante praticamente todo o resto do livro, Beauvais Lespinasse mostrava a relação mútua e o dever de uma filha frente a sua mãe e o orgulho de fazer parte disso tudo: Haiti, a filha mais velha da África, considerando a sua história e sua civilização como a primeira página na história da reabilitação da nossa raça. Ela deve dar o exemplo aos seus jovens irmãos, renovando constantemente as suas exigências para a civilização da África, antes do Congresso das Nações, chamado para fazer da humanidade uma grande família de irmãos³³.

Desse modo, quando “Aizan”, a Palmeira do Reino, simbolizando poder e liberdade, se situa no meio da bandeira haitiana, este é um autêntico exemplo de que a ancestralidade africana está ancorada no coração do Haiti. Contudo, do ponto de vista político, ali se alterna uma instabilidade mais ou menos marcada com um despotismo mais ou menos repressivo. Do ponto de vista social, como uma pequena minoria, a “elite” explora impiedosamente a “massa” que mantém na miséria e na impotência (HOFFMANN, 1989). Infelizmente, na promoção oficial da cultura nacional do país, constatamos uma hipocrisia intelectual coletiva por parte do poder político, que desvaloriza os traços intrínsecos do Haiti e África, objetivamente o crioulo haitiano em aspecto linguístico e o Vodou em aspecto cultural. Depois da independência, um problema fundamental que surgiu era a construção de uma nova nação a partir de um

33LESPINASSE, Beauvais. **Histoire des Afranchis de Saint-Domingue**. Paris: Joseph Kugelmann, 1882. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00010957/00001/5>. Acesso em: 26 ago. 2021. p. 19

modelo civilizacional ainda incerto, visto que a independência era ainda frágil e havia a possibilidade de uma volta ofensiva dos colonizadores.

Para a nossa infelicidade, a classe política e intelectual que tomou o poder, organizou o Estado com base no modelo europeu, onde a grande maioria dos haitianos falava apenas crioulo, mas a língua francesa foi mantida; a grande maioria praticava apenas vodou, mas a religião católica tornou-se a religião oficial; onde o código Napoleão, o sistema de ensino francês, as estruturas administrativas desenvolvidas na França metropoleuolítana foram adotadas em bloco (LESPINASSE, 1882). Contudo, apesar de terem se esforçado muito para anular a nossa herança, foram mal-sucedidos nessa missão, porque, como lemos na “Vocação da Elite”, de Jean Price Mars³⁴, “não somos africanos, não queremos mais ser africanos; mas, apesar de nós mesmos, herdamos muito da alma africana” (HOFFMANN, 1989, p. 54). O fato é que o Haiti é uma herança africana, e não tem nada que possamos fazer contra, por mais que neguemos essas origens e tradições. O poeta René Depestre, em 1980, no “Bom dia e adeus à negritude” (Bonjour et adieu à la négritude), expressava de maneira clara e lúcida os laços que vinculava o Haiti à África nos seguintes termos:

No Haiti, a África se manifesta por meio de um conjunto de percepções, representações, reflexos, particularidades psicológicas, formas de alienação religiosa, experiência de trabalho, tradição oral, dança e ritmos musicais que se traduzem em vodou, artesanato, cultura da terra, folclore, estrutura da língua falada pelo povo haitiano, "crioulo", e em outras manifestações da sensibilidade e a vida psicológica das pessoas, resultado de um longo processo de cruzamento cultural e sincretismo (DEPESTRE, 1980, p.25).

1.4. Vodou e Igreja: uma convivência antagônica e não sincrética

Sabemos que existe uma forte relação entre a Igreja católica, o Estado e o Vodou, onde o Vodou está totalmente à margem da sociedade, ocupando um lugar liminar, apesar de eventualmente participar das atividades religiosas católicas. Porque afinal, a maneira que o catolicismo acompanhou a escravização, como um braço da civilização ocidental, não tem como separar a história do Vodou no Haiti do catolicismo, por estarem sempre próximos e ao mes-

³⁴Jean Price-Mars (1876-1969) foi um antropólogo, professor, diplomata e político haitiano, cujo trabalho antropológico examinou sobretudo a cultura e a religião populares haitianas, suas origens africanas e europeias e sua relação com o colonialismo e a escravidão.

mo tempo disputando o campo da fé. Porém, o Vodou e a Igreja possuem uma relação polêmica, e constantemente tensa, gerando conflitos que causam muitos sofrimentos. Devido à essa “coexistência” forçada, podemos falar de um certo sincretismo, uma assimilação ou troca de elementos entre duas culturas diferentes e antagônicas.

Contudo, com a participação forçada dos escravizados nos rituais católicos, aumentando a presença da população negra nas igrejas, a religião também foi obrigada a integrar certos instrumentos africanos, com o intuito de atrair os escravizados para os ss cultos e rituais litúrgicos. Em um debate com o vice-presidente do grupo de Makaya An Aksyon em 2019, ele explicou que um dos exemplos mais notórios a respeito disso é a presença do tambor, que simboliza o coração dos ritmos africanos. O vice-presidente Sandro, do Makaya An Aksyon, insiste de que o tambor não é de origem europeueia, por isso resulta impossível de que a igreja católica sempre teve tambor³⁵. O tambor foi introduzido como um atrativo para a conversão e não como elemento sincrético.

Obviamente que o Vodou pegou muitas coisas do catolicismo, as representações de figuras humanas, por exemplo, as imagens de santos e santas católicos/as, e tantas outras noções e costumes. Porque o Vodou, originalmente, não nasc adorando imagens de figuras humanas. As entidades do Vodou, que são chamados “Loas”, não são representadas por rostos humanos, esse elemento foi agregado no Vodou durante a coexistência forçada com o catolicismo. Assim que para cada Loa ou Orixá, foi atribuída uma equivalência com um santo ou santa da Igreja Católica. Damballah sincretizou-se como São Patrício; Aida Wedo com Santa Isabel da Hungria; Agwea com São Ulrico; Ogoum Feray com São Tiago Maior; Legba com São Pedro; Loko com São José; Isolei com a Virgem Maria³⁶ e assim por diante.

Porém, como o Vodou originou-se das etnias Fon de Dahomé e Iorubá da Nigéria e outras regiões, não existia essa prática de adoração de imagem esculpida à mão humana, suas figuras não eram humanas e sim geométricas. Essas figuras geométricas sagradas são chamadas de Vèvè. Os vèvés são considerados o que há de mais refinado na arte do Vodou, são as assinaturas de deuses escritas sobre o solo pelos Houngans ou as Mambos (PIERRE, 2009). A Igreja integrou elementos africanos para levar os africanos para dentro da igreja, e os escravi-

35Sandro, vice-presidente do grupo de Makaya An Aksyon, debate de 2019.

36Makaya An Aksyon. Pequena rúbrica sobre o sincretismo, 2019.

zados aproveitavam o culto da igreja para “enganar” os colonizadores, dando novos códigos ao Vodou (PIERRE, 2009), além do que, a participação na igreja permitia que os nativos aprendessem e adotassem alguns elementos religiosos católicos no Vodou, como estratégia para diminuir a rejeição contra a prática. Ou seja, a população negra, mesmo em contexto de escravização, não se converte ao catolicismo como um ato de abandono à cultura de origem, se tratava mais, na verdade, de uma estratégia de resistência e resiliência na defesa das suas culturas e religiões.

CAPÍTULO 2: PODER E ESTADO UMA CONSTRUÇÃO ACUMULATIVA E PERPÉTUA

1. PODER E ESTADO

O que é o Estado e como se define o Estado-nação? Afinal, é um projeto de sociedade ou um projeto nas mãos da burguesia? Como que o Estado em sua trajetória histórica vai se transformando e se consolidando? Existe uma diferença entre os antigos estados imperialistas e o estado moderno? Seria a modernidade uma forma de imperialismo? Qual o paradigma central dos países do chamado “tiers-monde”? Enfim, se o estado contemporâneo é o conjunto de transformações hegemônicas na passarela da história, qual foi o estado haitiano que nasc depois da independência e a partir de qual ordem ou disputa hegemônica ele se estruturou? Qual a relação da Revolução haitiana com a Revolução Francesa? São muitas as questões que fundamentam o presente capítulo, mas todas elas relacionadas com o advento do estado moderno, de modo a desnudá-lo no contexto contemporâneo.

Como expressa Rafestin (1980), o nível da geopolítica, que organiza a reflexão e estratégias em torno do poder, não tem, é claro, nada de profundamente original, desde que os politicólogos substituíram esse conceito-piloto no lugar do Estado, que durante muito tempo "foi o objeto privilegiado de toda reflexão política" (RAFESTIN, 1980, p. 5). Ainda assim, entendemos que o tema do poder, ou seja do Estado, apesar de ter sido explorado por muito tempo como objeto de reflexão pela geografia, anteuropéuologia, sociologia, ciências políticas, economia, entre outras ciências humanas, o tema e os conceitos que o circundam ainda parece inesgotável.

Nas artes de governar, cuja principal técnica tem sido o biopoder, como denuncia Foucault, mostrando a genealogia do poder desde a idade média até os dias atuais, o poder passa a ser mais do que um simples domínio exercido pela força e se torna um mecanismo de regulação, controle e disciplina extremamente sofisticado. Sua sofisticação está associada à sua naturalização, que só é possível pelo seu vínculo com o conhecimento e a ciência ocidental. É a ciência ocidental moderna que vai organizar os mecanismos e dispositivos de poder, de tal modo que o ser, o saber e o poder se tornam dimensões inseparáveis sob a lógica do sistema disciplinar, que é também um sistema científico com suas dinâmicas e funcionamento próprios. O poder científico, tutelado pelo iluminismo e estruturado na europeia, em especial na França, que se tornou o berço das ideias ilustradas, embora o iluminismo tenha nascido na Inglaterra, vai entronar o Estado como o centro do poder, o apresentando como algo que já existe de forma acabada e consolidada, mas ao mesmo tempo, como algo que está em aberto, como um projeto ainda em construção. Esse é o efeito capilar do estado, a ilusão de que ele pode ser modificado em prol da sociedade, enquanto ele circula e reverbera ele exerce a sua força de forma invisível (FOUCAULT, 1999). Nas palavras de Michel Rolph Trouillot:

O Estado moderno é como uma etapa lógica da evolução histórica, as teorias de Estado instrumento, porque definitivamente neste paradigma ocidentalizado, os teóricos definem o Estado como instrumento, que não permitem de entender as especificidades dos Estados dos países do Tiers-Monde estacionado na periferia do mundo capitalista. O que todas as teorias afirmam é que o Estado não é uma variável independente, senão uma simples derivada (TROUILLOT, 1986, p. 29-30)

No caso dos estudos realizados sobre o Estado Haitiano, fica claro que não se trata de uma “variável independente”, porque tudo está associado de modo a manter sobre nós o maior controle e privação possíveis. O que esperamos é que “um homem, uma família ou uma camarilha apareça com as qualidades e a boa vontade necessárias para nos causar o menor dano” (MARS, 1919, p. 34).

Como um elemento em construção permanente, Foucault acrescenta que o estado vai se tornando “mais sólido e permanente, para que esteja rico e forte diante de tudo que poderia o destruir”. Assim que se define “governar”, segundo a “razão do Estado” (FOUCAULT, 1999). Entender o poder como algo que já existe e como algo em perpétua construção, simultaneamente, me faz pensar nas suas variabilidades em tempos anteriores, bem antes de pensar neste formato de estado nacionalista, referindo-nos à história da organização dos grandes rei-

nos e impérios ocidentais, que tivemos a obrigação de estudar na escola, encontramos a mesma organização na história do Estado nacional sem quase nenhuma diferença da história do Estado escravocrata, fidal e colonial. Ou seja, o Estado não perd nada do s antigo poder e prestígio, nem da sua formidável onipotência (MARS, 1919). Seja no tempo dos grandes reinos, quando o estado colonial administrava a economia escravagista, seja nos tempos modernos, quando o estado controla a nação e o “seu povo”, a sua história de poder é sempre a mesma: o controle absoluto sobre os oprimidos e marginalizados.

Nesse sentido, entendemos que a escrita da história está se tornando cada vez mais complexa e difícil, pelo imenso controle exercido sobre as narrativas e o registro delas mesmas. É fácil atribuir o poder de Deus às fraquezas humanas, ao Cristianismo ou ao poder divino dos reis para governar em prol dos ss interesses e das suas elites, pela queda de Estados ou o nascimento de novas sociedades (JAMES, 1938). O debate que apresento nesse capítulo já existia desde 1938, com a publicação da obra de Cyril Lionel Robert James: “The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution”, qualificada como um dos mais importantes “manifestos historiográficos antiimperialistas en la antesala de la descolonización” em sua versão em espanhol (JAMES, 1938, p. 37-38). Agora, quando falamos em entender o Estado a partir da “razão do próprio Estado”, é exatamente o que Gramsci³⁷ faz denominando-o de “dicotomia dominação-libertação” ou simplesmente “hegemonia”, para pensar as diversas configurações sociais que se apresentam em distintos pontos no tempo e no espaço, desde a perspectiva marxista (ALVES, 2010).

Enfim, o objetivo desse capítulo é então entender o Estado enquanto um sistema em movimento hegemônico e dialético contínuo, que vai fundamentar o projeto de nação do Estado haitiano constituído após o processo de independência e em permanente construção no contexto atual. A partir de qual ordem e em que nível de disputas do processo hegemônico de construção do Estado haitiano se estruturou, e que ordem ou desordem essa estrutura produz? É o que pretendo analisar, compreender e descobrir com a pesquisa.

1.1. O Estado: uma invenção recente

³⁷De acordo com Anderson (1989), Gramsci está situado no momento de transição entre a primeira geração do marxismo e o marxismo ocidental.

Antes de entrarmos no que nos concerne, ainda na mesma direção da porta giratória do Estado, Anthony Giddens, assim como numerosos autores que estão insistindo sobre a importância das condições de origem dos estados nacionais, distingue quatro tipos de Estado: o Estado de origem clássica; o Estado de origem colonial; o Estado pós-colonial; e o Estado modernizador (GIDDENS, 1985). Não considero importante descrever cada um deles, porque são definições quase autoexplicativas, mas uma coisa importante e óbvia que gostaria de destacar é como ele define o Estado colonial “na sua solidez de identidade nacional” (GIDDENS, 1985, p. 269), diferenciando-o do Estado pós-colonial, que, segundo Cyril James, está “marcado por divisões étnicas, culturais e linguísticas” (JAMES, 1938). O que de fato vem a marcar uma diferença comum e um impacto social muito grande entre os Estados periféricos que tiveram a sua independência no século XIX e aqueles que conseguiram a sua independência depois da segunda guerra mundial, segundo o economista guianense Clive Thomas³⁸.

O Estado nação é, por definição, uma unidade que demarca uma especificidade espacial, segundo Clark Dear (1984, p. 1-6), com fronteiras que definem a população e o território sobre os quais o poder estatal exerce a sua soberania (TROUILLOT, 1986). Portanto, Raffestin, o autor da “Geografia do Poder”, apoiando em Ratzel dirá que “o poder não é nem uma categoria espacial nem uma categoria temporal, mas está presente em toda ‘produção’ que se apoia no espaço e no tempo” (RAFESTIN, 1980, p. 5). O que nos remete novamente a Michel Foucault, quando diz que:

Foi o exercício dessa mesma teoria da soberania que atua entre as mãos dos aristocratas ou entre as mãos dos parlamentares do lado dos representantes do poder régio ou do lado dos últimos senhores feudais. Ela foi (...) o instrumento da luta política e teórica em torno dos sistemas de poder dos séculos XVI e XVII (FOUCAULT, 1999, 83).

No século XVIII é sempre essa mesma teoria da soberania, reativada do direito romano, que vamos encontrar em Rousseau e em seus contemporâneos do século das luzes, que na realidade mais se assemelha ao século das trevas. Especialmente Voltaire, e todos aqueles que eram humanistas nos livros, mas financiavam o mercado de escravizados na prática. Mesmo sabendo que o Estado é um instrumento, uma força de controle que está sempre se renovando, porque quando um Estado cai é preciso construir outro, Anibal Quijano retomará o que dizia

³⁸Clive Youlande Thomas é professor de economia ativista político guianense. Publica sobre temas relacionados com o desenvolvimento e a erradicação da pobreza na Guyana e na região do Caribe. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Clive_Y._Thomas Acesso em 14 de fev. de 2023.

Engels muito tempo antes, ao dizer que: “o Estado não existiu desde sempre”, tomando como exemplo as sociedades tribais (desde os indígenas peles-vermelhas da América do Norte até os indígenas que vivem ainda na Amazônia ou na Oceania), são povos que desconhecem a ideia de Estado e de poder estatal, assim como, a ideia de raça (des castes, des ordres, compagnonnages, des maitres de jurant³⁹). Clastres reforça essa ideia quando afirma, após o estudo com os Aché Guayaki, que “Não é nesse solo (das Américas ou africano) que se enraíza a árvore genealógica do Estado” (CLASTRES, 1978).

A análise teórica do Estado pré-moderno reduziu-o à noção de poder político. Nesse período, a criação da autoridade estatal, a formulação de preceitos e regras de conduta, atuando como práticas de subjetivação que geravam as atitudes de coesão voluntária do indivíduo em torno do Estado, eram funções que não competiam ao Estado, mas sim à religião (FERNÁNDEZ, 2011). O que esses autores querem dizer, ou diferenciar, a partir de estudos com temas e em regiões geográficas diferentes, é que nem sempre existiu o Estado da forma que é conhecido em sua organização política tradicional e contemporânea de governo. Contudo, o poder, em todas as suas dimensões, sempre existiu e existirá independente da cultura, da região, das classes sociais e do nome que se dá às estruturas de poder existentes.

1.2. Revoluções: diferenças e especificidades estatais

Estudando as especificidades da Revolução de Saint-Domingue, apenas para dar alguns flashes das linhas conclusivas, esse trabalho segue o raciocínio da análise historiográfica realizada por C.L.R. James, na sua obra majestosa “Os Jacobinos Negros”, ilustrando cientificamente a importância do Caribe no desenvolvimento da história transatlântica. C.L.R. James vai demonstrar, como Anibal Quijano e Enrique Dussel, que a economia transatlântica e a escravização na América foram parte integrante e fundamental do desenvolvimento europeu. James demonstra, de maneira bem simples, a ideia corroborada neste trabalho de que “a Revolução haitiana não nasc da Revolução francesa e que a Revolução haitiana é a única Revolução da modernidade, tendo como foco a destruição do sistema colonial, escravagista e feudal como um todo, excluindo a categoria raça dos usos científicos e políticos e abolindo o sistema hierárquico que sustenta a raça, o patriarcado e a classe. Sobre isso temos provas irrefu-

³⁹Tradução: castas, ordens, guildas, mestres de guilda.

táveis, não podemos esquecer dos numerosos e notórios estudos devotados às origens da nossa nacionalidade.

Historiadores, filósofos e políticos demonstraram detalhadamente as circunstâncias excepcionais em que surgimos e as lutas heróicas que travamos para constituir nossa personalidade política (MARS, 1919, p. 38). Contudo, recolocar essas lutas é também revivê-las e ressignificá-las. Ainda que sirva para entender alguns processos, a perspectiva decolonial serve mais para reestruturar o pensamento acerca desses processos, do que para encontrar soluções macro políticas. Porque rever a colonialidade é senti-la novamente: suas dores, cicatrizes, suas correntes e sua condição, o que faz com que o estudo se misture à militância, porque liberta as nossas epistemes e a nossa capacidade de sonhar. A subserviência que foi implantada em nossas mentes do mesmo jeito que nos rompe também nos aprisiona.

Uma das especificidades das sociedades dependentes é justamente essa tensão permanente entre as forças centrípetas do Estado e as forças centrífugas que dominam o país. (TROUILLOT, 1986). Por conseguinte, desde o nascimento, o Estado moderno apresenta dois elementos que diferem dos Estados do passado, aspectos que não existiam, por exemplo, nos Estados antigos dos gregos e dos romanos. A primeira característica do Estado moderno é a autonomia, essa noção de soberania plena que os estados modernos têm conquistado, a qual não permite que sua autoridade dependa de nenhuma outra autoridade exterior. Essa soberania não é a do soberano monárquico, como antigamente, mas uma soberania da estrutura política e jurídica como um todo, abrangendo todo o sistema. Ora, nos séculos XVII e XVIII ocorreu um fenômeno importante: o aparecimento - ou deveríamos dizer a invenção - de uma nova engrenagem de poder, cujos procedimentos são bem particulares e novos, um aparelhamento muito diferente, absolutamente incompatível com as relações de soberania, que é o processo de globalização, que reconfigura o sistema e a ordem política mundial e afeta a soberania dos estados nação.

A segunda característica, é a distinção entre Estado e sociedade civil, que vai evidenciar-se no século XVII, principalmente na Inglaterra, com a ascensão da burguesia. O Estado se torna uma organização distinta da sociedade civil, embora seja expressão desta. Nas palavras de Perry Anderson, a história política mundial teve grandes metamorfoses nos séculos que sucederam a idade média, porque desde o princípio até o final da idade média o absolutismo

foi desalojado de seu domínio de poder político, visto que a monarquia absolutista foi uma forma de monarquia fidal diferente da monarquia dos estados medievais que a precedera. No entanto, a classe dominante permaneceu a mesma: assim como numa república, uma monarquia constitucional ou uma ditadura fascista, embora sejam regimes políticos diferentes, todos eles podem ser formas de dominação da burguesia (ANDERSON, 2004). Acreditamos que o escopo discursivo e simbólico que estabelece uma divisão entre populações brancas e não brancas não é uma geocultura⁴⁰, no sentido de Wallerstein (WALLERSTEIN, 2007), mas um escopo constitutivo da acumulação de capital em escala mundial desde o século XVI (WALSH, 2007).

1.3. A Revolução Haitiana: semelhanças e singularidades

Exatamente pela necessidade de acumulação do capital em escala mundial, que o capitalismo atua nos países periféricos, normalmente ex-colônias de grandes potências, vinculando-se ao seu passado colonial, resultando em dinâmicas de exploração econômica que em muito se assemelham com as práticas dos projetos de colonização. Contudo, o Haiti carrega características muito próprias em relação à sua herança colonial, que destoa dos demais países da América Latina e Caribe, e o ponto de diferenciação é exatamente a Revolução que culminou na sua independência. A revolução haitiana fez do Haiti um marco na história mundial, ao se tornar a primeira república negra do mundo, equiparando-se em termos mundiais apenas à história da Etiópia no continente africano. Com a diferença de que a Etiópia foi a primeira monarquia negra e o Haiti a primeira república negra. Contudo, vendo o contexto de marginalização e liminaridade das culturas tradicionais desses países, parece óbvio, tal como afirma Trouillot, que a “soberania haitiana de 1804, herdeira da estrutura militarista de 1801, sofre do mal conforto do passado colonial”. O que vai conduzir muitos autores a falar de instabilidade dos Estados periféricos apesar da suposta autonomia política e/ou da soberania nacional (AMIN, 1980:177; THOMAZ, 1984; SEM, 1985).

40 Inmanuel Wallerstein, em *Geopolítica y Geocultura* (2007), denomina a geocultura como “um modo contraditório no qual um sistema social adquire consciência de si”.

O Haiti, além das glórias aos pais fundadores da nação e da sua radicalidade em termos de revolução, não é muito diferente no processo de constituição nacional. Se o Estado está em toda parte e se faz presente em tempo integral, então sabemos que a abolição da servidão não significaria ainda o desaparecimento das relações feudais no campo, visto que o estado moderno carrega traços do estado feudal devido à concentração fundiária na América Latina. Em outras palavras, devemos admitir que nem a revolução das massas de Saint-Domingue, por mais gloriosa que tenha sido, não conseguiu dar fim às relações de dominação que oprime os haitianos. Continuamos sofrendo, mental e fisicamente, com os efeitos da colonização e da colonialidade nas nossas vidas e no nosso território.

É certo que o Estado haitiano precedeu de maneira cronológica todos os Estados da América, sem exceção nenhuma se for considerar a participação de 800 haitianos libertados, “pessoas de cor livre”, conhecidas como “os caçadores voluntários” de Santo Domingo, que lutaram, em 1779, durante a batalha de Savannah pela independência da primeira federação norte-americana. Mesmo que tenhamos esperado até 05 de junho de 1862 para que os Estados Unidos reconhecessem a independência haitiana ocorrida em 1791, ou seja, 57 anos após a independência e dois anos antes da abolição no território americano em 1864, a revolução haitiana representou um marco histórico, como já mencionado, na história mundial. Enquanto os Estados Unidos se tornaram um estado forte, respeitado e aceito pela comunidade das nações, o Haiti se tornou um estado pária, isolado, desprezado e fraco, pelo embargo sofrido pela França e países aliados. Na percepção das autoridades americanas, o Haiti é acima de tudo um estado povoado por “selvagens” que devem ser reprimidos e ignorados pela diplomacia.

Contudo, paradoxalmente, o fato é que os negros nos Estados Unidos estavam bem cientes, muito antes da Guerra Civil, que os irmãos haitianos estariam na vanguarda da nossa raça, pois as suas lutas já haviam conferido reputação e fama tão duradouros quanto a história do mundo. Não há dúvidas sobre o que representava o Haiti depois da Revolução, enquanto um modelo a ser seguido por todo povo negro escravizado. Após ter acabado com o sistema escravagista europeu, o povo haitiano [...] tem uma grande missão a cumprir na bacia do Caribe primeiro, no continente americano depois e finalmente no mundo inteiro, a de servir de bússola, guia e tocha para a raça negra em pleno (HOFFMANN, 1989, p.25). Mesmo quando

Simon Bolívar se refugiou no Haiti, o presidente Pétion não tinha lhe fornecido ajuda e proteção, às custas do "Libertador" para abolir a escravidão.

A Revolução haitiana mostrou ao mundo que a escravidão não é normal e que os negros podem governar por si próprios. As características dessa revolução a tornaram "uma anomalia, uma ameaça e um desafio" [...] De fato, após a revolução haitiana, escravizados se levantaram em várias plantações da região (Martinica, Guadalupe, Brasil, Porto Rico, Barbados, Trinidad, Jamaica, Cuba, Dominica, Honduras, em vários estados dos Estados-Unis em particular Nova Orleans e Virgínia etc.) e foram severamente reprimidos (ARTHUS, 2016, p. 104).

Não podemos negar e tão pouco parar de nos orgulhar de como o sistema de Estado-Nação haitiano se estruturou depois da independência. Lamentavelmente, o projeto de nação não foi bem-sucedido, dado o tamanho das forças de oposição, embargo e rompimento das relações diplomáticas com o Haiti. Já, antes de 1804, como a estrutura sistêmica da organização nacional haitiana não repousava tão solidamente em uma aliança da burguesia nacional com os grandes europeuários de terra, como ocorre no resto da América Latina, o mundo podia celebrar nas costas da revolução haitiana o que muitos chamavam de “fim da história”.

Essa densidade histórica e o contexto em que a nação adquiriu sua independência fortalecem a postura nacionalista do estado haitiano. Mas, por razões que estamos tornando visíveis no decorrer dessas linhas, como vocês podem constatar, “o tempo não ajudou a fortalecer os laços do Estado e da nação”. Ao contrário, vindo dos Estados Unidos, ou seja, de uma violenta revolução anticolonial, o estado haitiano estava predisposto a manter a postura nacionalista ainda mais rígida. Mas o Estado-nação não completou um grau maior de integração porque não favorece as forças tradicionais. Porque definitivamente, sabemos que a fusão contraditória e ambígua das duas forças, novas e tradicionais, é que leva às rupturas políticas, assim assistimos durante a renascença, momento em que a civilização da europeia ultrapassou de modo decisivo as civilizações que lhes eram paralelas. Mesmo sabendo que na realidade tudo que houve na europeia foi fruto da barbárie, do plágio e da imposição de uma moral própria. Não podemos negar que houve, o que professor Cheik Anta Diop chamou, de falsificação moderna da história, pois para esse autor todo o conhecimento que foi usurpado do mundo negro pela civilização europeia.

Dito de outro modo, sabemos que “foi precisamente a fusão contraditória das forças novas e tradicionais que definiu a ruptura política ocorrida na ilha durante a renascença” (AN-

DERSON, 2004, p. 112). Jean Delumeau, na “Promoção do Ocidente”, vai mencionar que “a civilização da europeia”, mesmo que se tratasse de um “paralelismo civilizacional que se concentrava no coração da Ásia, com um grau de senhoria menor atribuído às civilizações do continente africano”, na verdade, a África permaneceria sempre igualmente descartada (DUSSEL, 1994).

Sobre a África, Hegel escreveu algumas páginas mais horrorosas e insultantes na história da filosofia mundial, que valem a pena ler, embora deva ter muito senso de humor, já que é o culminar fantástico de uma ideologia racista, cheia de superficialidade, com infinito sentido de superioridade, que mostra bem o estado de espírito da europeia no início do século XIX: “A África é geralmente uma terra fechada, e isso mantém o caráter fundamental”. Entre os negros, é de fato característico que sua consciência ainda não tenha atingido a intuição de nenhuma objetividade, como, por exemplo, Deus, a lei, na qual o homem está em relação à sua vontade e tem a intuição de sua essência [...] É um homem áspero. A África [...] não tem uma história própria. É por isso que abandonamos África, para não falar mais nisso. Não faz parte do mundo histórico; não apresenta um movimento ou um desenvolvimento histórico [...] que entendemos bem por África é algo isolado e sem história, ainda completamente imerso no espírito natural, e quem só pode ser mencionado aqui, no limiar da história universal (DUSSEL, 1994, p.180).

Sabemos o que de fato representava a África para as civilizações antigas, ainda assim, o Egito é uma das referências para os processos de emancipação do povo negro, a relevância das civilizações egito-nubianas, como as primeiras e mais avançadas do mundo, povoou o imaginário do mundo negro até os dias atuais. Na parte introdutória, ainda mais detalhado, no capítulo 4 do livro intitulado “Civilização ou Barbárie”, assim, Cheikh Anta Diop, expressar-se:

Em seguida, medimos a quão europeizada é a noção que muitas vezes recai, as importações de ideologia estrangeira para a África resultam de uma perfeita ignorância... tanto quanto a tecnologia e a ciência moderna vêm da europeia, tanto quanto nos tempos antigos o fluxo de conhecimento universal do vale do Nilo e do resto do mundo e, particularmente, da Grécia, que servirá então de elo intermediário (DIOP, 1981, P. 192).

Ainda na mesma perspectiva revisionista da obra de Cheikh Anta Diop, o professor Clovis, o palestrante das plataformas digitais, concluiria dizendo: “Se o Ocidente aceita a tese monogenética africana e negra da humanidade. A tese da origem egípcia das ciências das artes das letras - se o Ocidente aceita, isto é, se a ensina - e se aceita que ensinamos a tese segundo a qual os africanos estão na origem do Enriquecimento de toda a europeia e que é o genocídio ameríndio e o genocídio africano que estão no nascimento do capitalismo - e se aceitarmos que ainda é trabalhado de graça para os Estados Unidos, seria suicídio intelectual e moral para o Ocidente” (Clovis, 2019).

Contudo, voltando ao foco principal, e destacando a importância de compreender que o modernismo está diretamente vinculado à escravidão ocorrida na América Latina e no Caribe, através do tráfico de negros e negras de praticamente todo o continente africano para várias partes da América, entendemos a importância e o impacto das revoluções antiescravagistas e em especial a revolução haitiana. Dussel (1994) vai dizer que 1492 seria a data de nascimento da modernidade, que se originou nos centros europeus medievais. Em suas palavras:

Con la explosión revolucionaria, mediante la cual la burguesía logró apoderarse de las riendas del poder e instaurar el Estado burgués moderno, se inicia un proceso socio-histórico de secularización o laicización del Estado, el nuevo reto que esta situación plantea al Estado moderno, es la necesidad para su supervivencia, como dice M. Calvo en La teoría de las pasiones y el dominio del hombre (DUSSEL, 1984, p. 99).

Frantz Fanon, em *Piel Negra Máscara Blanca*, também acentua a importância das colônias americanas para o capitalismo europeu:

La primera colonización capitalista fue la de las Américas, conquistadas por los españoles, los portugueses, los ingleses y los franceses. En sus colonias americanas, las clases dirigentes de las metrópolis conquistadoras instauraban sistemas económicos y sociales particulares, concebidos al servicio de la acumulación en los centros dominantes de la época. La asimetría europea atlántica/ América colonial no es ni espontánea ni natural, sino perfectamente construida (FANON, 2008, p.7).

Não estou investigando o quão pobre, enferma, faminta e bárbara era a Europa entre os períodos inseridos entre os medievais e início do renascimento. Porém, se trata de destacar no renascimento europeu, o apagamento, a matança, ou seja, o encobrimento dos povos indígenas e africanos, pelas vias da travessia marítima, e demonstrar como foram aplicados os preceitos nacionalistas da mesma maneira que foram aplicados os preceitos da escravidão, sob a bandeira da civilização e do modernismo europeus, mesmo em contexto territorial haitiano, pós-guerra pela independência. O nacionalismo constituído em território haitiano é fruto de ambiguidades e contradições existentes bem antes de 1804, via os mecanismos de subordinação e anulação da cultura e dos conhecimentos negro-africanos.

Revelando as singularidades da Revolução haitiana em seu processo como um todo, mesmo dizendo que a Revolução da América Hispânica é filha da Revolução Francesa, é preciso que alguém perguntasse, quem seria o pai? Porque, uma das abordagens importantes no

escopo desse trabalho é exatamente dar visibilidade aos impactos da Revolução haitiana sobre os processos de emancipação democrática na América Latina e Caribe. De fato, o medo que criou esse Haiti revolucionário e que os impérios colonizadores “emanciparam a revolução por uma monarquia unitária” através da uniformização das instituições dos diferentes reinos, fica evidente que o sêmen catalizador dessa emancipação foi canalizado pela revolução das massas de Saint-Domingue, o atual Haiti, primeira República Negra do mundo. De fato, os turbilhões de acontecimentos em Saint-Domingue foram também causa e efeito, inclusive, das revoluções que ocorreram na França a partir de 1789 em diálogo direto com a promoção das ideias de liberdade, igualdade e fraternidade.

De forma alguma podemos afirmar que a revolução francesa é mãe da revolução haitiana, assim como não podemos dizer que a língua crioula haitiana é uma derivação da língua francesa. A revolução haitiana, da forma como foi organizada e levada a cabo, pela ruptura radical que representava com o maior e mais lucrativo comércio da terra, que era o comércio de escravizados, em nada se equipara com as formas que movimentaram as guerras nas terras francesas. Sabemos que a revolução haitiana difere de todas já existentes e não encontra precedentes na história. Frantz Fanon vai dizer o seguinte:

La primera y única revolución social que conoció el continente americano, hasta tiempos muy recientes, fue la de los esclavos de Santo Domingo {Haití}, que conquistaron su libertad por si mismos. La pretendida «Revolución americana» del siglo XVIII, como las posteriores de las colonias españolas, no fueron sino revueltas de las clases dominantes locales que buscaban librarse de los tributos que pagaban a la madre patria para continuar con la misma explotación de los esclavos y de los pueblos conquistados que emprendieron las metrópolis del capitalismo mercantilista. Nunca tuvieron una revolución en el sentido completo del término. De ahí la libertad a la francesa sea una libertad nueva y abstracta que hay que constituir según un modelo ideal, mientras la libertad a la inglesa sea una práctica antigua que hay que conservar y perfeccionar. (FANON, 2008, p.286.

Nesse sentido, no lugar de filiação, Frantz Fanon vai usar o termo “coincidência” para dizer que a Revolução do Haiti coincidia com a do povo francês (FANON, 2008), de modo que podemos dizer que a revolução francesa reforçou os ideais de libertação dos escravizados no Haiti.

2. A COLONIALIDADE ESTATAL

Embora o medo e a violência sejam engrenagens seculares do Estado, seja ele feudal, colonial, ditatorial, moderno, republicano e/ou democrático, o que é mais paradoxal na história, e que de certa maneira me incomoda, é o fato dos povos colonizados, além de serem objetos da violência e da cultura do medo e da repressão, são também, e sobretudo, convertidos em bárbaros, selvagens, incivilizados, incultos, desalmados, degenerados, violentos e cruéis, justificando, dessa forma, todo tipo de truculência contra os mesmos. Mas é importante ressaltar que todos esses rótulos são direcionados especialmente à raça negra e, a depender do contexto, aos povos indígenas. Sobre os corpos negros incide maior e mais brutal violência. Essa incidência, que é permanente e articulada, vai naturalizando a violência de tal modo que os nossos corpos negros passam a ser objetos de punição constante.

Contudo, vale lembrar que o “selvagem e o bárbaro” foram atribuídos aos povos negros e indígenas “en el bosque artificial de la imaginación europeuica”, utilizando as palavras de Roger Bartra, ao demonstrar que a cultura europeuica gerou essa ideia de homem selvagem muito tempo antes da grande expansão colonial, como Bartra complementa:

européica/ro-norte-américa son pensadas como viviendo una etapa de desarrollo (cognitivo, tecnológico y social) más ‘avanzada’ que el resto del mundo, con lo cual surge la idea de superioridad de la forma de vida occidental sobre todas las demás... Esto se expresa en las dicotomías civilización/barbarie, desarrollado/subdesarrollado, occidental/no-occidental, que marcaron categorialmente a buena parte de las ciencias sociales modernas (BARTRA, 2011, p. 15)

Essa dicotomia, da qual somos duplamente vitimados por meio do chamado “terrorismo de Estado”, e justificada pela nossa suposta “selvageria cultural”, permanecerá ainda que todos os brancos fossem exterminados, justo porque a disseminação dessa lógica já transcende a posição social, de classe ou raça das nossas sociedades, em outras palavras, os papéis estruturais e estruturantes serão mantidos, independente dos personagens. Entre a negritude e a branquitude há uma gama de grupos sociais cuja identidade de classe não corresponde ao seu lugar na pirâmide social. O capitalismo global contemporâneo renúncia, em um formato pós-moderno, às exclusões causadas por hierarquias epistêmicas, espirituais, raciais, étnicas, de gênero e sexuais implantadas pela modernidade (WALSH, 2005). Dito isso, é de grande relevância retomar o modo como o povo haitiano foi duplamente vítima desta dicotomia classificatória e discriminatória entre selvageria e civilização.

Los conocimientos subalternos fueron excluidos, omitidos, silenciados, e ignorados. Desde la ilustración, en el siglo XVIII, este silenciamiento fue legitimado sobre la idea de que tales conocimientos representaban una etapa mítica, interior, pre-moderna y pre-científica del conocimiento humano. Solamente el conocimiento generado por la elite científica y filosófica de europea era tenido por conocimiento verdadero. El punto cero fue privilegiado de este modo como el ideal último del conocimiento científico (WALSH, 2005, p. 20).

Menciono algumas coisas que todos já sabem: que Copérnico era polonês; Bacon, Harvey e Newton eram ingleses. Descartes, Fermat e Pascal eran franceses. Tycho Brahe, dinamarquês; Paracelsus era alemão; Kepler e Leibniz, Huygens holandês, Galileo, Torricelli e italiano Malpighi. A obra de cada um desses personagens - todos homens, brancos e europeus – estava ligada às demais a partir de suas realidades abstratas e artificiais (ROSSI, 1997). Partindo contra este “ponto zero” da historiografia ocidentalista, expressão criada pelo grupo modernidade/colonialidade, Trouillot vai falar da falibilidade da memória do ocidente e vai expressar-se sobre as raízes do Estado de Duvalier, nos seguintes termos:

O Ocidente tem pouca memória. E enquanto ele escreve história, a sua e a dos outros, a história dos povos é curta. Os livros de história geral ensinam história ocidental. Não como o Ocidente o vivia, mas como o Ocidente, no presente, escolhe se lembrar dele. E nós, os pobres colonizados, tecemos os fios do nosso passado com palavras presas no esquecimento (TROUILLOT, 1986, p. 45).

Por mais que queiramos tirar o Haiti da lista dos países que construíram seu nacionalismo nas sombras do colonialismo ocidental, não podemos fazê-lo. Não podemos porque não devemos deixar afogar as nossas memórias nesse mar artificial de esquecimento, devemos atizar a nossa memória para aprender com os erros do passado. Aprendemos, tanto nas salas de aula quanto fora delas, que existe uma entidade chamada Ocidente e que essa entidade teria uma genealogia, segunda a qual a Grécia antiga d origem a Roma, Roma à europeia Cristã, europeia cristã ao Renascimento, o Renascimento para o Iluminismo e o Iluminismo para a democracia política e a Revolução Industrial (WOLF, 2009). Assim, a europeia é o modelo - ou seja, o meio - e a finalidade de todo e qualquer desenvolvimento. Quando penso na época em que viveram os chamados pais fundadores da ciência moderna, não me lembro apenas da música de Monteverdi e Bach, do teatro de Corneille e Molière, da pintura de Carravaggio e Rembrandt, da arquitetura de Borromini e a poesia de Milton. Entretanto, a Europeia que viveu sua história difícil e dramática nos 170 anos que separam o *De revolutionibus* de Copérnico

(1543) da ótica de Newton (1704) era radicalmente diferente da europeia em que vivemos hoje (ROSSI, 1997, p.9).

2.1. A violência como motor do Estado

Quem estiver lendo os contratualistas notará um eurocentrismo marcante na história humana. Sobretudo em Hobbes, que faz do homem um lobo dele próprio e à sua semelhança. Contudo, Gruppi (1980) ressalta que Jean Jacques Rousseau vai se opor a Thomas Hobbes, apresentando um homem naturalmente bondoso, cuja bondade natural só é corrompida pela sociedade degradante, que se dá por meio do surgimento da burguesia, da formação do mercado, que caracteriza a luta e a crueldade que o homem é inserido (GRUPPI, 1980). De todo modo, como sabemos, foi o princípio teórico desenvolvido pelo Rousseau e seus seguidores que iria firmar e afirmar a base da revolução burguesa, de que “todos os homens nascem livres e iguais”. Diria que Rousseau foi então uma espécie de pai fundador dos princípios democráticos, seguramente uma democracia de cunho liberal.

Na perspectiva dos povos colonizados, se considerarmos as guerras pelas conquistas e as variadas formas de escravização e violência que fomos e somos submetidos, de fato a história é feita de crueldade, sangue e violência. A nossa história, como menciona Foucault, “não é uma história de sentido, mas uma história de guerra” (FOUCAULT, 2007). Se a sociedade é organizada por opressores capazes de explorar os oprimidos, é que essa capacidade de impor a alienação repousa sobre o uso de uma força, isto é, sobre o que faz da própria substância do Estado "monopólio da violência física legítima". O Estado, pois veicula e subentende uma concepção totalitária, a de um Estado todo-poderoso (RAFESTIN, 1980). O que me faz perguntar, a que necessidade responderia então a existência de um Estado, uma vez que sua essência - a violência - é imanente à divisão da sociedade (CLASTRES, 1978). No entanto, pode-se defender que a guerra era possivelmente o mais racional e rápido modo de extração de excedentes ao alcance da classe dominante sob o regime feudal (ANDERSON, 2004).

Na obra “Vigiar e Punir”, de Michel Foucault, se abre um leque de instituições consolidadas e autorizadas a exercer todos os poderes relativos ao controle e à punição. Foi exatamente nessa mesma linha de Foucault, de regulação por parte do Estado dos aparelhos efetivos de vigilância e de punição, que Frantz Fanon desenvolve o seu raciocínio na obra “Os

Condenados da Terra” (FANON, 1968), considerada um ensaio sobre a violência. Em “Condenados”, Fanon ressalta sem rodeios que sem a violência não podemos lograr nada.

Liberación nacional, renacimiento nacional, devolución de la nación al pueblo, Commonwealth, sean cual las rúbricas empleadas o las nuevas fórmulas introducidas, la descolonización es siempre un fenómeno violento (FANON, 1968, p. 17).

Ou, ainda:

O resultado da formação dos Estados Nação foi a constituição de um aparelho, cujo sistema está revestido de poder real e cuja função política permanente é a repressão das massas camponesas e populares na base da hierarquia social. Entretanto, essa nova máquina política foi também, por sua própria natureza, dotada de força coercitiva capaz de vergar ou disciplinar indivíduos. A guerra não era o ‘esporte’ dos príncípios era a sua sina... era como uma necessidade de sua condição (ANDERSON, 2004, P. 12).

As interpretações de Gruppi sobre a elaboração do Estado Moderno por Maquiavel, que é considerado, como afirma Gramsci “o teórico da formação dos Estados modernos”, marcando também “o início da ciência política”, é importante mencionar que o Estado funciona em fases diferentes em tempos diferentes. Nesse sentido, é importante lembrar do fio condutor que o mantém vivo, desde o seu nascimento até os dias atuais: que é a violência e o “medo”. Lembrando ainda de Maquiavel, quando dizia do quanto seria melhor se o príncipe fosse mais temido do que amado. Para Maquiavel, “um príncipe não deve ter outro pensamento ou objetivo senão a guerra, nem adquirir perícia em outra coisa que não seja a guerra, a sua organização e disciplina; porque a guerra é a única arte própria dos governantes” (2001, p. 27). A máquina de guerra é que possibilita a acumulação e a “maximização da riqueza” (ANDERSON, 2004). O colonialismo foi liderado então a partir do medo e da violência, assim como o fascismo, o comunismo soviético e o liberalismo nacional.

Retomando esta ideia foucaultiana, do Estado enquanto um processo de construção perpetua: “L’État est donc à la fois, une forcé et un enj, un pouvoir et un champs de bataille” (TROUILLOT, 1986), remeto essa questão para o caso haitiano, já que isso se relaciona muito com as trajetórias históricas, sociais e culturais da nossa sociedade, ao analisar as diferentes fases do processo de constituição do Estado Nação após a independência. Este último formato, que os teóricos chamam de nacionalismo, é a “conclusão” mais recente do processo sem fim que nos fala Foucault, tomando em conta a obra “As Palavras e as Coisas”

(FOUCAULT, 2002) e toda a sua arqueologia e genealogia do saber. Porém, esta questão de processo de construção do Estado Nação do Haiti, pelo meio do qual quero desvendar os imaginários sobre o Vodou e a língua dos crioulos, se adequa muito bem naquilo que Benedict Anderson, em “Comunidades Imaginadas” (ANDERSON, 1993), entende por Nacionalismo, escrevendo que: “El nacionalismo moderno é o herdeiro de dois séculos de cambio histórico”, e peoupeuõe mostrar em alguns aspectos como esses câmbios foram executados em relação à formação do Estado haitiano, tema tratado no “Capítulo 3: Pioneiros Crioulos”, dentro da mesma obra. Anderson concentra sua análise justamente naquilo que o controvertido conceito de nação entende como “sentimento comum”, de autoafirmação de um grupo frente aos demais, nos aspectos da linguagem, sangue, raça e semelhanças culturais (COSTA, 2013).

O nacionalismo oficial foi desde o início uma política consciente de autoproteção, intimamente ligada à preservação dos interesses dinásticos imperiais (ANDERSON, 1993, p. 223). Com a monarquia do século XVII e XVIII, houve um equilíbrio entre a nobreza e a classe dos burgueses (ANDERSON P., 2004, p.15), ou seja, dito de outro modo, o Estado sempre atua no sentido de garantir a ordem social; mas essa ordem que é protegida e preservada seria sempre em proveito da classe dominante, para a qual o Estado opera e privilegia (MILLIBAN, 1973, p.28). Todas as características do sistema capitalista foram introduzidas pelas monarquias absolutas: os exércitos regulares, uma burocracia permanente, o sistema de um mercado unificado (ANDERSON P., 2004, p.17). Se partirmos da noção geral de que o mundo burguês é o espaço geográfico da europeia (e talvez do mundo europeizado), tal como se configurou desde a revolução burguesa do século XVIII, percebemos que não apenas não modificamos a noção tradicional de Idade Média, mas também não eliminamos o hiato do renascimento, o que nos coloca em um processo de continuidade que se inicia no século XI com a revolução agrícola na baixa idade média e continua com a revolução industrial do século XVIII e o processo de globalização econômica do século XX, seguindo a mesma ordem até os dias atuais (ROMERO, 1999).

2.2. Colonialidade e Estruturalismo

A autoridade, digamos assim, era uma tarefa que correspondia não ao Estado, como é delegado hoje, mas à religião, que exercia poder sobre todas as coisas mundanas e divinas.

Logicamente, a Igreja nunca esteve separada do Estado, nem durante o governo imperial nem atualmente, onde a religião estabelece os interesses políticos junto ao estado, pautando governos e interferindo nas políticas públicas. Desde a origem da primeira forma de Estado conhecida no Ocidente, a primeira grande monarquia medieval apareceu na segunda metade do século XII, até o término do processo das revoluções burguesas, a religião sempre foi o fator moralizante da vida social, se tornando o principal instrumento de controle social.

A diferença é que o Estado está representado por apenas uma estrutura jurídico-política, simples e monista, que se complementa e às vezes se sobrepõe à religião, garantindo a eficácia de seu domínio e a integração de determinados indivíduos em sua estrutura. A integração dos segmentos sociais ao Estado reside na capacidade do mesmo em formar uma mentalidade e/ou imaginário nacional coesos, que vai determinar as atitudes e comportamentos da sociedade como um todo, de modo mais ou menos racional e consciente, essa capacidade de condução do Estado está vinculada a uma matriz carismática de cunho popular, cujas linguagens transformam a política em um campo passional e conseqüentemente acrítico e indiscutível (ROMERO, 1999). Esta representação do Estado como uma estrutura jurídico-política única é o que vai conferir os princípios que regem os valores culturais “como conformadores do homem na criação de sua própria história”, sendo que nisso reside o desenvolvimento do conceito de dominação e de “hegemonia cultural” de Gramsci.

Por essa razão, as palavras de Michel Foucault no texto “Em defesa da sociedade”, e outros textos como vigiar e punir, se dava como o propósito de nos convencer da inconfiabilidade do sistema político-jurídico, quando nos lembra que:

A reativação do direito romano, em meados da Idade Média, foi o grande fenômeno ao redor e a partir do qual se reconstituiu o edifício jurídico dissociado depois da queda do Império Romano, foi um dos instrumentos técnicos constitutivos do poder monárquico, autoritário e finalmente absoluto (FOUCAULT, 1999, P. 34).

Foi essa constatação que levou Gramsci a refletir nos seus Cadernos sobre o poder enquanto fenômeno político, não de maneira puramente econômica como concebia o marxismo ortodoxo, mas numa perspectiva gramsciana. C.R.L. James, somando-se aos comentários e explicações de Serge Coslov, diz que: “estamos embaixo de um dogma imposto na área das ciências sociais históricas e humanas”. Na Arqueologia do Saber, Foucault disse que “tudo

que devemos aprender e compreender é que é a medicina, a biologia ou a economia política que fizeram de nós aquilo que somos”. Um antropólogo diria, simplesmente, é a cultura que faz de nós o que somos, mas cada saber vai lançar um olhar diferente para a cultura, são esses saberes instituídos que também vão servir de régua e medida para as nossas crenças e as nossas verdades. No caso do Haiti, vai servir como parâmetro para avaliar a Revolução, tanto os seus impactos na formação da República, quanto os seus efeitos na formação da consciência nacional na atualidade.

Os dogmas eurocêntricos que permitem que o estado exerça um poder soberano sobre a sociedade, resultam da colonialidade das relações de poder, como ressalta Anibal Quijano, quando diz que esse poder monocultural e monista bloqueia a capacidade de autoprodução e autoexpressão cultural (QUIJANO, 1992). Sabemos perfeitamente o quanto esse controle epistêmico foi calculado pelos pensadores e filósofos do iluminismo por meio de um arcabouço racionalista cartesiano, ainda não superado pela filosofia contemporânea, com raras exceções, como a antieurocentrismo pragmática de Kant. Serge Covic, no documentário sobre o Renascimento Kemet, diz que não é possível uma objetividade analítica dos processos revolucionários do mundo.

Perry Anderson, no prefácio de seu livro “as linhagens do Estado absolutista” (ANDERSON, 2004), afirma que, como resultado da divisão e negação da realidade histórica, os conceitos gerais sobre o estado absolutista, a revolução burguesa ou o estado capitalista tornaram-se macro categorias tão distantes da realidade histórica, que deixam de ter qualquer poder explicativo. Esses conceitos fracassam em tentar desenvolver ou aprimorar uma macro teoria global eurocentrista e ocidentalocêntrica, que diluiria tudo aquilo que não passa pela racionalidade europeia e ocidental, ignorando as dialéticas e especificidades do mundo real. Nesse sentido, a literatura marxista tem diminuído sua capacidade de contribuir para uma teoria explicativa do mundo real, exatamente pela forma como a política e a economia têm sido tomadas pelo cotidiano extraordinário das microeuropeuolíticas.

Esse aspecto reforça a importância das obras regionalistas, como a obra de C.L.R. James, que traz a perspectiva afro-caribenha como centro da sua análise. Obra que considero central neste trabalho, porque procura entender a Revolução desvinculando-se das teorias eurocentrais, buscando elucidar as diversas trajetórias, narrativas e eventos que conduziram à

independência dos negros da república do Haiti em 1804. A minha expectativa, é de concretizar o sonho do Imperador Jean Jacques Dessalines, que era “fazer da cultura haitiana uma cultura africana, expurgada de toda reminiscência francesa” (Dessalines no discurso da independência, 1804). Estamos tentando descolonizar as ciências sociais históricas e humanas, explorando os estudos sobre as revoluções em outros países e região e com base em outras áreas do conhecimento, especificamente a Revolução de Saint-Domingue, ao elucidar as verdades ilusórias a respeito da revolução francesa, que como disse Marx, seria a “filha da liberdade”.

Marx escreveu no manifesto comunista, que “a história de toda sociedade humana até os dias atuais, sempre era a história de luta de classes” (1848, p. 15), e no palco da reflexão sobre a Revolução Haitiana, temos que apontar o erro dos historiadores marxistas, ao reduzirem a história das sociedades humanas à luta de classes. Dentro do universalismo ocidental o mundo pode estar dividido em classes, mas nos sistemas comunais de vários povos e comunidades, a classe não é um marcador social importante, pelo menos, não nos termos conceituais que conhecemos. Pierre Clastres, em “A Sociedade Contra o Estado” ao considerar que “as sociedades primitivas são sociedades sem Estado” (CLASTRES, 1978), concluiu que a ausência não é necessariamente a falta de um sistema de poder, mas que o funcionamento daquelas sociedades não passaria por esses mecanismos de poder e sim por outros que não guardam nenhuma semelhança com aquilo que costumamos chamar de “Estado”.

A noção de classe está diretamente atrelada à noção de raça, são duas categorias indissociáveis, porque a divisão social do trabalho está organizada pela racialização dos corpos, dos saberes que esses corpos portam e dos territórios que eles vivem. Sendo assim, a noção de raça chegou nas Américas junto com a colonização, por sua vez, a noção de classe surge junto com a formação dos estados nacionais. A relação política de poder precede, fundamenta e organiza a relação econômica de exploração. Portanto, antes de ser econômica a alienação é sempre política, visto que o trabalho e a economia são derivações da organização política de uma sociedade. A emergência do Estado determina o aparecimento das classes sociais [...] O aparecimento do Estado realizou a grande divisão tipológica de cunho racista entre selvagens e civilizados, e traçou uma indelével linha de separação (CLASTRES, 1978, p. 42).

As noções de classe, raça e de nacionalismo produzidas pelo Estado caberiam perfeitamente dentro da revolução francesa, demonstrando que não houve ruptura dessas estruturas sociais, enquanto o conceito de revolução haitiana, como vimos, produziu várias rupturas com o sistema colonial vigente, como a importante cerimônia de Bwa Kay Mun, ritualizada pelos negros africanos na ocasião da Revolução. Como expressa Jean Price na obra “La vocation de l’élite”, “Liberdade! Igualdade! Fraternidade!” - teria sido maravilhoso se não fossem apenas palavras vazias, inadequadas às nossas tendências e em oposição às realidades mal mascaradas de nossa densa hipocrisia” (MARS, 1919, p.76). Por isso, retomando o conceito de revolução em relação à independência do Haiti, categorizá-la consiste em certa medida em desvendar as imposturas da revolução francesa de 1789. Por isso a importância de se basear na revolução das massas escravizadas afro-caribenhas de Saint-Domingue, demonstrando, em um primeiro momento, que a Revolução haitiana tanto se diferencia da Revolução burguesa Francesa quanto dos outros países hispânicos, além de superá-las em vários aspectos.

No segundo momento, o debate tem como foco identificar e entender como, a partir de um certo momento histórico, o Haiti vai se identificando e se assemelhando ao nacionalismo francês, com dinâmicas e estratégias muito parecidas com o Estado francês logo após a sua revolução burguesa de 1789, universalizada pelos estudos de Marx e de Engels. Os próprios Marx e Engels tiveram uma trajetória intelectual que em diversos momentos se aproximou dos estudos antropológicos, buscando entender as sociedades que não podiam ser explicadas pelas macro-teorias da economia política. Embora os autores não tenham estudado os países colonizados, a teoria marxista foi exaustivamente utilizada nos nossos países, especialmente nos anos 60, sem considerar as especificidades da nossa região, produzindo dessa forma reflexões incompletas e/ou explicações equivocadas a respeito da nossa realidade, que devem ser analisadas e criticadas (PERRY, 1991). Os processos históricos e os conhecimentos subalternizados que foram excluídos, silenciados e ignorados durante a formação do Estado haitiano demonstram a escassez de obras, teorias e conceitos que dêem conta de explicar e de superar os nossos problemas sociais. Esse trabalho se propõe ser uma pequena contribuição nesse sentido.

Sabemos que os rebeldes que fizeram a Revolução afrocaribenha em 1791, depois de ter sofrido dois séculos de escravização e servidão, onde milhares morreram nos navios negreiros

durante a dolorosa travessia do Atlântico; nas plantações, por exaustão física causada pelo trabalho forçado; e muitos morreram com os castigos sucessivos, os maus tratos e as doenças não tratados. Além da morte física, a morte cultural, social, epistêmica e religiosa também eram formas de sucumbir aos horrores da escravização.

Se ouça do porão subindo as maldições acorrentadas, os suspiros dos moribundos, o som de alguém sendo jogado no mar... o latido de uma mulher com dor... o arranhar de unhas procurando gargantas... chicote zombeteiro... vermes vasculhando o cansaço, e ainda sobreviveram neste país que dizia durante séculos que somos bestas brutas; que as pulsações da humanidade param nas portas da negraria; que somos um esterco horrivelmente ambulante... aonde éramos marcados com ferro quente e dormíamos em nossos excrementos e éramos vendidos nas praças e no padrão de tecido inglês e carne salgada da Irlanda custava menos do que nós, e neste país estava calmo, quieto, dizendo que o espírito de Deus estava em suas ações (CÉSARIE, 1995,p.7)

Sobrevivemos pela capacidade ancestral do negro em transformar o sofrimento mais brutal em uma alegria mais sublime. Se trata de mostrar no final a natureza das anomalias identitárias refletidas em nossa nação, onde o Estado criou uma linha divisória e liminar medida pela régua do Ocidente. Entendo a cultura como um sistema vivo gerado por agentes coletivos socialmente definidos que, em coordenadas sócio-históricas e físicas precisas, dão origem a produções materiais, simbólicas e criativas de toda espécie, ao mesmo tempo em que são constituídos por elas (FERNÁNDEZ, 2011). O nosso problema, dirá Serge Covis, é a ausência de categorias africanas em nossos idiomas para designar os fatos jurídicos econômicos e sociais particulares a nós. Precisamos entrar em diálogo com formas não ocidentais de conhecimento, para poder enxergar o mundo em sua totalidade e vivê-lo em sua integralidade, sobre esse tema, ver as contribuições de Catherine Walsh, Juan Camilo Cajigas e Santiago Castro-Gómez (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p.17).

Tudo que precisamos, como mencionava Emmanuel Kant, é a liberdade de poder pensar por nós mesmos, “não devemos usar conceitos que foram já construídos pelos ocidentais” (Clovis, 2019). Precisamos nos libertar da “nordicomania”, ou seja, da imposição ou da necessidade de repetir os padrões e modelos de desenvolvimento vindos do Norte. As elites crioulas estão sempre se esforçando para imitar os modelos ocidentais, enquanto reproduzem as antigas formas de colonialismo. Em outras e poucas palavras, precisamos avançar em direção ao que o sociólogo grego Kyriakos Kontopoulos chamou de pensamento “heterárquico” (KONTOPOULOS, 1993). O pensamento heterárquico é uma tentativa de conceituar estrutu-

ras sociais com uma nova linguagem que transborda o paradigma da ciência social rocêntrica herdada desde o século XIX.

2.3. Nova corrente epistemológica

As “ideias francesas” estão longe de ser únicas ou as melhores ideias sobre revolução e independência que conhecemos ao longo da história (GUERRA, 1992, p.19), em especial porque tivemos na França uma revolução burguesa, que embora tenha lutado contra o antigo regime, ao ascender ao poder buscou uma política conciliatória entre a nobreza e a nova burguesia, mantendo os privilégios da aristocracia e rompendo com a classe trabalhadora, principalmente a população camponesa, logo após a revolução. Aimé Césaire chama a atenção da fragilidade da célula “revolucionária” francesa com a sua saída do Partido Comunista Francês, demonstrando em sua carta de desfiliação que a luta contra o racismo não estava na agenda do partido. A França nunca aceitou totalmente a sua população negra, árabe, imigrantes das mais variadas nacionalidades, o país apenas tolerava e tolera os que são de fora. Césaire, na sua carta de desfiliação do partido comunista francês, relatou que:

Sou um dos que pensam que o marxismo e o comunismo não devem estar a serviço dos negros, nem os negros a serviço do marxismo e do comunismo. É preciso separar os fenômenos que ocorrem ao mesmo tempo e que estão muito interligados (CÉSAIRE, 1956, p. 77- p. 84).

Existe ainda uma outra categoria de autores teóricos do mesmo tema, e que, considerando a posição geográfica do campo de trabalhos deles, de algum modo poderíamos denominar de “revisonistas das guerras pela independência latino-americana”. Todos os autores dos anos de 1950 e ainda um pouco antes, desde os anos 30-40, se davam como meta fazer uma revisão do processo da escravização e da revolução haitiana, de uma maneira ou de outra esses autores e autoras vão convergir para uma conclusão única, expressada no início do artigo “Revolução e Independência”, de Maria de Fátima Silva Gouvêa, onde ela diz que: “Os movimentos de independência hispano-americanos nunca haviam sido plenamente associados à ideia de revolução” (1997, p. 56). François Xavier Guerra, também vai dizer que a Revolução, talvez, nunca tenha ocorrido na América do Sul.

Los revolucionarios hispánicos, obsesionados por un posible terror, cortarán por lo sano toda sociabilidad o discurso revolucionarios que pudiesen llevar al “Jacobinismo”

mo” y utilizaran con mucha moderación el lenguaje de la libertad para evitar la aparición de un nuevo Haiti (GUERRA, 1992, p. 36).

Temendo o contágio da revolução haitiana, as nações americanas e europeias colocaram a nova nação em quarentena e rejeitaram formalmente qualquer relação diplomática com o país. A França entrou em contato com os Estados Unidos e Espanha para fazê-lo entender o perigo que representava uma República Negra independente. Relembrou às potências a obrigação de isolar o Haiti para não corromper as outras colônias. A Inglaterra fechou o mar do Haiti com o objetivo de proteger a Jamaica. De 1804 até 1826 nenhuma nação estrangeira reconheceu o Haiti como uma nação independente (PIERRE, 2009, p. 56). Assim, entendemos que:

É a ausência de participação das massas no alcance de sua independência, que marca a grande diferença do Haiti, em relação aos países hispânicos, onde apenas houve uma simples emancipação, devido a um “velho problema que vem da europeia medieval, indissociável da formação do Estado moderno, que sabia conduzir a uma pluralidade de situações políticas no século XVII (GUERRA, 1992, p. 45)

Dentro do debate intelectual a questão do continuísmo e do conservadorismo continua a povoar as reflexões políticas e epistêmicas, já que todos os intelectuais dedicados a esta tarefa falam sobre esta imbricação em todas as fontes entre a revolução liberal espanhola e as independências hispano-americanas, onde a revolução passou a ser considerada como um fenômeno puramente político. O mesmo Xavier vai falar das imigrações dos franceses comerciantes e outros na Espanhola hispânica, dando explicações numerosas, anotando aqui só alguns temas como “La gran crisis de los años de 1640 em Inglaterra; la primera revolución inglesa; em la Monarquía hispánica, la rebeliones de Cataluña y Portugal y la resistencia de las cortes castellanas; em Francia, la Fronda etc.” (GUERRA, 1992, p. 50), mas esse não é o foco desse trabalho. Entretanto, vale lembrar que a revolução tal qual aconteceu na Inglaterra de 1640, como aconteceu na França de 1789, ou como aconteceu nas Américas, nenhuma delas teve um papel de inversão radical da ordem social como aconteceu no Haiti (Saint Domingue) de 1791. Maria Elisa Noronha de Sá Mäder, no artigo “Revoluções Independências”, vai se perguntar, na intenção de uma resposta afirmativa, o seguinte: “Houve alguma mudança nas estruturas econômicas e sociais coloniais? (...) O que aconteceu, foi uma verdadeira revolução ou uma simples reforma marcada pelo signo da continuidade” (MÄDER, 2008, p. 233)

O que ocorreu foi a transferência de poderes dos espanhóis peninsulares aos crioulos, ao povo faminto de liberdade, de autonomia e dignidade, isso é o que posso dizer com as minhas próprias palavras. Se a América hispânica teve que esperar vinte anos depois da revolução de 1789 da França, antes de iniciar com as Repúblicas Unitárias, na “América anglo-saxônica, a ruptura havia ampliado a noção de cidadania e um inédito sistema político nacional, republicano e democrático havia sido instaurado naquele mundo”. No primeiro capítulo dos ensaios de Xavier, ele se dedicou à demonstração de que as revoluções pelas independências na América Espanhola é filha da revolução francesa, e ele explicou o fato pelo liberalismo e individualismo.

O conceito da revolução, como definido na ideologia marxista, faz com que ele seja uma apropriação francesa da qual todas as outras revoluções são filhas, primas ou da qual é preciso ter uma relação de parentesco. Entretanto, concordo com a maioria dos autores revisionistas e dos panafricanistas nos estudos do mundo afro-caribenho, ao dizerem que: se olhar a palavra revolução apenas pelo lado ocidental francês, seria diminuir epistemologicamente o peso da palavra ao lhe atribuir apenas às guerras das cortes. É inegável as relações da revolução francesa de 1789 sobre a Revolução haitiana de 1791, pelos laços da escravização Metrópole e Colônia, mas chegar a dizer que a revolução haitiana é filha, ou seja, herdou algo da revolução francesa, do mesmo jeito que o conjunto dos demais países latino-americanos, assunto que carece de grande discussão e debate. É importante dizer que há uma discussão sobre o sentido e significado das revoluções na América Latina que precisa ser feita com a maior urgência.

O debate sobre o teor das revoluções está diretamente relacionado com a colonialidade do saber e com a dominação epistêmica, exatamente porque alguns conceitos são fundamentais para o amadurecimento político e emancipação das nossas sociedades. Em outras palavras, a política depende da autonomia epistêmica, uma autonomia negada durante séculos com a proibição ou a dificuldade de acesso aos livros e outras formas de conhecimento. Na idade média a taxa do analfabetismo ultrapassou 90%, apenas nos homens, as autoridades eclesiásticas, e certos militares de formação, sabiam ler e escrever. Não vamos esquecer do poder tanto religioso quanto político durante todo o processo da escravização, que de certa forma justificava sobre o plano divino tal barbárie no encontro do ser com o outro, que o nati-

vo negro está matando-se e se posicionando em uma guerra maciça contra a negritude para se tornar um branco. Daí o surgimento do conceito racial, analisado pelo Aníbal Quijano. Este racismo dos negros contra o negro é uma forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco (FANON, 2008).

Segundo Aníbal Quijano, o conceito das identidades “raciais” foi estabelecido na América Latina desde a violenta destruição das sociedades/culturas aborígenes pelos invasores europeus (QUIJANO, 1992). Quijano, entendendo a raça como uma categoria mental da modernidade, referindo-se a Mariátegui, vai reafirmando que “a ideia de raça, no seu sentido moderno, não tem história conhecida antes de América” (QUIJANO, 1992). Ainda mais adiante explica essa questão da racialidade como “um modo de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (QUIJANO, 2000). Isto quer dizer que “O Estado é justamente uma consequência dessa divisão, ele começa a nascer quando surgem as classes e, com elas, a luta de classes.

Nesse sentido, tudo fazia parte de um cálculo cujo resultado seria a imposição do imperialismo moderno que estamos vendo na América Latina e no Caribe em formato de Estado-Nação “periférico”. Em termos territoriais, tomando o exemplo do Haiti, embora o processo de criação da periferia nas ex-colônias seja o mesmo, quando trazemos à tona a experiência territorial haitiana, assim como alguns aspectos das suas coletividades e da sua cultura, da qual também faço parte, por isso inclui as minhas próprias experiências enquanto vítima de um processo brutal e violento que é a “linguagem”, que ao final resulta do sistema de colonialismo e escravização ainda muito presentes no Haiti.

Consequentemente, o Haiti está autorizado a falar em qualquer debate sobre os Estados Nacionais, a escravização, o imperialismo, nacionalismo, sobre a revolução e sobre lutas e revoltas pela independência, por ter vivido intensamente todas essas experiências. Como disse Omar Ribeiro Thomaz⁴¹: em época contemporânea qualquer discussão sobre o Haiti é oportuna, tanto no marco territorial mais particular, quanto em aspectos mais gerais. Quando Omar Thomaz enfatizou isso, era para destacar o grande silenciamento da produção intelectual haitiana, fato que teria repercussões graves nas atuais e próximas gerações, restringindo o quadro

41 Revolução como história e prática no Haiti. Realização de Omar Ribeiro Thomaz. Coordenação da Unicamp. São Paulo: Escola da Cidade, 2018. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESlKkokgrcc&t=4815s>. Acesso em: 29 ago. 2021

intelectual do país, o que compromete o seu desenvolvimento político e social. Porém, esse mesmo silenciamento, pode ser estudado em seu procedimento e os seus mecanismos de base, retomando as explicações dadas a respeito da criação do nacionalismo por meio das comunidades imaginadas. Falando das fantasias e dos imaginários da europeia, é importante notar o quanto esse imaginário é anterior ao encontro com os povos dos países do terceiro e novo mundo e ao próprio ato de conquista e escravização.

Na leitura de Anibal Quijano vemos a anterioridade da escravização ao conceito de raça, contudo a sua legitimação já na modernidade. O que nos aproxima da leitura de Enrique Dussel, a qual consiste em entender a modernidade como parte intrínseca da escravização. Dussel diz que:

A modernidad se originó en las ciudades europeas medievales, libres, centros de enormes creaciones. Pero nació cuando Europa pudo confrontarse con el Otro... controlarlo, vencerlo, violentarlo; cuando pudo definirse como un ego descubridor, conquistador, colonizador de la alteridad constitutiva de la misma modernidad... de manera que el 1492 será el momento del nacimiento de la Modernidad como concepto, el origen de un mito de violencia sacrificial muy particular, y, al mismo tiempo, un proceso de encubrimiento de lo no europeo. (DUSSEL, 1994, p.12-13)

Se trata da constatação de que a escravização foi o aparato ideal para a exploração do “novo mundo” e “el llamado descubrimiento de América, desde europea desde los blancos y mestizos es um acontecimiento en la línea del progreso civilizador humano” (DUSSEL, 1994, p.12-13).

O silenciamento explicado por Omar Ribeiro Thomas e o Encobrimento decifrado por Enrique Dussel e Mignolo são muito revelantes de ponto de vista do marco teórico, pois são críticas que desvelam o que foi velado pelas historiografias antecedentes e colocam o Haiti no centro das discussões e debates sobre a revolução, como a figura típica e antagônica à revolução francesa. É muito rigorosa a percepção de como o Haiti se encaixaria melhor como modelo da revolução do ponto de vista marxista, do que a Revolução Comunista-Marxista de Paris, o que o próprio Marx não ousou mencionar. Mesmo sabendo que a Revolução das massas de Saint-Domingue ocorreu, seja vinte e cinco anos antes do nascimento do próprio Karl Max. Essa ausência na análise de Marx entendemos melhor nas explicações de Thomaz quando fala de “silenciamento ativo”, porque a revolução haitiana vai além da revolução francesa, já que era uma decepção total a forma como o exército napoleônico tombou diante do exército dos

indígenas, assim que era chamada o exército dos escravizados em homenagem aos indígenas, os primeiros habitantes desta terra.

Ficaram claras as consequências e impactos da revolução haitiana para si mesma e para o resto do mundo. A indenização paga a França pelo reconhecimento da independência, o refúgio de Simon Bolívar no Haiti, onde nasceu a bandeira tricolor da Gran Colômbia, a anulação da escravização no Brasil e no resto da América Latina são os exemplos mais contundentes dos impactos da revolução haitiana sobre o mundo. Ao considerar essas consequências e impactos que me propus pensar neste trabalho de investigação, destaco as estratégias pelas quais as medidas de infligir sutilmente a escravização a um povo livre e independente vão sendo introduzidas no contexto contemporâneo.

O Haiti, a primeira república Negra, mas, antes de tudo, ainda mais insultante aos olhos da comunidade internacional: a primeira república negra do mundo comandada por um negro que foi comandou a primeira abolição da escravização no mundo. Este evento único do século, faz tremer toda a cadeia sistêmica da escravização mundial, até chegar a rompê-las em suas dimensões mais estruturadas e profundas da metrópole e do poder insular marítimo, depois de mais de dois séculos de lutas e revoltas sangrentas.

CAPÍTULO 3: HERANÇA E IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO

1. CULTURA E IDENTIDADE

Nesse capítulo trago uma revisão panorâmica da ilha, bem como aspectos da organização social, política e econômica de forma breve, os povos que viviam no Haiti antes da colonização e por seguinte os processos de transformação, divisão de trabalho, a classe racial, os massacres, assassinatos, tráfico negreiro, origem étnica dos escravizados etc. Ao final deste capítulo apresento também brevemente algumas questões e fragmentos da pesquisa etnográfica, dificuldades etc. Esse é um capítulo composto por dados etnográficos que tento cruzar com teorias e com percepções acerca do tema como sujeito nativo desse estudo. Por fim, retomo o discurso do aspecto civilizacional do continente africano, esboçando algumas considerações finais, mas não conclusivas, a respeito da cultura Haitiana em contexto de

diáspora, das cerimônias do Vodou, e das iconografias e poesias que completam esse trabalho.

1.1. O Haiti dos Indígenas

Antes da conquista espanhola em 1492, a ilha do Haiti, também chamada de bohio e Quisqueya, era habitada pelos Tainos de pele vermelha, com uma população estimada em mais de 1,2 milhões de habitantes. Os espanhóis anexaram a ilha à Espanha, recebendo o nome de Hispaniola. Os primeiros passos dos europeus no novo mundo foram marcados por grandes crimes, massacres, impérios destruídos e nações inteiras eliminadas. Atormentado pela ambição de riqueza, dominado por cruel paixão pela ganância, sede por ouro (VASTEY, 1814). Os Tainos foram escravizados e brutalmente massacrados, exterminados pelos colonizadores e substituídos pelos escravizados negros em 1503 (PIERRE, 2009).

A ilha do Haiti, quando os espanhóis apareceram, estava quase totalmente dividida em cinco reinos ou principados, absolutamente independentes uns dos outros. O primeiro desses cinco reinos foi chamado de Magua; O segundo reino era o de Marien; O terceiro se chamava Maguana; o reino de Xaragua é o quarto e era o mais populoso e o maior; o quinto, o reino de Hyguy ocupava toda a parte oriental da ilha (VASTEY, 1814). Os colonos, tanto espanhóis, como holandeses, ingleses e franceses se “turnaron en el intento de establecer sua propia industria azucarera en el Nuevo Mundo”, assim que vieram com o negócio de transportar os africanos de todos cantos do continente a partir do tráfico negreiro. Milhares de africanos e africanas foram violentamente arrancados das suas terras de origem para serem jogados no mar como almoço aos tubarões durante a travessia, que durou em torno de dois a quatro meses, porém, para outros, a travessia lhes custou a vida. Nunca chegaram ao destino.

Não existe uma estatística exata de quanto africanos havia na primeira leva de desembarque, mas, acreditando em C.L.R. James, “las cifras de africanos desembarcados en Santo Domingo eran considerables. Los 47.000 de 1720 se habían convertido en 80.000 en 1730. A partir de ese momento el crecimiento fue explosivo: 172.000 hacia 1754, para aumentar con mayor intensidad aun entre 1763 y 1789 de 206.000 a 465.429. la destrucción total de la población al cabo de una generación dio con la idea de importar los más robustos negros de la populosa África; en 1517, Carlos V autorizó la extracción de 15.000 esclavos a Santo Domingo, y de este modo el sacerdote y el rey trajeron a este mundo el comer-

cio de escravos africanos y la esclavitud (JAMES, 1938). Ainda segundo Serge Covis, no dia 24 de março de 2019, na 7ª live dos grandes obras clássicas do renascimento kemit: FEROCIDADE BRANCA: DOS NÃO BRANCOS A NÃO ARIANOS, ESTES GENOCÍDIOS OCULTOS DE 1492 ATÉ OS NOSSOS DIAS, AMELIA ROSA PLUMELLE-URIE, confirmou que durante os duzentos anos que duravam a escravização, eram no total 250 milhões de africanos que foram deportados em terra dos ameríndigenas, no meio dos quais os jovens de 16; 17 e 20 anos da aristocracia africana para serem escravizados dos brancos europeus.

Contudo, segundo Joan Gumeno, citado por Michel Trouillot, as importações procederam de áreas africanas diferentes, com povos africanos de diferentes línguas. Traficantes de escravizados saquearam as margens do Golfo da Guiné. Eles devastaram uma área e continuaram sua marcha para o oeste, e depois para o sul, década após década, do Níger às margens ‘do Congo, de Loango e Angola ao Cabo da Boa Esperança, e em 1789 chegaram a Moçambique, no Costa leste da África. Mesmo que segundo esse mesmo autor, que o Golfo da Guiné continue sendo seu principal campo de caça (JAMES, 1938), outros vão considerar que um embarque congolês pode ser considerado como a última embarcação de escravizados que antes causou grande revolta. Assim que existe uma confusão em relação à datação, também existe uma certa confusão na região de origem dos povos africanos que eles condenam à maldita pérola das Antilhas.

As origens étnicas da população negra de nossas Antilhas são complexas. O tráfico de escravizados não se desenvolveu de forma metódica, começando na ponta ocidental da costa africana, estendendo-se até o fundo do Golfo da Guiné, chegando ao Congo, depois Angola. A partir de meados do século XVII, ao lado de escravizados oriundos da costa do Senegal, encontramos Aradas de Daomé, Minas de Gana e muitos Angolas [...] Os escravizados foram comprados “no reino de Angola” e ao longo da costa da Guiné, e o Padre Pelleprat especifica a complexidade étnica dos escravizados: “Os negros que transportamos nas ilhas são de várias nações da África: Angola, Cabo Verde, Guiné, Senegal e algumas outras terras perto do mar. Existem nas ilhas até treze nações de diferentes línguas. “Mas, sem nunca deixar de fornecer escravizados no século XVIII, Bambaras, Tacouas, Cotocolis, Coromantins, Judas, Ayos e Nagos do Leste e Ibos do Oeste do Baixo Níger, foram por grupos muito grandes que chega-

ram Aradas então depois 1770 os Congos, comprados principalmente por cafeicultores (PLUCHON, 1982). Entre 1783-89, a produção quase dobrou. Entre 1764-1771, a importação média de escravizados variou de dez a quinze mil. Entre 1786 havia 27.000 e a partir de 1787 a colônia recebia mais de quarenta mil escravizados todos os anos (JAMES, 1938).

O aumento do número de escravizados estava saturando a colônia de africanos nativos, mais ressentidos, mais irritados, mais dispostos a se revoltar do que os negros crioulos. Dos meio milhão de escravizados que viveram na colônia em 1789, mais de dois terços haviam nascido na África (JAMES, 1938). Estes são os africanos que trouxeram de volta costumes progressistas e revolucionários. Os africanos deportados no caribe que não perderam suas vidas durante a travessia do Mediterrâneo, não perderam suas concepções e suas visões do mundo de seus antepassados. Assim que concluíra, Serge Covis, ao revisar “Os Jacobinos Negros e a Revolução de Saint-Domingue, confirmando de que não eram apenas pessoas de extracções básicas que deportaram, foi a elite africana que foi deportada para o Haiti como escravizados e escravizadas. Deportaram estudiosos e não fetichistas, e também deportaram guerreiros, considerando a origem dos laços familiares de Toussaint Louverture, descendente do ex-ministro da Defesa do reino de Alada, no Benin, que se chamava Garu e que era o ministro da Defesa do rei.

A mesma observação era feita também a respeito do personagem de François Mackandal, um escravo bossale (rebelde), foi o percussor da independência de Saint-Domingue, quem ensinou a ler e escrever a muitos de seus discípulos. Deixou uma herança enorme de mitologia acompanhada por hinos mágicos, preservados por uma cidade inteira que ainda canta nas cerimônias de Vodou (veja o Reino deste mundo, de Alejandro Carpentier). François Mackandal era um orador de origem guineana; na opinião de um branco coetâneo dele, dotado de tanta eloquência quanto os falantes europeus da época, e apenas diferente por causa de sua força e vigor superiores. Ele ignorou o medo e, por causa de um acidente, tornou-se maníaco, possuía uma força de espírito que sabia preservar em meio à tortura mais cruel. Ele se gabava de prever o futuro; como Muhammad, ele teve revelações; convenceu seus seguidores de que ele era imortal (JAMES, 1938)

Além desta lista inumerável de sábios que demonstram pelos seus conhecimentos ancestrais a anterioridade das civilizações africanas em relação a europeia, como o nome de umas

das obras de Xequê Anta Diop, demonstrando incontestavelmente a tese da mono origem da humanidade. Não podemos esquecer da história prodigiosa de Boukman, o iniciado jamaicano junto com Afá M'tu Imaná a qual o nome foi deformado em Fátima, que eram as cabeceiras da cerimônias de Bwa Kay Mún, erradamente chamado de cerimônia de Bois Caiman. Dos meio milhão de escravizados que viveram na colônia em 1789, mais de dois terços haviam nascido na África. A propósito deles, Aimé Césaire vai dizer:

Quem eram então esses homens que, através dos séculos, uma selvageria insuperável arranca de seu país, de seus deuses, de suas famílias? ... homens afáveis, educados, corteses, certamente superiores a seus carrascos, um bando de aventureiros que quebrava, violava, insultava a África para melhor espoliá-la (...) Eles sabiam construir casas, administrar impérios, organizar cidades, cultivar campos, fundir os minerais, tecer o algodão, forjar o ferro (...) sua religião era bela, feita de misteriosos contatos com o fundador da cidade. Seus costumes agradáveis, baseados na solidariedade, na benevolência, no respeito aos idosos [ainés, anciens, ancêtres/divinisés]. Nenhuma coação, mas a assistência mútua, a alegria de viver, a disciplina livremente consentida. Ordem, Intensidade, Poesia e Liberdade. (CÉSAIRE, 2021, np).

Do indivíduo sem angústia ao chefe quase fabuloso, uma cadeia contínua de compreensão e confiança. Tinham ciência? Claro, mas eles a tinham para protegê-los do medo, grandes mitos onde a mais refinada das observações e mais ousada das imaginações se equilibravam e se fundiam. Tinham arte? Eles tinham sua magnífica estatuária, onde a emoção humana nunca explode tão ferozmente a ponto de deixar de organizar, segundo as obsessivas leis do ritmo, a matéria destinada a captar, para redistribuí-las, as forças mais secretas do universo (FANON, 2008, p. 119).

1.2. As Lutas entre as Potências pela Ilha

A partir do assentamento espanhol por Cristóvão Colombo em 1492, ao sudeste da ilha, com o tempo se transformou em um verdadeiro campo de guerra mundial, onde vários países se disputavam pela posse absoluta. A partir de 1608, os espanhóis tinham como prioridade garantir as terras que eles poderiam sustentar militarmente. Em 1629, os piratas ingleses e depois franceses instalaram-se na ilha La Tortue, situada ao norte do Haiti (PIERRE, 2009). Cyril Lionel Robert James nos faz uma descrição detalhada da situação da ilha Tartaruga no

século XV, de quantos vagabundos das piores espécies da raça humana procuravam acomodações na pequena ilha.

Em Tartaruga chegou fugitivos da justiça, fugindo de galés incapazes de pagar suas dívidas, aventureiros em busca de aventuras ou fortunas rápidas, homens de todos os crimes e de todas as nações. Franceses, britânicos e espanhóis se mataram por quase 30 anos, os britânicos ficaram com Tartaruga por algum tempo, mas no final foram os bucaneiros franceses que se impuseram. Os franceses, britânicos e espanhóis atacaram, contra-atacaram e calcinaram o país, mas em 1695, o Tratado de Ryswick, assinado pela França e pela Espanha, concedeu à França a posse legal da parte ocidental da ilha (JAMES, 1938, p. 21).

Como relatou Jean Price Mars, na “La vocation de L’élite”, que os primeiros franceses a se firmarem em nosso solo foram piratas (boucaniers e flubustiers), estabelecidos pela primeira vez na costa da tartaruga, que foi tomada à mão pelos ingleses. Eram pessoas rudes que viviam bem unidas entre si, mas rápidas em se inflamar e fazer justiça a si mesmas com o tiro de uma curta distância [...] eles foram os pioneiros formidáveis, as primeiras raízes bárbaras da colonização francesa nas terras de Saint-Domingue. Diz-se que por volta de 1641 o número era de aproximadamente 3 a 4.000 homens. Em suma, o mínimo que se pode dizer sobre o povoamento da colônia, desde sua origem até por volta de 1700, é que foi constituído por elementos detestáveis (MARS, 1919). Foi assim então que os comerciantes de escravizados começaram a usar cada vez mais negros, em quantidades que aumentavam a cada ano (JAMES, 1938).

Os burgueses da Inglaterra e os comerciantes de escravizados mais prósperos, vendiam milhares de escravizados contrabandeados todos os anos para colonos franceses e, em particular, no domingo santo. A burguesia britânica era a grande rival dos franceses. Entre 1783 e 1789, a produção quase dobrou. Em 1754, dois anos antes do início da Guerra dos Sete Anos, havia 599 plantações de açúcar. Em 1767, exportou 32.700 toneladas de açúcar bruto e 23.200 toneladas de açúcar refinado, 454 toneladas de índigo, 900 toneladas de algodão e grandes quantidades de couro, melão, coco e rum. Havia tudo não apenas em abundância em Santo Domingo, mas também em qualidade. Cada cafeeiro produzia uma média de 450 gramas, não só em quantidade senão também em qualidade e diversidade. A folha de tabaco era maior lá do que em qualquer lugar da América e correspondia à qualidade do tabaco em Havana. O grão de cacau de Santo Domingo era mais ácido do que o da Venezuela, a experiência mostrou que o chocolate tinha um sabor mais delicado do que o chocolate feito a partir de cacau

venezuelano. O algodão surgiu espontaneamente, sem exigir atenção de qualquer tipo, em terrenos rochosos e falhas rochosas; o índigo também.

No quarto capítulo da “Pele Negra e Máscaras Brancas”, de Frantz Fanon, ao questionar o argumento de Mannoni, que vai fazer a mesma confirmação que Quijano, porém em outras palavras, ele diz: “sim, a civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial”, ainda apoiando em Aimé Césaire, antes de sermos as suas vítimas, fomos os seus cúmplices”. A explicação dessa cumplicidade reside no porquê “o racismo é a obra de pequenos comerciantes e de pequenos colonos que deram duro durante muito tempo sem sucesso” (FANON, 2008). O colonialismo, pela definição, é a obra de aventureiros do intelectualismo ocidental e de políticos, os representantes, os mais qualificados que se consideram acima das massas. Finalmente sabemos que o inferior é uma invenção do racista. Como bom discípulo de Fanon, pergunto: é o racista que cria o inferiorizado? Além da estrutura racial sobre a qual se baseava o sistema escravagista, reinava também no interior a burocracia classista. A grande confusão entre a noção de proprietário e propriedade durante os dois séculos que duraram a escravização e a noção da teoria contratualista de “Propriedade Privada”, a partir da qual surgiu a pretendida Revolução Francesa.

O comércio de escravizados e a escravização estavam intimamente entrelaçados com a economia do século XVIII. Três forças, os donos de Santo Domingo, a burguesia francesa e a burguesia britânica competiram para devastar um continente, explorando brutalmente milhões de pessoas. Desses três grupos, plantadores de Santo Domingo, burguesia britânica e burguesia francesa, o primeiro e mais importante foram os plantadores de Santo Domingo. Conhecendo o Banco Dado do comércio transatlântico de escravizados concebidos pelos historiadores David Eltis e David Richardson, e hoje mantido pela Universidade Emory. Entre 1502 e 1866, 11,2 milhões de africanos sobreviveram à terrível travessia oceânica e chegaram como escravizados ao Novo Mundo. 450 mil desembarcaram nos Estados Unidos, só para o Brasil foram 4,8 milhões (GATES JUNIOR, 2014)

Em 1789, na véspera da Revolução francesa, contava mais de 700 mil escravizados. Mesmo sem tomar isso em consideração, em sua maioria eram mulatos, os 28 mil "negros livres" que exigiam a abolição das medidas discriminatórias, cujas vítimas queriam igualdade total com os 40.000 brancos estabelecidos na colônia (PIERRE, 2009). Como podemos ver

“era muita gente” para uma área tão pequena. Mas o que há de certo, que podemos dizer, é que nas costas dessas pessoas não se chegou a enumerar com exatidão, pela quantidade excessiva de pessoas. É apenas para ter uma ideia de quão próspera era a colônia francesa de Saint-Domingue, no comando de apenas 30.000 brancos a perguntar-se, como alguém poderia temer por uma colônia tão maravilhosa? A escravização parecia eterna e os benefícios aumentaram. Nunca antes, e talvez nunca depois, o mundo viu algo tão deslumbrante em proporção como os últimos anos do Santo Domingo pré-revolucionário.

Contudo, como estamos vendo, os ocidentais, espanhóis, franceses e ingleses não somente exterminavam os nativos da terra, mas traficavam africanos e escravizavam, mas também se massacravam entre eles mesmos para o governo absoluto da ilha. Foi somente em 1697, onde o tratado Ryswick, entre a França e Espanha, deu aos franceses o direito legal sobre a parte ocidental da ilha, que passou a ser chamada de (Saint Domingue) São Domingos. Assim como já detalhamos, algumas das conquistas, em pouco tempo Saint Domingue tornou-se a pérola da coroa francesa. Os franceses, como qualquer outro governo da época, consideravam que as colônias existiam exclusivamente para o benefício da metrópole. Conhecido na Inglaterra como um sistema mercantilista, todo produto manufaturado necessário aos colonos era obrigado a ser comprado na França. Somente a França poderia vender os produtos. As mercadorias só podiam ser transportadas em navios franceses. “As colônias”, disse Colbert o ministro da França no século XVII, “foram fundadas por e para a metrópole”. Do mesmo jeito que hoje estamos, depois a política do Colbert (*tout part et tout pour la métropole*) sobre a dominação da política de Monroe (*L’Amérique aux américains*).

Enfim, obviamente o Estado colonial de Saint-Domingue estava tão segmentado que não deixava a menor possibilidade da noção “comunidade unitária” se desenvolver, ou seja, da nação, mesmo sabendo que o conceito nação é de origem europeia, que é a trama dos países não europeus, já que, segundo pesquisadores africanos, não haveria uma palavra nas línguas africanas que traduziria o termo “nação”; o mesmo para os termos etnia ou ainda negro. Assim entendemos que são conceitos inventados pelos colonizadores na sua política de divisão racial do trabalho. Mesmo assim, quando emprestamos a noção de nação é essencialmente sem manchas de inferioridade raciais ou familiares.

Porém, entendemos que houve um rompimento brutal do cordão umbilical das famílias ligadas na envoltura da dessa mãe, que é a mãe de todos e que vincula todas as famílias através dos valores e princípios de equilíbrio. Tampouco aqui, a noção de família, africanamente entendida, não se aproxima da definição hegeliana, como um grupo de escravizados cujo chefe representante seja o pai. Estamos dentro de uma outra cosmovisão de um continente que foi invadido e cujos povos foram massacrados, exterminados e reduzidos à escravidão em sua própria terra e deportados em terra transcontinental, cuja história não foi contada e permanece mal escrita. Esta questão de linha genealógica, da marca do matriarcado de certos povos africanos, a partir da qual chegou a nascer o povo haitiano, é certo que falamos do Vodou, mas numerosas observações já demonstram o papel mais que fundamental que representam as mulheres, enquanto iniciadoras nos cultos voduescos. A sacerdotisa Fátima na Cerimônia de Bwa kay Mun, é exemplo histórico mais conhecido e apropriado

Apesar das estratégias de terror e de divisão que reinava na colônia de Saint-Domingue, durante duzentos anos de escravidão e de lutas antagônicas, de crimes os mais abomináveis cometidos contra o negro africano; como essa massa, considerada pela época a mais bárbara, chegou a não se rebelar, mas em revolucionar-se até consolidar-se em um povo autêntico. Quais eram os fundamentos deste novo povo? Quais eram os elementos que possibilitavam a formação e a consolidação deste povo, consciente de s novo contrato social e de sua nova aliança de união libertadora? Esse povo, ou melhor, essa classe, esses negros que os brancos exigiram que mantivéssemos na mais profunda ignorância e que foram tratados como besta. O que há de semelhança da Revolução Francesa partindo da teoria do “novo contrato social” com a Revolução Haitiana?

A partir de quais antecedentes de sistema de governabilidade que os escravizados chegaram a tomar o reino de Saint-Domingue, o primeiro centro do comércio mundial que estava sobre o controle da MetrÓpole francesa, e como lidará com os herdeiros legítimos? Está cientificamente provado que em 1789, a colônia de Santo Domingo nas Índias Ocidentais Francesas representou os territórios partes do comércio de França com o exterior e a era a rota comercial mais importante para o tráfico de escravizados europeus. Uma leitura atenciosa de diferentes revoltas e sobre revoltas, desde a terra onde eles foram arrancados e da cerimônia de Bwa kay Mun, onde o povo haitiano nasc e depois consolidou sua nação nos ajudará muito

a responder a algumas destas perguntas, cujas respostas são essenciais para o escopo do nosso trabalho, que tem a finalidade de observar o que o Haiti herdou da tradição Africana e como foram tratadas as heranças pelos seus herdeiros afro-haitiano-caribenhos. Dado que o Haiti é um país separado da África, mesmo tendo vindo da África. Por outro lado, o Haiti é um país destacado no caribe, porque o Haiti após a independência ninguém o queria, nem mesmo os haitianos e o que parece velho, é uma realidade atual. Os mulatos estão se fazendo passar por semi-europeus e os negros preferindo serem chamados de qualquer nome antilhano, à exceção de haitiano e descendentes de africano.

1.3. Saint Domingue: nem povo, nem nação

Como dizia CLR. James:

Os homens diriam qualquer coisa pelo orgulho nacional, o por evitar o peso da consciência... porque havia e sempre haverá aqueles que, envergonhados com o comportamento de ss ancestrais, tentam provar que a escravização não era tão ruim, afinal. Por isso os revisionistas profissionais têm a seu favor os escritos de alguns observadores contemporâneos que descrevem cenas idílicas de beleza (JAMES, 1938, p. 27).

Contrariamente àqueles que diziam que os negros dançavam e cantavam no campo de concentração das plantações, James descreveu o relato de um viajante suíço, que deixou uma descrição famosa de um jogo de escravizados em plena matança:

Eles eram cerca de cem homens e mulheres de diferentes idades, todos ocupados cavando túmulos em um campo de cana, na maior parte nus ou cobertos de trapos. O sol brilhava intensamente em suas cabeças. O suor escorria por todos os ss membros. Ss membros, vencidos pelo calor, cansados do peso de suas ferramentas e da resistência do solo argiloso a ponto de dobrar ss implementos, lutaram para superar todos os obstáculos. Um silêncio sombrio reinou. A exaustão estava impressa em cada rosto, mas a hora do descanso ainda não havia chegado. O olhar cruel do prefeito supervisionava o jogo e vários capatazes equipados com chicotes longos andavam regularmente entre eles, dando chicotadas a todos aqueles que, vencidos pelo cansaço, cederam à necessidade de descanso: homens ou mulheres, jovens ou velhos (JAMES, 1938, p. 25).

Ao que parece é uma vã tentativa os esforços de certos por apagar os tratamentos horripilantes que nossos ancestrais receberam, porque as sequelas dos chicotes da escravização não podem ser esquecidas em nome da literatura romântica europeia, apesar da acomodação da maioria dos escravizados a essa brutalidade incessante através de fatalismo

profundo e estupidez diante de seus senhores.

Assim que o crioulo preto era mais “dócil” do que o escravo nascido na África. Estes eram os bossales, os selvagens como lhes tratavam, os recém-chegados, cujo maioria vieram de Kongo, pois até hoje, Kongo, em crioulo haitiano, significa recém-chegado. Também havia os criados nos campos, tal Jean Jacques Dessalines, que sofreu com todas as humilhações.

Contudo, havia uma pequena casta privilegiada, capatazes do partido, muleteiros, cozinheiros, criados, criadas, parteiras, donzelas e outros empregados domésticos. Eles pagaram o tratamento gentil recebido e a vida relativamente fácil, com uma forte conexão com os senhores... impregnados dos vícios de os senhores e senhoras, esses servos de escalões mais altos receberam acenos de grandeza e menosprezaram os escravizados dos campos (JAMES, 1938, p. 31).

Por exemplo, os escravizados da plantação Gallifet recebiam um tratamento tão privilegiado que tinha ajustado dos escravizados a expressão: “feliz como negro Gallifet”. Mas o número de escravizados em posições que ofereciam essas oportunidades era infinitamente pequeno comparado às centenas de milhares que carregavam o peso da estrutura da sociedade de Santo Domingo de costas curvadas (JAMES, 1938, p.75).

No entanto, devido a um fenômeno que pode ser verificado em todas as revoluções, foram eles que deram um primeiro passo importante. Porque alguns deles aproveitaram sua posição para se educar, obter uma certa educação, aprender o quanto podiam. Henry Christophe, mais tarde imperador do Haiti, era escravo, açougueiro em uma pousada em Cap François, onde aproveitou suas oportunidades para aprender sobre os homens e o mundo. Toussaint L’Ouverture que trocava carta com Napoléon Bonaparte, também pertencia a essa casta pequena e privilegiada.

Era uma sociedade estruturada em relações desiguais, que lhes resumiram apenas em raivas, ódios individuais e conflitos mortais entre eles, impossibilitando todo tipo de rede de união e de solidariedade. O Saint-Domingue, com o trabalho dos negros escravizados, se transformou em uma economia vertiginosa, pois:

As colônias enviaram para a França 218 milhões em açúcar, café, cacau, madeira, índigo e couro. Dos 218 milhões importados, 71 milhões foram consumidos apenas na França, o restante foi exportado uma vez processado. Em 1789, Santo Domingo era o mercado do Novo Mundo. Acolhido em os portos 1.587 navios. O comércio de escravizados e a escravização foram a base econômica da revolução francesa... Nantes era o centro do comércio de escravizados. Já em 1666, 108 navios ancorados na costa da Guiné para embarcar 37.430 escravizados no valor de 37 milhões de francos, o equivalente a entre 15 e 20% da riqueza de Nantes. Nantes enviava 50 navios todos os anos para as Índias Ocidentais (JAMES, 1938, p. 51).

Suas exportações atingiam 214 milhares de francos. Saint-Domingue exportava cerca 72 milhões de libras de açúcar bruto e 51 milhões de libras de açúcar refinado, o que representava 40 % de todo o açúcar consumido na toda europeua. 1 milhão de índigo, 2 milhões de libras de algodão e 60% de todo o café consumido no mundo inteiro. Dito de outro modo que, os meios de subsistências pelo menos de vinte cinco milhões de habitantes da França, dependiam diretamente do comércio colonial motorizado pelos braços dos escravizados, os negros que foram transformados em animais selvagens, diante dos quais os brancos e os mulatos se sentiam ameaçados pela efetividade numérica dos escravizados que não acabava de aumentar por vias de novas embarcações e novos nascimentos, de demografia interna. Muito antes de 1789, a burguesia francesa era a força econômica mais poderosa da França, e o comércio e as colônias de escravizados eram a base de sua influência e bem-estar (JAMES, 1938).

Foi um verdadeiro pesadelo, no qual havia uma combinação perfeita, a fim de vivê-lo eternamente sem poder despertar-se. Mas chegou um momento que saturou. Saturou de ressentimento de irritação e de humilhação, e os humilhados se levantam de maneira organizada no seio de tanta desordem. Nessa via, vale enfatizar que a Revolução haitiana, separando das relações de parentesco das historiografias francesas que lhe oculta de sua originalidade e ao mesmo tempo lhe rouba a maternidade e a liberdade. O direito da Revolução haitiana e o jogo paradoxal entre liberdade e independência e soberania começou pouco tempo depois do assassinato do Imperador Jean Jacque Dessalines, em outubro de 1806, dando um caráter efêmero a independência e uma entrega demasiado fácil de algo tão precioso conquistado: a liberdade. Uma liberdade que há nos custado os corpos e as almas, nossos e dos ancestrais e, mesmo pagando, mais de 150 francos não eram suficientes para o seu reconhecimento.

Como já está relatado e confirma nas linhas precedentes de que a palavra nação, como a de etnia, ou seja, raça, não são categorias operacionais em qualquer língua africana, sobretudo no continente africano. Também, estamos afirmando, contrariamente à teoria marxista, de que nem toda história da humanidade esteve sempre ligada à história da constituição das classes sociais. Uma vez que, os povos africanos, nunca foram divididos em classes, nem as grandes organizações e civilizações não conheciam a guerra racial e classista, universalizada por Marx. E entre a raça, etnia, nação, ou povo, a sociedade de Saint-Domingue não poderia clas-

sificar-se em nenhuma dessas categorias, pois Saint-Domingue, nem uma sociedade era, se não que um laboratório onde se transformava os seres humanos, originário de África, em animal de pior espécie. falo do povo mesmo, do seu próprio povo.

O que é um povo? O conceito povo, infelizmente, foi por muito tempo vítima de uma má apropriação moderna, foi deslocado em seu contexto africano para adaptá-lo ao conceito de nação e raça (racio), dois conceitos inexistentes antes da chegada dos europeus em terras afro-caribenhas. Mas o povo em suas línguas e suas tradições africanas implantadas no caribe, poderiam ser definidos como um conjunto de indivíduos que possuem um vínculo genealógico e umbilical que os leva ao seu objetivo de civilização humana. Só assim se definia povo em todas as regiões africanas, antes delas serem levadas para outras regiões. Esta palavra significa aliança de famílias ligadas aos cordões da mãe. Todas as famílias que têm uma aliança com a mesma filiação uterina são um povo. Mas essa aliança foi interrompida e corrompida com a chegada dos europeus, sedentos de recursos naturais, famintos das especiarias, vestidos das religiões abraâmicas (judaísmo, catolicismo, as igrejas pentecostais, o protestantismo reformado etc.).

O conceito de povo é na maioria dos casos confundido com o de nação, mas uma coisa é clara, antes do Haiti chegar a ser uma nação e herdar uma tradição europeia, o povo haitiano era um povo e se reconhecia como tal. Vieram de nações, sistemas linguísticos, morais etc. Um povo que herdou suas línguas e suas tradições africanas. E ainda, que seja claro, que quando estamos falando de tradição ou tradições, não se trata de um dispositivo cultural arcaico fixado, definido nos padrões europeus. A tradição para africanos em diáspora é uma cadeia ininterrupta de todas as gerações. Isso se traduz por uma diferenciação na escala de ancestralidade. Porque sempre em certo caso há certa confusão quando se referencia as ancestralidades africanas. Em certos casos não há entendimento nenhum do que poderia significar uma “cadeia de geração”. Muitos pensam que quando está se falando de ancestralidade, dos ancestrais, seria para referir-se aos mortos, na verdade não se restringe apenas a isso, se revela de uma dimensão mais ampla; de uma amplitude à qual, infelizmente, não podemos mencionar e analisar aqui.

A questão da geração da tradição em termos africanos remonta a tempos remotos da humanidade, onde os mais velhos sabem e transmitem esses ensinamentos. Passamos pelos

maiores, os velhos, os antigos, os ancestrais até chegar nas divindades da linha que nos gerou. Na análise e leitura do livro o pacto do sangue de Nkwawume, Serge Covis fala que: “Costumo dizer que não podemos conhecer um homem na singularidade de s destino se não conhecermos as pessoas que lhe deram luz” (Clovis, 2019). Quer dizer, se não conhecermos as mães que nos deu a luz, não conheceremos o matriarcado a partir do qual fomos gerados, e quem não conhece o matriarcado, ou seja, o elo umbilical do povo, não pode conhecer nem liderar o destino de sua nação, porque não conhece a sua própria história. Justamente por isso recusamos categoricamente todas as tentativas de filiação direrta entre a revolução francesa e a majestosa revolução haitiana.

Apesar de todas as atribuições que ocorreram com Saint-Domingue, apesar da sua riqueza que se acumulava ao lado da miséria e da pobreza, não podemos falar de Saint-Domingue sem atribuí-lo a etiqueta de sociedade, que em certo sentido é uma ofensa, se concordamos que sociedade é relação entre homens “civilizados”! Saint Domingue era apenas um horrível laboratório onde a coalisão ocidental europeueia transformava e tratava os africanos pior que animal selvagem.

De fato, não é possível falar de revolução e independência sem antes falar das revoltas e das lutas de resistência; não posso falar das revoltas sem mencionar o navio negreiro onde “millones de africanos fueron violentamente reclutados y transportados en barco a través del Atlántico, en condiciones que siguen perturbando nuestra imaginación” (JAMES, 1938, p. 12). Apenas ao ler os documentos sobre o tráfico negreiro e o comércio de escravizados o estômago começa a tornar-se estranho e vem uma sensação de vômito e as lágrimas, tanto de raiva quanto de tristeza, mas é realmente preciso relatar os fatos históricos, suas causalidades e consequências. A África, que era nos séculos XVI: “un territorio pacífico y felizmente civilizado. Los comerciantes recorrían miles de kilómetros desde una punta a otra del continente sin perturbaciones de ninguna especie, foi escravizada e deportada” (JAMES, 1938, p. 22). C.L.R. James nos Jacobinos Negros faz uma descrição científica da penitência dos seres humanos no barco negreiro e falou assim. “Los esclavos eran capturados en el interior, atados los unos a los otros en columnas, cargados con pesadas piedras de 18 o 20 kilos para evitar tentativas de fuga” (JAMES, 1938, p. 23). Para termos uma ideia do navio negreiro, descreve:

[...] Algunos eran transportados hasta la costa en canoa, tendidos en el fondo de las embarcaciones durante días interminables, las manos atadas, los rostros expuestos al sol y a las lluvias tropicales, las espaldas sobre el agua que nunca era achicada. Al llegar a los puertos de embarque se los encerraba en “empalizadas” para ser inspeccionados por los tratantes de esclavos. Día y noche millares de seres humanos se aglomeraban en estos “antros putrefactos” en los que ningún europeo podía permanecer más de un cuarto de hora sin desmayarse. Los africanos se desmayaban y se recuperaban, o se desmayaban y morían; el número de muertos en las “empalizadas” llegó a rondar el 20 %... Se sabe de un capitán que mató a esclavos para alimentar a los demás con su carne... otro mató a un esclavo, dividió el corazón, el hígado y las entrañas en trescientos pedazos y obligó a cada esclavo a comer uno de esos pedazos, amenazando a los que se negaban con someterlos a la misma tortura (JAMES, 1938, p. 23)

Não tem como não dizer que os europeus todos que, de perto ou de longe fizeram parte do comércio de seres humanos, são os povos mais bárbaros de toda humanidade. Nas páginas 85 e 95, Uribe diz que Santo Domingo é o lugar alto do sofrimento humano. Haiti é um lugar de desumanização do negro.

A cerimônia de Bwa Kay Mun de certo modo representa o pilar da revolução pelo qual os escravizados e escravizadas chegaram a ser livres. Porém não era a única que teve durante toda a história da escravização. Seria muito mais razoável dizer que a independência do Haiti seria fruto de um acúmulo de resistências, desde o momento de captura em terras africanas. Se os indígenas, como nos ensinam nas classes primárias, eram dóceis, agora sabemos que com os africanos, cada embarque, desde o primeiro até o último, era em si uma pequena revolução. Por isso, muitos haitianos guardam em memória, os que lutavam pela independência, todos e sobretudo os que venceram muito tempo antes da cerimônia Bwa Kay Mun.

Embora os males que me causam a história do trânsito negreiro, os horrores que viviam durante a travessia, é importante retomar esse tema porque muitos historiadores ainda romantizam a escravização. Se analisarmos como os capturados resistiram, não podemos não mencionar, com a clareza que Jean Price Mars descrevia esse longo período histórico: “Toda a história do Haiti é feita de revolução, esse sentimento de liberdade entre os escravizados sempre existiu. Escravizados foram vistos correndo em direção aos canhões, enfiando os braços na boca dos canhões para impedi-los de partir durante este longo período de 1790 a 1804”⁴².

Esta cerimônia foi, de fato, o prelúdio do vasto levante "que iria devastar a rica província setentrional da parte francesa de Saint Domingue. O tempo apareceu! Diz a

⁴² Conf. Entrevista de Jean Price Mars em <https://www.haitiinter.com> .

tradição! Neste momento de terror. As planícies suntuosas do Norte transformaram-se num vasto inferno cujas chamas podiam ser vistas à noite nos vizinhos, dias em que durante as fortes concentrações, fumo escureciam o céu! confundindo assim numa decoração apocalíptica a noite e o dia (MAUDLER, 2021).

Enfim, era tudo para dizer que nós os africanos nunca nos consentimos submeter com essas formas de desumanização, desumanidade, diabolização e satanização às quais coincidem a inferiorizar a nossa raça, ainda criando eles, a classificação da raça, a ciência controversa dos naturalistas desde Blumenbach... Segundo o gênio e precursor do panafricanismo, o Anténor Firmin, na Igualdade da raça Humana... completando essa parte de eterna resistência, o Cyril Lionel Robert James...

No todos se resignaron a esto. Aquellos cuyo espíritu orgulloso se rebelaba ante la esclavitud como algo intolerable y se negaba a eludirla cometiendo suicidio, escapaban a los bosques y las montañas donde formaban bandas de hombres libres: los cimarrones. Fortificaban sus dominios con empalizadas y con fosas. Había mujeres con ellos. Se reproducían. Y durante los cien años previos a 1789 los cimarrones fueron una fuente de amenaza para la colonia. En 1720, mil esclavos huyeron a las montañas. En 1751 había al menos tres mil. Normalmente formaban bandas independientes, pero cada cierto tiempo encontraban un jefe lo bastante enérgico como para integrar a las diferentes facciones. Muchos de estos líderes rebeldes sembraron el terror entre los colonos mediante incursiones en las plantaciones y mediante la fortaleza y determinación de la resistencia que opusieron a todo intento de exterminarlos. El más importante de estos jefes fue Mackandal (JAMES, 1938, p. 32).

François Mackandal é uma das figuras das mais inesquecíveis por ser o arquétipo de nossa liberdade. Foi ele que implantou os fundamentos do Vodou no Haiti, o ex território dos Tainos...

Él fue quien urdió el ambicioso plan de unir a todos los negros y expulsar a los blancos de la colonia. Era un negro de Guinea que había sido esclavo en el distrito de Limbé, que más tarde llegaría a convertirse en uno de los grandes núcleos de la revolución. Mackandal era un orador, en opinión de un blanco contemporáneo, dotado de tanta elocuencia como los oradores europeos de la época, y sólo diferente por su fuerza y su vigor superiores. Ignoraba el miedo y aunque a causa de un accidente había quedado manco, poseía una fortaleza de espíritu que sabía preservar en medio de las torturas más crueles. Se jactaba de predecir el futuro; como Mahoma, tenía revelaciones; persuadió a sus seguidores de que era inmortal y ejercía tanta influencia sobre ellos que consideraban un honor servirle derodillas...Su banda no sólo atacó y saqueó las plantaciones desde un extremo a otro de la isla sino que él mismo recorrió plantación tras plantación para atraer conversos, estimular a sus seguidores y perfeccionar su ambicioso plan de destruir la civilización blanca en Santo Domingo. Una masa analfabeta, cuando siente que ha llegado el momento de la revolución, normalmente empieza por el terrorismo, y Mackandal intentó liberar a los suyos por medio del veneno. Durante seis años articuló su organización, envenenando tanto él como sus seguidores (JAMES, 1938,

p. 32).

As rebeliões e levantes era o que mais havia no Haiti. As revoltas contra a escravização era o que havia com mais regularidade. Não podemos esquecer, como explicou o Fidel Pharizien na sua página de youtube, “**Koze sou Vodou**” dos Mondongs... nos explicando que era dos mais revoltados, que furava o barco de tanto bater o pé na tábua. Teve casos que perderam toda a carga e morr todo mundo. Por isso que depois desses acontecimentos, dos escravizados que furaram com o pé o barco a posição deles foi mudada, não podiam nem se mover. É verdade que a Cerimônia de Bois Kay Mun teve um papel fundamental na organização da república no dia 18 de maio de 1803, onde a Archaie a bandeira da liberdade e da independência definitiva foi levantada na história de luta contra a escravização. Porém, como gosta de mencionar Omar Thomaz, o Haiti é a terra onde todo dia é revolução. Sabemos que "a formidável insurreição de 14 de agosto de 1791 não surgiu do nada, nem poderia ter sido o resultado de um gesto espontâneo (MAUDLER, 2021)

1.4. Vodou: a chave de uma política de resistência

Todo o pano de fundo do trabalho consiste em demonstrar que o Haiti é uma herança africana e que o vodu se define sendo a sua identidade. Entendendo bem o conjunto das leituras de Laernec Hurbon, o sociólogo haitiano especializado nas relações entre religião, cultura e política na região do caribe, era e ainda é e sempre será uma coisa impossível de falar do Haiti sem lhe incorporar de maneira indissociável a coloração, as práticas e as crenças do Contrariamente ao que foi falado na imprensa norte-americana, que declarou que a culpa pela pobreza do Haiti é o Vodou, acreditamos que o Vodou é única chave de desenvolvimento e de progresso do Haiti. Como sempre fala Fidel Pharizien, que não há outro caminho pelo qual possamos conhecer a luz de desenvolvimento se não nas práticas de nossos antepassados. Assim que o evento conhecido no Haiti como a "Cerimônia de Bwa kay Mun" é um importante mito fundador da nação haitiana. É ao mesmo tempo o ponto de partida da massificação do protesto contra o sistema escravista colonial e o primeiro grande entalhe a impulsionar o processo! Que a partir de então se tornou irreversível! levando ao seu desmantelamento (MAUDLER, 2021). A cerimônia da noite de 14 a 22 de agosto, permite conceber o Vodou como um sistema religioso como outro qualquer, que alude tanto a uma

problemática de identidade cultural que tem um papel essencial na história política do Haiti, mas implica também numa concepção particular ou singular das relações de desenvolvimento econômico. O Vodou representa um papel fundamental na criação do Estado Nação, mesmo sabendo que os papéis foram invertidos depois da morte do imperador negro Jean Jacques Dessalines, o pai fundador da nação, o qual consagramos com alguns pares de palavras.

O conjunto de lutas, revoltas sobre revoltas dos africanos, era para justificar que a escravização nunca foi aceita pelos escravizados. E a maneira como o Haiti se libertou dos potenciais criminosos imperialistas, testemunha o quanto a África está impregnada e certifica o quanto a revolução haitiana, já muito tempo atrás, antes de 1791, é uma revolução africana, colocando no pedestal de liderança, líderes originais de África, tais como Makandal, Boukman, Toussaint, para nomear apenas alguns. De 1791 a 1803, da fuga à guerra aberta contra o exército napoleônico, milhares de homens e mulheres com o sangue cimentaram a fundação da nação haitiana. O general-chefe, os grandes generais, os generais brigadeiros, os generais ajudantes, os chefes de brigada e os oficiais do exército revolucionário que assinaram o Ato de Independência do Haiti não podem ser considerados os únicos fundadores desta pátria (ARTHUS, 2016). Mesmo que a história sempre mantenha os nomes dos maiores guerreiros e sobretudo dos últimos.

No entanto, no que diz respeito à revolução haitiana, conforme mostrado no recente trabalho de Jean-Pierre le Glaunac, o Exército Indígena: a derrota de Napoleão no Haiti, os ex-escravizados sem patentes, nomes ou heranças que desempenharam um papel muito importante no processo de independência e que não devem ficar na sombra. Mesmo que Toussaint tenha nascido no campo de colonização, mas, seu pai como dito, era descendente de um dos ministros do reino de Dahomey em Benin. É muito mais que claro que todos os conjuntas de revoltas, passando pelas revoluções até chegar à independência e à liderança da república, eram frutos de homens e mulheres africanos e africanas e fruto de aplicação da sabedoria cultural ancestral africana. Assim num livro dedicado a Anténor Joseph Firmin, o Serge Covis tirou do livro a Igualdade das raças humanas, as seguintes conclusões: “Haiti c’est le pays le plus africain dans tout eles caraibes et le pays le plus caraibéen de tout les pays d’Afrique. Haiti c’est une Afrique indomptable perdue au mili des mers de la caraibe” (Clovis, 2019).

Não existe como separar o Haiti que nasceu das cinzas das revoluções da África. Os

homens e mulheres que foram importados e deportadas do continente africano eram ainda eles e elas que fizeram a revolução de 1791. Foi a partir dos nove dias e noites da cerimônia de Bwa Kay Mun que os princípios fundamentais da nação foram estabelecidos. A cerimônia de Bwa Kay Mun, diferentemente da maneira que nos foi contada na escola, é na real um outro nível de espiritualidade que até a ciência quântica ainda não chegou a ter ideia do tamanho de nossa sabedoria em manipular e controlar as energias da natureza. A cerimônia de Bwa Kay Mun, como lhe indica o seu nome Kay Mun, para dizer na nossa expressão de que tout moun se moun, pa gen moun passe moun, era uma cerimônia de regeneração dos corpos e de purificação dos espíritos.

Foi exatamente a partir dessa cerimônia que se fundou a nação já com suas leis e princípios. Infelizmente não foram ensinados todos os princípios, ao contrário, nos ensinavam que a cerimônia de Bwa Kay Mun era um pacto com o Diabo e que devemos nos afastar do sangue do porco derramado. Os europeus, a partir da escolarização e a cristianização fizeram tudo para rasgar esse tecido de fusão entre o Haiti e a África. A mesma teoria de idolatria aplicada por Las Casas para qualificar os modos de crença dos ameríndios nascidos de erros e de percepção induzidos pelo diabo, continua ser aplicada no Haiti após a independência: sem lei, sem fé, sem ds.

O vodou preenche um papel cardinal no levantamento dos escravizados de Saint-Domingue para cimentar suas solidariedades e reconhecimento mútuo... Embora tenha sido relegado a segundo plano. Foi relegado a terceiro plano, a uma prática de clandestinidade, uma atividade cultural à honra do diabo (HURBON, ANO). As elites haitianas de XIX fizeram de tudo para erradicar o vodou através de campanhas repressivas de rejeição. Contudo, apesar das autoridades criarem redes de peuropeuaganda, leis, e fizeram campanha de erradicar o vodou nas zonas rurais e urbanas, a maioria de nós mesmo não caem nessas armadilhas e continuam a respeitar as práticas de nossos antepassados pelo elo indissolúvel entre o vodou e a haitianidade. Quando estou falando de herança, estou concluindo, os traços de caracteres que vincula o Haiti com a sua mãe África. Traços de caráter espiritual agregados de aspectos lingüístico: ritmos, canções, danças, orações e genealogia lingüística.

O Haiti é uma herança africana, dito isso é falar que este Haiti que se formou em sociedade e nação a partir da cerimônia de Bwa Kay Mun, que durou 9 dias e durante esses nove dias, a maioria estava vestida de branco. Não eram apenas 9 dias de invocação aos

espíritos da rebelião, considerado e chamado pelos cristianizados de pacto ao diabo. Mas eram sobretudo nove dias de conferência, de organização, estratégias e sobretudo de princípios que iriam servir de fundamentos à nova nação em curso de construção. Já antes do lançamento pelas noites de 21 a 23 de agosto de 1791, as leis, e as regras bem antes da independência de 1803, foram regidas, proferidas e seladas sobre juramento “sodjeme, sodjeme, sodjeme”. De acordo com Fidel Pharizien, na sua página Koze Vodou, na publicação do dia 13 de agosto 2020 dedicado à cerimônia Bwa Kay Mun, disse que os princípios eram 12. Em meio a diferentes versões, sobre a cerimônia de Bwa Kay Mun, há um ponto comum, que é a comunhão de sangue, quer seja de um porco negro, que é a versão mais difundida ou de um cordeiro negro que talvez seja a versão do médico francês Antoine Dalmas, aparecida em 1814, ou seja 23 anos depois do evento.

Nesse ato espiritual vodu ficou comprovado que não há mentira em nossos princípios ancestrais. Assim que está provado que se estamos andando pelos quatro ventos do mundo como mendigos é porque já esquecemos de nosso juramento e de nossa condição com as forças que invocamos nas noites de 14 a 23 de agosto de 1791. Contudo de todas as versões em relação a Cerimônia de Bwa Kay Mun, vamos considerar um relatório de um testemunho que encontramos com Etienne D. Charlier, na obra intitulada «Aperçu sur la formation historique de la nation haïtienne». Nele esse evento é relatado em “A Lenda do Loa” do início dos anos 90. A autora, que é uma voduísta, forneceu informações até então desconhecidas neste livro.

Na noite de 14 de agosto de 1791, libertos, negros e mulatos, escravizados inclusive nós, estavam reunidos nesses locais sob a égide dos loas de Ifé - era uma coalizão de todos os loas da África, sem exceção nem dos Petro, os Zandor, o Kita, o Mondongue, o Capalaou, o Sinigal, todos os loa de fogo, guerra e vitória. Eramos mais de duzentos negros e mulares e Dessalines, também estava presente e quase todos os grandes generais compareceram e apesar de uma chuva torrencial, todos nós esperamos pelos decretos dos loa, Agaou, Badé, Sobo, KevyeZo não gostava dos elementos naturais para nos proteger contra a suspeita e indiscrição dos colonos... A tempestade, o raio, o vento eram nossos aliados. O manbo Edaïse iria sacrificar um porco para Ogoun Ferraille, quando a cristalização da vontade de viver livre ou de morrer atingiu o seu paroxismo, a sua sublimação materializou-se no gesto de Jean Baptiste Vixamar em homenagem aos Bizangot que afastou o porco que iria imolar o manbo

Edaïse. Assim, ele anunciou para o público atônito: “Nou pral Jire sou san ki va soti nan mwen e pou apati ojoudui nou tout viv lib ouben nou mourì”⁴³.

Seus seios se contraíram e o belo gigante que era João Batista Vixamar, o Grande, foi possuído pelo guarda Dam Balah. A voz ficou mais alta, mais imperiosa, divina em uma palavra. Então horrorizado, vimos este escravo (até então desconhecido, possuído por Dam Balah Lah para agarrar a faca que segurava o Mambo Edaïse e cortar as veias de ambos os cotovelos e apresentá-lo ao público prostrado. O sangue fluía das veias abertas, vermelho como o sol escaldante. De joelhos, todos beberam este sangue, depois de terem feito um juramento que a história recordou e que a uma só voz, as mulheres e os homens presentes repetiram em coro sob a liderança de Boukman Dutty:

O Deus que criou a terra, que criou o sol que nos dá luz.
O Deus que segura os oceanos, que garante o rugido do trovão.
Deus que tem ouvidos para ouvir: tu que estás escondido nas nuvens,
Que nos mostra onde estamos, tu vês que o branco nos fez sofrer.
O Deus do homem branco pede que ele cometa crimes.
Mas o Deus dentro de nós quer que façamos o bem.
Nosso Deus, que é tão bom, tão justo, ordena que nos vingamos
Ele irá dirigir nossos braços e nos trazer a vitória.
Ele é quem vai nos ajudar.
Ouça a voz da liberdade cantando em todos os nossos corações
Todos nós devemos rejeitar a imagem do Deus homem branco que é tão cruel
(GUIGNARD, 1993, p. 9-11)

Depois de Hougan Boukman Dutty ter proferido essas palavras, que muita gente confunde com uma oração, toda a assembleia composta de escravizados de todo o continente africano, jurava “sodjeme, sodjeme, sodjeme”. Esclarecendo aqui que quando o Boukman invocava o inefável, o grande espírito invisível e criador dizendo o bom Deus! Não é porque a palavra Deus tem a mesma concepção na visão africana ao respeito das divindades. Veja bem, o grande Olohum cujo nome é impronunciável, é chamado a partir da cerimônia de Bwa Kay Mun de Bom Ds. Por quê? Porque na concepção europeueia o grande criador da terra e dos céus se denomina Deus. Ainda que este termo seja grego, trata-se de uma simples imitação de Zeus, a divindade mais alta na hierarquia dos gregos. Este termo apropriado pelos europeus cristãos, transformando-se em Deus, significando o único criador da terra e dos céus.

Dito isso, quando um haitiano está iluminando (orando) ou na sua emoção chama o

43 Tradução: Juraremos pelo sangue que sairá de nós que de agora em diante viveremos todos livres ou morreremos.

Bom Deus! Apenas pelo fato de colocar o adjetivo “bom” relata que está endereçando-se ao grande Olohum, o Deus de Dutty Boukman, de François Mackandal, de Jean Jacques Dessalines, o Deus dos africanos e não aquele de Abraham, de José ou de Jacó, o Deus de Israel. Este Deus dos israelitas colocou o próprio povo na escravização durante 400 anos e ainda nesse povo estão os irmãos que vendem os próprios irmãos, lembrando a passagem aonde o José, filho de Jacó, que chegou a ser ministro no Egito, foi vendido pelos próprios irmãos. Não vou entrar no detalhe de tudo isso neste trabalho para dizer que o Egito que está no continente africano sempre era uma terra rica e acolhedora. É certo que com essa versão oficial da história que temos hoje, tudo está como disse Eduardo Galeano “Patás Arriba”. Porém sabemos que a história foi falsificada, e a ciência embranquecida.

Contudo, a cerimônia de Bwa Kay Mun veio mostrar a humanidade que a raça negra, como nos ensinou Anténor Firmin ao demonstrar a singularidade da raça negra na Igualdade da raça humana: “que somos uma raça de científico”. Não posso aprofundar detalhes, mas espero que um dia terei que demonstrar que o Vodou, depois de todas essas peripécias que passou, precisa ser classificado como religião, mesmo que no real, na sua profundidade e nos mundos espirituais não se restringe a uma religião, afinal é uma ciência por proceder pelas demonstrações.

Voltemos rapidamente ao foco, falando de herança e identidade, provando essa inseparabilidade, essa aliança feita sobre sangue entre o Haiti e a África nas noites de 14 e 23 de agosto. Essa reunião de decisão política e de estratégia de libertação teve um caráter religioso, por isso muita gente acabou por dizer “Cerimônia”, esforçando-se para o aspecto organizacional político que servirá de base e fundamento à nova nação que eles estavam construindo sobre fogo e sangue, para que sejamos os herdeiros primogênitos desse eterno patrimônio cultural africano. Em qualquer momento, não estou negando o que muitos alienados estão afirmando a respeito de uma certa aliança com as entidades africanas chamando de Loas (orixá).

Contudo, a cerimônia de Bwa Kay Mun, que reuniu mais de 1000 escravizados, não era uma simples reunião ou cerimônia religiosa senão que toda a formação da coluna vertebral da nação que iria celebrar sua independência no 1 de janeiro de 1804. Enfim podemos concluir que essa herança não está somente no nível de espiritualidade, mas que a espiritualidade é uma fonte distribuidora de progresso social, econômico e enriquecedor cultural

Então voltando um pouco na primeira ponte de discussão que já tivemos no início sobre os comportamentos auto-fóbicos dos negros em relação a eles. Uma das primeiras explicações que também foi descartada, foi a tentativa de considerar de que o ódio de um pelo outro poderia ser uma infecção radical epistemológica do próprio termo Haiti, significa hair toi mêmê/ódio por si. A segunda explicação também com vinculação epistemológica no radical, ainda mais sustentável por suas raízes nas divindades africanas que iniciemos, é de fato de ver no Ayiti o espírito de Ayizan. Quando digo que o Haiti é uma herança africana, podemos perceber quando que é essa ressonância o termo do Ayiti e os elementos dos genes culturais linguísticos africanos. Ayi/terre; Ti/amigo. Ayiti/ amigo da terra; ayitien/sois um ami de la terre. E Haiti, tínhamos estudado no ensino médio, e crescemos ouvindo, é uma terra altamente agrícola.

Na publicação do dia de 03 outubro 2020 Fidel Pharizien fez uma descrição detalhada não tão ao respeito do nome do Ayiti mas, de suas vinculações com a conjuntura das culturas africanas. Aqui ainda a minha pesquisa não está mergulhado nos detalhes como um estudo basicamente linguístico. Mas adotando uma postura ainda superficial, já é suficiente para demonstrar como o Haiti é da África e a África do Haiti. Porque enfim, não podemos esquecer que o Ayiti já existia antes mesmo de pisarem africanos. Portanto, considerando essas explicações, podemos afirmar que o Ayiti é uma herança africana válida. As iconografias da espiritualidade africana é uma base mais do que sustentável, e a genealogia linguística, considerando o crioulo haiti não há em nada que o crioulo haitiano esteja diferente dos idiomas africanos espalhados nas antilhas durante o tempo quase sem fim da escravização. Na conclusão do trabalho apenas tomarei em exemplo algumas palavras, seja de aspecto social, ou cultural evidenciando a realidade haitiano-africana.

A pergunta sobre o Vodou continua presente e atravessa todo o trabalho. Afinal, o que seria o Vodou: espiritualidade ou religião? Hoje em dia, assim como o candomblé do Brasil e a Santería em Cuba, o Vodou foi classificado e aceito como uma religião, com a nova constituição de 1987, ainda foi fortalecido com o decreto de 2003. Contudo, continua a ser visto ainda com desprezo em um contexto de intolerância religiosa. Hoje em dia, estamos assistindo ao desenvolvimento do poder onipresente da religião nas atividades humanas. Tudo está sendo considerado como religião. O capitalismo é uma religião apostou Walter Benjamin, assim como a ciência já foi considerada como uma religião pelo papel que se pretende manter

a partir da crença científica, chamada racional. Nada deve nos surpreender no decreto considerando o Vodou como uma religião. Ciência ou religião, o que é mais certo, não existe ciência sem espiritualidade. A ciência nasceu da espiritualidade. Está muito bem provado que todos os povos milenares, tal qual a China, hoje ilustre detentora de poder das invenções das máquinas espaciais, está intimamente ligada com a cultura espiritual de seus ancestrais.

Na cerimônia Bwa Kay Mun, nos foram reveladas algumas figuras da geometria sagrada ou ponto riscado, a partir dos quais podíamos entrar em comunicação com os nossos antepassados que iluminaram a Ásia, ensinaram os gregos, e que nos deixaram esses monumentos seculares na África e nas Américas. Embora boa parte dessa sabedoria ancestral tenha sido extraviada, roubada, levada para museus na Europa. Entretanto, o Vodou é espiritualidade, religião ou ciência? Considerando a definição epistemológica e grega do termo religião e pelo que até agora já discutimos em aspecto civilizacional africano. Religião é a codificação das tradições de um povo. Tudo como o Islã é a codificação das tradições dos povos árabes, o Cristianismo é a codificação das tradições dos povos do Ocidente, e nós, africanos, temos nossa religião que é antes de tudo a primeira da humanidade que nunca foi igualada em sabedoria, portanto, nossos ancestrais tiveram uma melhor percepção do criador⁴⁴. A etimologia do termo religião permanece flutuante e controversa, uma origem latina refere-se a ele ora ao verbo religar que significa ligar, conectar, unir, ora ao verbo religere que significa coletar, observar, respeitar. Em qualquer caso, a religião implica a prática de um culto ligado a rituais e a valorização de um ser supremo ou de várias divindades tidas como gestoras do universo visível⁴⁵.

Esclarecendo os pontos, podemos dizer que a constituição hierárquica dos poderes religiosos, nos permite entender que não podemos considerar o Vodou como uma religião, por vários aspectos: o detrimento da verdade absoluta; a própria hierarquia; os livros sagrados; o lugar de oração específico; a questão das orações. No Vodou, não existe uma verdade definitiva

44RETOUR à la spiritualité negro africaine. Realização de Kôrdjo-Missa Doumbia. 2015. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=To6p1USgmFk>. Acesso em: 02 nov. 2020

45Savary, savannah. monsieur langlois, du vodou haïtien et du catholicisme importé, qui est le chat? qui est la souris? disponível em: https://www.academia.edu/19156600/monsieur_langlois_du_vodou_ha%C3%A9tien_et_du_catholicisme_import%C3%A9_qui_est_le_chat_qui_est_la_souris_. acesso em: 26 ago. 2021.

absoluta reinante como que é nas igrejas. No setor do Vodou entendemos cada grupo, família, ou indivíduo possui uma verdade, portanto respeita absolutamente o que o outro acha ser verdade. Assim que a importância das trocas de conhecimento, portanto das verdades. A verdade absoluta, entendemos, limita o dinamismo do conhecimento real. A hierarquização é um segundo ponto.

Nas igrejas os pastores, ou o papa é o principal intermediário entre o divino e os demais, ele se empodera para impor sua verdade. Enquanto no Vodou, entendido um pouco diferente das religiões, não existe essa hierarquia de subjugação. O Vodou é a assembleia dos iguais, e o Hougan (líder da cerimônia), é apenas um irmão maior nessa hora no instante em que a cerimônia está ocorrendo. Assim que qualquer criança, pode tomar conta da atividade. Outro ponto essencial que diferencia uma espiritualidade da religião é a questão de lugar de oração, um templo. Os europeus acham que a moradia de Deus é o templo, e os vodouisant acham que o templo é a natureza, onde podemos fazer todas as cerimônias. Tem também a questão dos livros sagrados que é uma exigência imponente das religiões. Para que seja uma religião é preciso de um livro sagrado com as escrituras celestiais. Isso tampouco não é para dizer que não existe os escritos religiosos ou tradicionais na espiritualidade africana, só que não vamos aprofundar mais do que isso. O que é importante, portanto, compreender é que no Vodou o que impera mais é a oralidade, sem necessidade de um livro na sua representação física. Por último é a questão de oração. Como acabamos de ver a oração de Boukman que foi pronunciada na cerimônia de Bwa Kay Mun, acho interessante retomar um pouco o debate sobre o significado da oração.

A noção de oração, explica o professor Dumbia, tende a diminuir os homens e elevar o Deus, ainda fazendo de nós homens uma desgraça, um não merecedor. Dado que todo que recebemos considerando a religião como uma graça divina por não ser digno. A noção de oração nos remete a grau de baixaza, uma eterna suplicação. Portanto, no Vodou se entende o conceito de maneira totalmente diferente. Por isso que muitos seguidores de Vodou vão afirmar de não saber orar, ou que a oração não é um conceito africano. Diria não porque não seja um conceito de origem africana, só que é entendido diferentemente entre os povos africanos e europeus. Na oração os devotos da espiritualidade africana não entram em uma relação de suplicio ou de graça.

O conceito de oração se aproxima mais a invocação e recomendação e tampouco no

Vodu não há caridade, pois “sem aké não tem asè”. Entendemos na oração um meio de fazer acordo ou fazer um pacto com as divindades por meio dos ancestrais. No voodoo invocamos um espírito celestial, pedindo-lhe um certo favor, e se o fizer, faremos uma oferenda para a entidade. Se trata de uma relação de reciprocidade⁴⁶ em relação à oração no setor da espiritualidade africana. Foi através da poesia que encontrei a resposta para a pergunta de muitos afrodescendentes em relação ao espiritual africano:

L'africain, religion ou spiritualité

L'africain, avant n'avait pas religion, d'ailleurs il en avait pas besoin
Mais disons maintenant oui, plus que jamais il le lui en faut
Car religion, de sa racine greque et-latine se dit et se lit Religare
Qui serait un retour à la Source mère, une reconnection à l'origine

L'africain pt-êtr bien politéiste mais son Di ne s'appellera pas Eloim
Déjà que Eloim, à voir son épistémologie, ce sont plusirs dix réunis
Um Di plein d'amour qui fait la guerre, il n'ya rien de plus Maquiavel
Une race prédestinamment destiné à être élue, est une race de marionnette

L'africain a besoin de se relier à son cordon ombilical, sa source spirituelle première
Avant Samarie, la judée, et le flve du jourdan, tous abrvaient dans le Nil ⁴⁷

Africano, religião ou espiritualidade

O africano antes não tinha religião, além disso não precisava dela.
Mas, agora vamos dizer sim, mais do que nunca ele precisa disso
Porque religião, de sua raiz grega e latina é dita e lê-se Religare:
Que seria um retorno à Fonte Mãe, uma reconexão com a origem

O africano pode muito bem ser educado, mas s Ds não se chamará Eloim
Já Eloim, ao ver sua epistemologia, são vários dses unidos
Um Ds cheio de amor que faz a guerra, não há nada mais Maquiavel
Uma nação predestinada a ser eleita, é um povo fantoche
O africano precisa se conectar com s cordão umbilical, sua fonte espiritual primária
Antes da Samaria, da Judéia e do rio Jordão, todos regados no Nilo⁴⁸

46RETOUR à la spiritualité negro africaine. Realização de Kôrdjo-Missa Doumbia. 2015. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=To6p1USgmFk>. Acesso em: 02 nov. 2020

47NELSON, Johnny. L'africain religion ou spiritualité: projet de reflexion sur la spiritualité affricaine. Foz do Iguaçu, 24 fev. 2020. Facebook: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2521747701414153&id=100007368438358. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2521747701414153&id=100007368438358. Acesso em: 30 ago. 2021.

48Texto e tradução de autoria própria.

De acordo com Anténor Joseph Firmin na Igualdade da Raça Humana a singularidade dos povos negros: que somos uma raça de científico. Se a ciência se define, enquanto um processo demonstrativo, então o vodu ayiti, identidade africana será pura ciência, e o nível mais alto da sabedoria humana, o poder de manipular os quatro elementos da natureza. Portanto, não é ciência mas anti-ciência, lembrando como a magia, o desconhecido foi tratado durante o período do nascimento da modernidade e de s método científico. Esse nível de magia, com a sua etiqueta negra, onde relatar os profanos, é tudo que se relaciona diretamente com o diabo não exatamente na dimensão simbólica mas nos ss aspectos mais horrorosos fisicamente falando, firmando pacto com ele, é só no vodu ayitiano. Mais uma mentira de que temos que desfazer! Essa aliança pela libertação de todos os povos escravizados no mundo ocorreu no norte do Haiti em 1791 aonde 12 anos depois, seja no dia de 18 de maio de 1803, a bandeira, o símbolo da pátria, pela primeira vez flutuou diante dos olhos de todos os ss opressores, trazendo a glória e o orgulho pelos todos os povos africanos.

Como que já sabemos que o Haiti por todos os povos africanos reunidos em um e único povo, sem divisão e diferença nenhuma leva no seu nome todos os elementos culturais africanos. Ayiti; Ayida; Ayizan; Avoudayi; Ayibobo etc. Esses são todos termos linguísticos relacionado o nome do Ayiti com termos e ingredientes culturais da África. Já falei da apropriação cultural, religiosa do domingo das Palmeiras que os católicos explicam como a entrada do cristo a Jerusalém, e que, portanto, é um culto, ao Ayizan, quando for anunciar uma nova primavera. Basta assistir a publicação sobre Ayizan Velekete⁴⁹, no canal Fidel Pharizien, Koze Vodou, para se informar melhor sobre dessa entidade poderosa africana, na representação das quatro estações no símbolo da palmeira inserida entre o Azul e o Vermelho. Essa imagem é uma fiel representação do que herdemos da Haiti, pele, cor, sorriso, liberdade e tudo. Sobre a bandeira, no dia 18 de maio de 2020 publiquei essa poesia, lembrando de certas pequenas correções que é preciso ajustar no nosso hino nacional em relação aos nossos antepassados. Essa poesia principalmente foi gravada e publicada no m canal de youtube de defesa às culturas africanas.⁵⁰

49 VINI konnen Tout Regleman Lwa Ayizan Velekete. Realização de Fidel Pharizien. Port-Au-Prince: Look Production, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bMT8RfAhiPM&t=835s>. Acesso em: 30 ago. 2020.

50 WEZI: Grenadye a la saut / Pwoblem Ayiti-a. Produção de Alex Rue Dread. Realização de Johnny Nelson. Música: Steeve Brunache. Foz do Iguaçu: M'aji Santa Kaya An Aksyon, 2020. P&B. Esse canal é meu, no qual produz e realizo conteúdos digitais, contextualizando a situação dos povos do continente africano e quanto às



Crions comme criaient nos mères et nos pères: Grenadie a la saut
Et de nouveau répétons à l'unisson: point de traîtres dans nos rangs
Que nous sommes venu pour chasser les sots et les ignorants
Grenadie a la saut as ki mouri, sila yo en seront les premiers vainqrs
Pour le pays pour la patrie dans la matrice, formons des fils, formons des filles
Car déjà des cors invincibles vont s'assurer de la releve
Des jnes qui vont se mettre en colère contre ce système scolaire
Ayiti manman libète, n'oublie pas que c'est l'Afrique qui t'a accouché
Du roi du Kongo; le bossale, celui-là qui met Di en défi.
Pourtant tu ne vx rien apprendre, c'est de ta rivale que tu vx te faire élève!
Tu vx changer ton enpreinte, t'a pleins d'emprunt
Tu bannis les noms même de tes chefs de file
Oh Haiti convertie! Oh non, j'avais pas pensé
que tu pouvais descendre à um si bas niveau.
Grenadie a la saut! Levons le sort ou sol,
où nous sommes les sls nègres⁵¹

Depois de entender que o Ayizan é o espírito de renovação que habita em cada haitiano em qualquer lugar que estiver no planeta terra! Que ayisyen (Haitien) significa amigo da terra e da natureza, sendo que o Haiti um país essencialmente agrícola, agora vamos continuar a decifrar a magia que mostra que o Haiti herdou seu conhecimento espiritual da África. As cores da bandeira haitiana não foram escolhidas à toa. Esse esconde na bandeira haitiana um misticismo de mais alto nível, tomando em conta as cores do tecido e a significação daquelas. Desde pequeno aprendi que as cores têm cada uma a sua significação própria e essencial, e que os sentimentos são acompanhados de sua cor distinta. Assim que aprendi a cor rosa é a dos namorados; a cor verde representa tanto a esperança quanto a natureza; o amarelo abundância e riqueza; o azul a temperança, vermelho sangue etc. As cores sempre na história na humanidade, simbolicamente tem desenvolvido um papel místico fundamental. A bandeira da cor branca, interferida no meio da guerra é um pedido à paz entre os guerreiros. O problema está na coloração racial. Porque a coloração da raça ocorre junto com o processo da

suas diásporas. s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVGFVcWp1Yg>. Acesso em: 18 maio 2020.

51 Trata-se do Hino original haitiano, com os ajustes feitos após revolução.

escravização, daí uma hierarquização ao nível das cores então das raças. Essa teoria de classificação da raça humana dos gobineautistas e dos Vacher de Lapouge e de todos esses naturalistas eugenistas teve uma correção satisfatória por Antenor Joseph Firmin em 1885. Dito isso, não adianta fazer de novo essa conferência sobre a questão da igualdade da raça humana.

Porém, vamos seguir demonstrando que a singularidade da raça negra cujo negro haitiano é o protótipo. estava falando agora, da bandeira haitiana das cores e das significações de tais. E nem precisa ser iniciado em nenhuma seita de bruxaria para saber que as cores são expressões. Um ambiente colorido em tal ou tal cor deve ser decorado com ss objetos, dependendo do sentimento que o investigador quer atrair. Isso não é o m assunto. Mas é um campo de estudo muito amplo, não só no interior de campos dos mistérios invisíveis, mas também podemos remarcar no campo de capitalismo a relação que há entre mercado, mercadoria e jogos de cores. Na alta sabedoria espiritual haitiana, em relação às cores, somos um dos povos da humanidade que tem uma relação das mais íntimas.

As culturas e as sociedades africanas estão todas indistintamente fusionadas, a partir da cerimônia Bwa Kay Mun e dos regulamentos que foram condicionados, numa única e só sociedade, que era a sociedade haitiana. Os europeus pegaram mais de quinhentos anos para destruir o mundo; nós, rnimos em Cap, norte do Ayiti em 9 dias construímos uma nova humanidade, um novo humanismo. O Haiti é o pilar central ao redor do qual roda todo o continente africano (Pharizien, 2019).

Fui levado pelas cores, portanto queria desvendar o mistério das bandeiras do Haiti, voltando a dizer que todas as cores sua significação e o seus sentidos. Ao nosso ver o mundo, provamos que até os dias da semana tem sua sua cor, bem como todos os espíritos, tanto quanto numerosos que sejam, cada um deles tem uma preferência de cor e de todo o resto: alimentícios, música (no nível de ritmo) e hora e dia de manifestação.

Há duas cores da bandeira haitiana: o azul o vermelho. O Ayizan Veleketé tem uma energia feminina, amiga da terra, espírito iniciático e iniciador. Já os espíritos coloridos de azul e de vermelho representam a mãe invisível e o pai invisível do panteão do vodu haitiano.

É bom falar de vodu haitiano mesmo se o Haiti for uma herança africana e o vodu a sua identidade, porque tem muitas coisas que diferenciem o vodu do Haiti do vodu da África e de todos os outros vodus. Entre esses elementos estão as figuras geométricas sagradas, que os

haitianos chamam de Vèvè⁵². Essa figura é como um portal através do qual entra o espírito com o qual queremos comunicar. Podemos enumerar algumas figuras geométricas sagradas: as primeiras que foram desenhadas na grande cerimônia de libertação no Cap em Bwa Kay Mun. Entretanto concluímos que a cor azul da bandeira haitiana é a representação física da Dsa Erzulie Danthor; e a cor vermelha representa Ogum Ferrai. São essas três entidades que são os símbolos visíveis de nossa pátria⁵³. Com o objetivo de levar essa mensagem para ser entendida de maneira mais precisa na comunidade haitiana, a Deusa Danthor, mãe espiritual de todo o povo haitiano, escrevi em 2020 esses versos prosaicos a título de homenagem a nossa divindade um pouco mal reconhecida:

DANTHOR

Venez! Venez! Venez!
Que je vous presente Dantor
la déesse que je venères:
mon mentor, ma force mon rempart;
Le parfait calmant de vix nerfs.
Par Venus, Erzulie_la Vedette de Dahomey
Il m'est parvenu de rendre hommage
à mes grands parents pour me préserver
des ruses et des venins des hommes.
Cette année je fais un vo nf: désormais
que toute mon énergie à l'Afrique se consacre
l'Afrique dont la matrice à été enlevée et patriacaisée
l'Afrique, mère de Xangô, devenu Xangai à l'encre d'échine
cette Afrique qui a portée la lumière en Asie, encore minre
cette Afrique qui a donnée asile et réfugié tout l'Orient
à cette Afrique pillé, déportée, blanchie dans toute son Egypte
maintenant en exil et étrangère sur ses peuropeures terres⁵⁴

Na cerimônia de Bwa Kay Mun em 1791, os africanos chamavam em ajuda a todas as entidades ancestrais, a saber Mò Lwa Gad Nanm/ os mortos, os loas, as orixás, as guardas e as almas. Eis algumas ilustrações abaixo:

52 VINI KONNEN KI JAN POU TRASE VEVE LWA YO NAN VODOU A. Produção de Koze Vodou. Realização de Fidel Pharizyen. Port-Au-Prince: Look Production, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=79pGWugE31k&t=1816s>. Acesso em: 30 ago. 2021.

53Debate realizado em 2020 no grupo de Makaya Ab Aksyon sobre a bandeira cores e significados

54Ezili Dantor está associada com o negro do Haiti, e segundo os Houngans e Mambos haitiano, ela representa a mãe espiritual de todos os haitianos. Essa divindade de origem dahomiana é venerada por seus cuidados e bem feitos a seus filhos

Figura 01 - Veve Ogum

O ogum é o pai espiritual e protetor de todos os guerreiros da nação haitiana, está representado, simbolicamente, nessa imagem sagrada. Está invocado para resolver os problemas relacionados com a guerra, e luta pela liberação de seus filhos humanos e negros



Obra de Daddy Simon⁵⁵, fotografia Johnny Nelson

Figura 02 - Veve Legba

Legba em crioulo e Exu em português brasileiro, é o senhor dos caminhos. Assim como no candomblé e ubanda brasileiros, na hierarquia espiritual africana e haitiana é o primeiro espírito a ser invocado para abrir a porta aos demais. Legba é aquele que dá passagem entre o mundo visível e o mundo invisível. Dá vida para morte e dá morte para vida. É o espírito dos encruzilhados.

⁵⁵ Pintor haitiano formado em Mediação Cultural pela UNILA/2023.



Obra de Daddy Simon, fotografia de Johnny Nelson

Figura 03 - Veve Agwe

O Agwe é o espírito das águas salgadas, das águas do mar, e que habita no fundo do oceano. O Mèt (mestre) Agwe é o dono de todas as riquezas e dos espíritos que foram afogados durante a travessia transatlântica.



Obra de Daddy Simon, fotografia Johnny Nelson

Figura 04 - Veve dambalah

Essa imagem é a representação de Dambalah, é o Loa mais respeitado pela sua ligação direita com o conhecimento e a sabedoria. Já, como podemos ver, iconograficamente está representado por duas serpentes, um pouco como as serpentes enroscadas no caduc do mestre trimegistro. E como já sabemos a serpente desde a gênese em Éden é o símbolo do conhecimento do mal e do bem. O espírito de dois sexos que representa tanto o masculino quanto o feminino. Dambalah Wedo e Ayida Wedosão espíritos e guias na área da ciência

médica e da sabedoria popular.



Imagem baixada no google

Figura 05 -Veve Baron

Baron, entendemos que não é um conceito africano, senão uma adaptação adquirida durante a escravização, para que os escravizados pudessem dar conta de seus mortos. Como sabemos no Vodou haitiano ocorre uma relação estreita dos humanos com os mortos. O Baron representa o espírito que encabeça todos os mortos enterrados em um determinado cemitério. Não é um espírito do mal, senão da justiça. É um espírito muito temido, por ser único juiz justo, pois não favorece ninguém somente a razão.

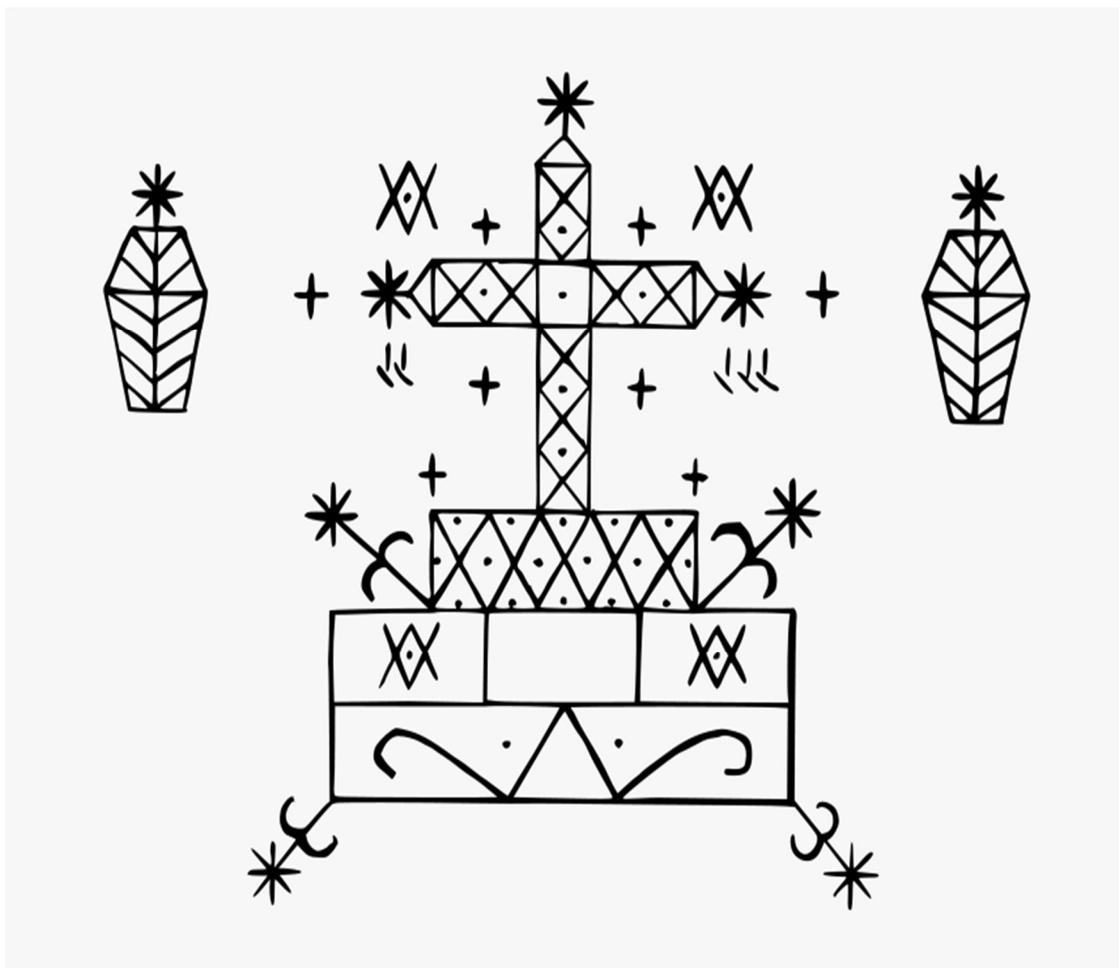


Imagem baixada no google

Esses símbolos são as figuras sagradas através das quais invocamos os seres invisíveis, cada um no seu dia incentivado com a cor favorável e com os quais fazemos alianças e tratados. Justamente como ocorreu na cerimônia de Bwa Kay Mun. Cada um desses espíritos encabeça um domínio para as atividades humanas. Legba, o senhor dos caminhos e das portas; Ogum chamado para a batalha física e mental, sendo a figura de um pai responsável;

Dambalah, o símbolo de conhecimento e da sabedoria, portanto o Deus da medicina; o Baron, o juiz, o imperdoável que guia os caminhos entre a vida ou a morte, sendo ele a verdadeira figura da justiça. Considerando o preto de sua veste, nada mais é para o preto além da cor da justiça. Lembramos que ainda estamos falando da relação das cores com as entidades e identidades haitianas, a cultura e os símbolos da nação, ou seja, as cores e suas significações no social, desvendam o caráter ancestral africano por detrás da bandeira haitiana. Infelizmente, pelo preconceito racial que foi erigido sobre a questão das cores, fazendo do preto a cor do luto, mas por ora é a cor da luta, mas principalmente nossa visão do mundo funerário. Porém o negro é a cor da beleza, é a cor da eternidade e é a cor da divindade.

Infelizmente, na escola, tivemos muitas omissões e construções ilusórias de que o Haiti foi a “pérola das ilhas”. Entretanto, depois sabermos como os escravizados foram tratados, humilhados e massacrados não é possível dizer que o Haiti era uma pérola. Ou seja, se era um paraíso nunca o foi para nossos antepassados. Se dizemos que o Haiti era a pérola das Antilhas, bom seria perguntar para quem. Esse texto da minha autoria, publicado no meu canal de divulgação (M’aji Santa Kaya An Aksyon)⁵⁶ em 2020 é uma reivindicação da potência de linha ancestral africano e uma total rejeição ao conhecimento europeu em relação à história da escravização:

O Haiti, a pérola das ilhas, para quem?

Dire Haiti c’était la perle des Antilles,
moi meme je ne trouves aucune fierté
ma sle référence culturelle est le vodu.
Entre le sang du porc et celui de l’agneau
J’oublis pas les noms de mes ancêtres
Les forts géants forgérons de la liberté.
Je ne crois pas dans une beauté errigé
Sur le coup de fouet de l’esclavage.
Se tuer pour la gloire de la méteuropeuole
N’a rien en soi qu’on pt dire honorable.
Rappelles toi de ce vix proverbe le notre mon frère
Ne fais pas de la honte une colère.

56 Johnny Ayibobo. Produção de Alex Rue Dread. Realização de Johnny Nelson. Foz do Iguaçu: M’aji Santa Kaya An Aksyon, 2020. P&B. Eu realizei esse vídeo bem no dia de aniversário, parabenizando-me lhe intitulei de Ayibobo. É um vídeo no qual estou lembrando à população os maldades da escravidão, ainda escondidas atrás de um Haiti batizado a Pérola das Ilhas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=huqVUbmGZCM&t=55s>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Te rappelles tu, combien de millions moururent
Et de faim et de soif et de toutes sortes de tortures!
T'as tort ma sor si tu ne l'a jamais su.
Mais aussi on se le pardonne,
car c'est à cause de notre formation recue
à l'école, on nous a caché notre histoire
que mensonges nous ont ils comptés sur l'Afrique noir.

Como vimos, a escola e a igreja serviram de sustento ou de conservação da escravização, pois a igreja e o cristianismo estão no interior da escravização, protegida pelas armas. A escola é um sistema de educação escravocrata normalizado, perseguidor de qualquer tipo de conhecimento ancestral. Esse conhecimento ancestral em todos os domínios herdemos-lo durante os 09 dias e 09 noites da cerimônia de formação, informação, organização política em Bwa Kay Mun. Iniciamos uma revolução, logremos a vencer os nossos piores inimigos. Conquistamos a democracia e a independência, passamos de escravizados a um povo livre e soberano. Tudo isso só foi possível porque, na união forjamos uma identidade, uma personalidade única que é o vodu, a nossa maneira de viver e de ver o mundo. Fizemos um pacto com o ds de Mackandal, o ds de Cecile Fátima, o ds de Boukman. O Jean Jacques Dessalines, o pai fundador da nação, o salvador, o nosso cristo negro, foi traído e sacrificado. Tudo foi interrompido, a marcha da revolução parou e nós abandonamos os 12 comandos de Bwa Kay Mun; então por isso que somos convencidos que estamos caminhando por trás, entrando mais profundo na ciência controversa da europeia. Por isso todos nós devotos de Vodou (Adjeniko, manbo, ougan, wousi kanzo, makousen, sèvitè lwa, pitit pitit afrik ginen), zelados pela liberdade, estamos mais que convencidos que o Haiti conhecerá o progresso somente se voltarmos a acreditar nas leis que emanam da natureza e aplicar os comandos de Bwa Kay Mun. Sendo consciente disso, escrevi no meu canal de youtube (M'aji Santa Kaya An Aksyon)⁵⁷ no dia 02 de agosto de 2020, o seguinte texto, não para incentivar o ódio senão a consciência, exigindo uma valorização e um conhecimento maior em relação a nossa identidade originária:

57KOUPE Tèt Boule Kay. Produção de Alex Rue Dread. Realização de Johnny Nelson. Foz do Iguaçu: M'aji Santa Kaya An Aksyon, 2020. P&B. Esse texto é como uma homenagem a Jean Jacques Dessalines, lembrando sua política de libertação de total anti-escravidão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=upnIOTxKndE>. Acesso em: 02 ago. 2020

Dessalines, Koupe tèt boule kay

La révolution sera toujours pas complice
Tant qu'on ne passera pas sous les fils de l'épée
Tout les complices.
Je ne prêches pas de la violence
Mais il ya une chose que Dessalines avait compris
Et je vais marcher dans sa ligne
Qui me semble la moins compliquée
Koupe tèt boule kay
À tout ex qui vlent redevenir esclaves des colons
Ces tendencix aux peaux mal blanchies
Qui vlent rester aux blancs solidaires.
Ces nègres aux tempéraments tempés de viol
Ne pvent être que des sots lidés
Car on ne s'aurait venu d'Afrique
Et penser à notre Di, Jeovah ou Apolon
Ogou Ferray, Erzulie Danthor, Erzulie Freda
Legba, Nzambi! Sachez les noms de nos divinités.
La sanction de Toussaint pour avoir pris l'ascention de l'île
Fut fort de jours
Le sang de Vixamar versé pour que les siens aient pu vivvre
Librement un jour
Ne pt pas substituer par celui d'um porc
Les noms de nos ancêtres ne sont pas des vanités

Dessalines foi um haitiano que se define pela relação que ele mantém com os seus antepassados e com a natureza. Qualquer pesquisador avisado ou simples profano que tiver viajado pelo Haiti, tal como relatou o Omar Ribeiro Thomas, percebe rapidamente essa íntima relação e essa louvação incessante pelos pais fundadores da nação. Muitos lutaram, mulheres e homens, para a conquista da independência e a fundação da nação. À diferença de todos e de todas, o Jean Jacques Dessalines é a figura emblemática. Contrariamente ao que muitos pensam, Jean Jacques Dessalines, esse ilustre personagem sem o qual os haitianos enquanto identidade humana nunca teriam existido. Precisamos admitir que tivemos falhas, sobre a escolha do modelo governamental ou monárquico do país desde a primeira constituição de 1801.

Jamais poderemos nos esquecer do Toussaint Louverture, porém faz-se ainda mais importante não esquecermos do imperador Jean Jacques Dessalines, que nos deu a liberdade definitiva sobre os franceses que ocupavam a ilha. É evidente, como diz o Berthony Dupont no seu livro “Jean Jacques Dessalines, “Un Itinéraire d'un révolutionnaire, 2006” que nada sabemos sobre a vida do pai fundador da nação, que nada foi escrito, nenhuma pesquisa foi

encaminhada. Aquele que realmente venceu o Napoleão Bonaparte foi vítima de um ostracismo intelectual internacional e nacional. Enquanto Toussaint Louverture suscita debates elogiados e conferências intermináveis sobre o seu gênio. Não se trata de opor Jean Jacques Dessalines a Toussaint Louverture; ainda mais com o Alexandre Pétion, ou Henry Christophe, ou Jean Pierre Boyer porque no final eles animaram a libertação do Haiti, e consequentemente das Américas, em contextos diferentes, no entanto, todos eles compartilhavam os ideais de liberdade e autodeterminação. Dois conceitos que, caros as relações internacionais ao se referirem aos direitos dos povos à autodeterminação⁵⁸. Porém, digo que o fato de Jean Jacques Dessalines figura como um ilustre desconhecido e isso se deve em parte da mesma estratégia apagamento da memória da independência haitiana. Quem lhes matou? Por que matou? São questões que podem ser interessantes se as repostas mudassem a nossa consciência histórica. Contudo, são dilemas que julgamos cruciais sobre o qual estamos insistindo. A política de Dessalines é a única compatível a uma teoria de liberação africanamente digna, tendo o Vodou como centro e vetor diretor do processo emancipatório.

1.5. Os Desafios do Trabalho Etnográfico

No final do mês de outubro para o início de novembro de 2019 fui para São Paulo para uma semana de pesquisa de campo. A viagem foi um pouco frustrante e fora das minhas expectativas, mas aprendi que o que conta em um trabalho etnográfico são os resultados, independentemente de nossas expectativas. Fui até Rua Glicério, depois de dias perambulando de um lugar a outro, o que me deixava não somente cansado, ainda mais por não ter encontrado uma imagem previamente adequada para preencher o vazio que via em meus olhos; mas também que o custo elevado econômico na cidade me deixava muito inseguro em relação ao que já tinha planejado. Quando cheguei na Rua Glicério esse cantinho de encontro e de experiência entre haitianos e haitianas, me dei conta que era o lugar perfeito para montar um laboratório de estudo antropológico fiquei chocado pelas diferentes fases de observação de cada encontro neste lugar marcado por uma urbanização deplorável.

58ARTHUS, Weibert Wien. La politique étrangère des Pères fondateurs de la nation haïtienne. **Monde Et Société**. Port-Au-Prince, p. 93-122. set. 2016. Disponível em: https://www.cresfed-haiti.org/IMG/pdf/4.-monde_et_societe-8.pdf. Acesso em: 03 mar. 2020.

Contextualizando, pouca coisa encaixava em relação a minha pesquisa. Os meus três primeiros dias de visita foram os mais difíceis, as minhas abordagens eram puro fracasso. Uma rejeição total a minha pesquisa e tema do estudo.

Os meus primeiros dias, eram olhares lançados sobre os ombros da cidade pelo lado de fora, longe e distante. Já que quase ninguém queria falar comigo ainda menos me conceder uma entrevista. Quando coloquei o olhar mais perto e olhar por dentro como um José Cantor Magnani e enfrentei os olhos desconfiáveis pude interagir nas conversas. Foi a partir desse momento que comecei a sentir o peso das realidades dessas pessoas, que já tinham me fragilizado em outras ocasiões. Havia comerciantes, em maioria de mulheres, que eram pessoas do dia a dia e os clientes aleatórios. Notei, referindo-se ao objetivo da pesquisa que todas as pessoas que abordei tinham dificuldade em assumir ou tomar uma posição defensiva do Vodou. A todas as pessoas que perguntei: o que ela pensa do Vodou? A única resposta era: “sou servidor de Deus, não estou servindo diabo”. Disso deduzi em certas pessoas não um desconhecimento ou ainda uma rejeição, mas uma desconfiança em assumir uma resposta que teria sido mais adequada a suas realidades.

A etnografia “é um relato de uma experiência conflituosa”, não somente pelas predisposições subjetivas que dispõe o pesquisador, mas que “a investigação urbana é uma fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas”. Não imaginei que seria fácil! Nenhum etnógrafo ousou falar isso, de que pesquisa de campo é tarefa fácil. Desde Franz Boas, Radcliffe Brown, passando por Malinowski e todas as escolas etnográficas pós malinowskiana, a pesquisa de campo é uma entrega total de nosso ser com aquele campo, para poder adquirir as informações pormenorizadas. O que resulta difícil, talvez a minha imersão prévia ou talvez por meu caráter de principiante.

Quando realizei um trabalho etnográfico não tive autorização para arquivar todos os resultados em termos de entrevistas e fotografias. Como é dito na etnografia: “Às vezes a realidade muda completamente o pensamento, e o pensamento deve nesse sentido criar outras realidades próprias, realidades em vista”. Concordamos que qualquer resultado de qualquer trabalho científico, há de passar por um processo descritivo. Essa descrição em ciências sociais consiste em dizer quais foram as ferramentas ou materiais utilizados em nosso laboratório para chegar a essa ou a tal verdade”. No que me concerne, somando a falta das entrevistas formais e fotografias, ainda me sobra as anotações e as lembranças. De qualquer

modo, como explica Hélio H. S. Silvia, “a captação de instantes, coisas, pessoas e paisagens, ele não é um registro (como uma fotografia), então volto a dizer do quanto duvido que a minha etnografia possa ser considerada como uma verdadeira pesquisa de campo, também pela falta de registros concretos, e pelo fato de não ter buscado produzir um conhecimento maior sobre o campo, senão andando, vendo e escrevendo um novo conhecimento na cidade.

Devo confessar também que não fui movido pelo campo por uma perfeita ignorância sobre o tema, ou seja, o campo seria importante, mas não fundamental, pois já sou estudioso do tema há algum tempo. Estou pesquisando dentro de um campo, ainda sou protagonista e defensor do que estudo. Porém, é verdade que nenhum antropólogo vai a campo se não movido pelas incertezas e dúvidas e pelo interesse pelo tema. O estudo que fiz está na memória desse olhar disciplinado, organizado e incorporado a minha própria visão e modo de vida. Durante os dias de campo em São Paulo não registrei tantas fotografias, por isso não entendo este trabalho como um relato de campo, mas como fragmentos de um campo.

Lugar no sentido invisível, por situar-se às margens da cidade e às margens do Estado, desprovido de todo projeto político e econômico. Não trabalhei com audiovisual porque não tive autorização para gravar, realizei uma etnografia sentado na minha memória, com um olhar focado e situado (fixado) em um lugar, que era a Rua Glicério, em São Paulo, capital, onde se encontra toda invisibilidade do mundo. Um acampamento de imigrantes haitianos, em uma certa criação de “urbanismo em afinidade”, desviando o caminho de uma antropologia urbana ou de imigração, o etnógrafo engenheiramente se configura romântico. Resumindo essas linhas abaixo os meus passos aleatórios, o meu olhar balizado sobre os ombros imensos da região metropolitana os meus fragmentos.

Em São Paulo, esses dias, passando por suas avenidas vi uma miséria escondida. Uma miséria nos cantos das lojas de bijuterias, grudada nas paredes das estações dos metros. Antes da chegada da estação da Luz, poucos param para comprar um bilhete na estação das trevas: merda, vômito, lixo no luxo. Vi, em São Paulo, uma pobreza encoberta pelo descobrimento das indústrias e os avanços tecnológicos. As usinas cospem fumaça tão espessas, que nem o sol do meio-dia consegue transpassá-la. A chuva não parece nada natural, aparecem as gotas como puros artifícios indústria. Na cidade não existe céu, ainda menos estrelas. Os rios, diria João Cabral de Melo Neto, “cão sem plumas”! Mas, nada disso está publicado no jornal, pois, se trata de uma miséria criada e expressamente esquecida. Em São Paulo quase não vejo terra,

a terra está dura e é tudo cimento, as plantas crescem nos caixões, o agronegócio duela com a “Permacultura”. Como diria o rapper Crioulo “não existe amor em SP”.

Em São Paulo escutei meu nome, mas ninguém me chamava: “meu nome não é Johnny”, tipo negócio de tráfico, o tráfico da fome. Gente faminta, mendigo, digo *mán*, ladrão que se respeita há de sair limpo, tipo maneiro. A polícia revista, quando a brisa está na mente e quando reprimi é por não ter lhe deixado um trago da boa. Vagabundo! É por um haitiano, “a corda do violão”. Na rua Glicério, vou falar sério: o “Haiti é aqui”. Haitianos levam tudo ou nada que eles nem possuem. A coisa é séria, são várias histórias tristes, falou um velho amigo. Esse conceito que se faz chamar cultura não é brincadeira não. Vocês nunca imaginarão o que pode fazer um povo para levar sua terra até outra terra. Mesmo que seja infértil, pois igualmente levará a infertilidade. Só quem pesquisa por si mesmo, poderá dizer o que há de erro no certo.

Em São Paulo, a primeira vez que vi a lua, foi numa madrugada. Pensava que estava com uma placa não escrita de “alugo” ou “vendo”. Quando vi o céu aberto, pensava que Cristo estava voltando.

Assim concordo que até no inferno pode existir pausa paradisíaca. Esse mês de outubro, caminhando pelas avenidas de São Paulo, vejo de tudo. Um Brasil de dois extremos: um lado que está faltando pão e um lado que está cheia de munição e de poder de punição. Já nos primeiros dias, vi um Brasil que está dando boas-vindas à guerra. Entrando pelo parque da juventude, de Carandiru, é tristeza saber, é um cemitério, onde centenas de jovens tiveram a juventude presa, sentenciada e assassinada. Brasil é guerra negra, essa máquina que mata, o seu petróleo é sangue, o sangue: sangue preto... É disso que se alimenta. Que país é esse? Diria aquela canção. Escutei o crime na sua remediação. Ninguém quer a paz, essa é a verdade: “quero dinheiro”.

Todo mundo quer essa segurança. Sinto que a paz está sendo levada pelo vôo desses aviões militares, a centímetros da minha cabeça, pelo vento do qual, balança o meu corpo fora do compasso e cujo ruído quase não deixa nem a poeira do meu coração. Em São Paulo aprendi na rua a diferenciar: você quer ajuda? de você quer ajudar? A rua é casa e, na casa há de ter sala, salão, banheiro e espaço para cozinhar, mas, o quarto é de todo mundo. Dormir é o meu sonho. Essa vida é bebedeira, é um estado de autoconsciência, é saber estar forte, quase inatingível das doenças fortes, é a superação mesma do veredito, do cretino médico que

pensou estudar, dentro das quatro paredes da universidade, toda a pluridiversidade antes do ser.

Vejo o teatro da lição na rua, como se fosse ficção. Tudo está performatizado. Para satisfazer a retina, também os ouvidos, você não precisa pagar nada. É tudo de graça e sem compromisso, a habilidade rueira. Há um quadro que pode colocar em desafio o espírito do Picasso em carne e osso, vejo a independência da arte que não depende da arte, pedaços de sinfonia que traz o vento e te faz esquecer do Beethoveen, e que te diz, um bom compositor nunca se faria chamar Mozart, ou de qualquer outro senão rua.

Nas avenidas de São Paulo me engano todo dia, dificilmente passo na rua e volto nela do jeito que quiser. Quando você achar que está indo na direção certa, pode ser tudo completamente outra fita. Estava falando com o pai de um amigo que me abrigou, disse-lhe “o seu filho vai vir no Brasil hoje” - falou para mim, “mas por que no Brasil, ele está onde? _ ahh... você tem razão senhor, queria dizer que vai chegar em São Paulo”. É que estava viajando, na minha cabeça São Paulo já era outro mundo. Um mar de gente que vai e vem de frente atrás e ao lado, interagindo igual as ondas em tsunami. Carnaval é pouco, ambiência, há de toda cor. Agora que os haitianos se metem e, eles vão enraizar-se, porque “as suas raízes são profundas e numerosas”, para repetir as palavras de Toussaint Louverture. O que tinha passado no passado do Haiti, pode em qualquer momento vir a acontecer no presente do Brasil, ainda ausente das correntes da Revolução.

Esse relato não é para fazer um objeto de análise, como se costuma fazer em um trabalho etnográfico, nivelando gradualmente do andar aa observação, da observação aa escrita etnográfica e da etnografia a análise. Se trata de uma tomada de uma fotografia geral, tanto do olhar quanto do ouvir e levado pelos passos. Ainda bem que contém vários elementos sobre os quais voltarei a enfatizar enquanto esqueleto a espinha dorsal do trabalho, organizando os poucos dados e poucas informações que disponho. Esse relato percussivo, ou nascido desse percurso em São Paulo, é de certa forma, para reverter essa composição de um adorno digno de uma cena etnográfica, apesar de todas suas falhas e falta de procedimentos, atitudes ou posturas institucionais.

Mas a vantagem é que como li uma vez, “dificilmente uma cidade/campo de pesquisa, se alinha em forma de modelo em cérebro de qualquer estudioso”. Ainda bem, lembrando das imprudências dos prognósticos não tinha definido nenhum procedimento de trabalho. Não

tinha feito nada para amenizar o choque dos encontros e nem tinha um informante, não conhecia ninguém, ainda mal tinha uma ideia do lugar, cheguei de surpresa e ali fiquei me encontrando na errância dos meus passos e do meu olhar.

Objetivamente, num primeiro tempo buscava observar e ver como o haitiano reflete nele os traços culturais de matriz africana; o quanto ele os expressa ou os esconde; quanto ele se sente orgulhoso ou envergonhado. Era uma tarefa de observação muito simples, que consistia em ver os elos unificadores: palavras e gírias que proliferam; músicas que escutam; comportamentos diante à situação que vivem; as relações e nível de corporalidade; afiliação religiosa ou afinidade espiritual etc. Buscava tudo o que eles fazem que lhes enraizassem a uma origem e uma cultura comuns. Se num primeiro tempo o etnógrafo deve procurar mergulhar-se no jogo de semelhança com os nativos em uma das posturas e várias angulações que tomei foi de afastar de certos comportamentos culturais similares.

Só no final, quando não me restava quase mais dias de visita que o povo começou a se abrir para mim. As pessoas me faziam mais perguntas que fazia a elas. São esses tipos de situações que me permitiram extrair e deduzir dados e informações relevantes. Mas quais eram esses dados e informações, porque a minha inclusão no assunto que levo aqui, e sobretudo da maneira que é objetivado, já me fornecia um leque suficiente de detalhes, para nem precisar fazer campo. Ao querer ver e analisar a dimensão desse fenômeno de exclusão cultural no seio nacional, foi vivida fora do campo pessoal, eis, garatujo, tal todo principiante, em trabalho de campo, como foi esse treino tão maravilhoso quanto horrível de olhar.

Primeiramente, só procurava observar comunidades de haitianos em plena atividade e saber quanto elas estão incorporadas a sua cultura nativa de origem africana, mesmo que seja em nível territorial internacional. Certo, montei toda uma lista de perguntas simples, contendo nome; idade; nível de escolaridade; os pontos de vista sobre o sistema escolar; a filiação religiosa; o vodu e suas considerações a respeito etc.

Para diferentes motivos tive que cadastrar a atitude de um olhar observador, no sentido de ver sem ser percebido, quieto e espionando. Tal atitude não era apenas pelo medo de rechaço ao qual estava sujeito dias atrás dias, durante o início, mas pelo fato também de saber, que revelar a minha identidade de pesquisador, automaticamente alteraria a cena. Mantive essa atitude por vários dias seguintes, assim encontrei todo dia ao ir ao campo de pesquisa e ao chegar lá, diferentes situações, tanto ordinárias quanto extraordinárias.

Sendo que o meu trabalho não se define tipicamente como uma etnografia urbana, então evito a qualquer custo de discorrer sobre os problemas do grande centro metropolitano paulista, e também, que a etnografia, segundo Magnani, não é muito caracterizada pelas obsessões dos detalhes panorâmicas. Não foco nos aspectos desagradáveis e desagregadores de qualquer processo urbano, tais como o colapso do sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, a falta de moradia... O aumento dos índices de poluição e da violência (Magnani), tal como vi isso neste pedaço do Haiti perdido, às margens perdidas da cidade paulista.

Portanto, não tem como através dessas linhas, esconder o volume do choque com o qual me deparei, pela situação dos imigrantes haitianos, afogando no mar de um multiculturalismo fracassado. Em relação à antropologia urbana, é verdade que São Paulo representa uma cidade global, é um dos pólos imigratórios mais importantes do Brasil. Que automaticamente lhe carrega de um fluxo de interinfluência cultural muito elevado. Digo isso, não é nada para entrar numa descrição densa ou espantosa da cidade paulista, mas simplesmente observando, isso que causou certas dificuldades em identificar o negro haitiano do negro africano, porque no final, são iguais na representação fisionômica e na constituição biológica. Isso era um elemento sensível porque o objetivo da pesquisa é observar quanto o Haiti e a África se parecem, embora tenha considerado outros aspectos da questão. Por isso acredito que muitos devem ter razão em afirmar que a etnografia não é um conjunto de procedimentos senão um modo de acercamento e apreensão. Foram muitas as dificuldades que enfrentei durante os dias de campo, porém sabemos pelo menos que a circunstância complicada, o ensejo, possibilitam não somente, a visibilidade da narrativa, mas ao mesmo tempo, a autenticidade de seu caráter científico. Tal é a singularidade desse trabalho, embora todos seus percalços.

A etnografia é um percurso resultante de uma ou várias situações. Me deparei com todas essas situações: um caos urbano: a linha de continuidade de fatores desordenados, de aspectos desagradáveis, as deficiências de saneamento básico, o aumento dos índices de poluição e da violência. Porém, no que aqui me corresponde.

De modo que, percebi tanto uma presença quanto uma ausência de africanidade no meio da comunidade haitiana em São Paulo. Um campo não é um objeto que pode ser apreendido em sua totalidade, segundo Michel Agier. Limitei muito pouco o meu olhar na rua Glicério, bem em frente à Igreja da senhora da paz, um verdadeiro caos urbano, no sentido do Magnani.

O que você acha dessa situação? perguntei a Sofia⁵⁹: “Hmm! Respond ela, jan w’ wèl la, kouri pou la pli tonbe nan gran rivyè⁶⁰” (fugindo pela chuva caindo na frigideira)”. Ou seja, você está caindo numa situação pior. Assim como nas palavras de Sofia, podia ver a desilusão nas caras e nas andanças das pessoas; sobretudo quando a prefeitura passa e leva seus negócios, isto é, meio de sobrevivência. “Estamos fodidos” expressa um a um outro.

Realizei uma série de entrevistas entre clientes passageiros e comerciantes nas quais buscava saber suas posições em relação ao Vodou. A maior dificuldade era que essas pessoas não revelavam seus nomes na ocasião, e esconder o verdadeiro nome me permitia só anotar algumas coisas. Era um tipo de abordagem rápida uma vez iniciada, resumindo em nome, atividade, se já possui documento brasileiro, nível de escolaridade e afiliação ou tolerância religiosa.

Tabela 1 – Resultados pesquisa empírica sobre o Vodou

Nome	Atividade	Documento	Escolaridade	Religião	P. vodou
Anônimo (6)	Comerciante	RNE	Primário	Protestante	A favor
Anônimo (7)	Cliente	RNE	Primário	Protestante	Contra
Anônimo (6)	Cliente	RNE	Primário	Católico	A favor
Anônimo (6)	Passageiro	RNE	Secundário	X	A favor
Anônimo (5)	Comerciante	RNE	X	Católico	Contra
Anônimo (9)	Meninos desempregados	RNE (5)/ CPF (4)	Primário/Secundário	X	A favor

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Poucas pessoas me concederam entrevistas formalmente. Aquelas que me concederam proibiam o uso de gravadora, além de falarem nomes falsos. Sofia, a vendedora dos pastéis e frituras haitianas, é uma das pessoas com a qual me familiarizei, tampouco não foi difícil detectar a sua africanidade, mesmo fingindo não ter vínculo íntimo com o Vodou. Foram poucas pessoas que aceitaram ter uma relação presente com o Vodou haitiano. Era preciso

⁵⁹Sofia, uma vendedora de pastel e gasosas, a única pessoa que mais falava comigo e a única cujo nome era verdadeiro.

⁶⁰Proverbio haitiano para dizer que a situação está pior.

entrar numa rede de debate e de defesa da verdadeira cultura haitiana, explicando a eles o motivo pelo qual eles tinham uma ideia bastante crítica sobre o Vodou.

No final, Sofia falava com cada pessoa que vinha comprar uma coisa ao redor, dizendo “Jesus não existe, a bíblia é uma história”. Sofia promovia a minha presença desta forma e, de qualquer forma isso enriqueceu o estudo, assim as pessoas se aproximavam para me perguntarem curiosidades. Me faziam mais perguntas do que faziam entre elas, assim as pessoas admitiam que estava dizendo verdade, ou seja, que a culpa é a igreja demoniza o Vodou enquanto os pastores aproveitam do serviço do Vodou. Podia ver através das questões que me fizeram quanto eles não entendem, quanto o colonialismo está ainda em pleno jogo e está dedicado em destruir a cultura haitiano-africana até as últimas raízes.

Uma coisa importante, é que muitas pessoas durante a entrevista falam que eram cristãos evangélicas ou católicas, porém são completamente favoráveis ao Vodou. Dizem que não o praticam pessoalmente, mas que não tinham problema com alguém aqueles que o pratica. Essa tolerância para mim era algo muito africano, porque os cristãos não toleram que o Vodou possa ser algo positivo. Em torno de 10 pessoas, três vão admitir ter uma relação atual e constante com o Vodou e seus ritos. A maioria que fazia compras, almoçar, ver amigos e amigas, até as pessoas do lugar, cada uma me fez um relatório para me mostrar as maldades que causam o Vodou no país e no ser haitiano.

Alguns me chamaram de demônio, agente do diabo, bruxo e outros de jornalista. Por ouvir tantas críticas e rejeição tinha desde aqui tomar a defesa e controle da minha pesquisa. Enquanto elaborava, retomava os fatos históricos colonial e pós-colonial, falava sobre a religião e comparava com os rituais no terreiro do Vodou no Haiti, e assim muitos vinha aderiam e falavam palavras de apoio. Assim estão dispostos nas ruas de São Paulo:

Figura 6 – Produtos para despigmentação da pele



Fonte: Google

Figura 7 – Produtos para despigmentação da pele



Fonte: Google

Apenas no caso escolho essas duas imagens na internet, como falei, não tenho praticamente fotografias de campo porque as pessoas não me autorizavam tirar fotos, tão pouco das suas mercadorias. Mas no fundo são esses produtos de beleza chamados de

produtos haitianos de beleza. Na Rua Glicério, esses produtos se encontram em todas as lojinhas haitianas, predominam esses produtos de clareador de pele em qualquer cantinho da rua. A maioria dos vendedores e vendedores tinha na sua mesa de venda alguns produtos desse tipo. Fiquei também chocado por esse fenômeno de despigmentação em São Paulo. Não são apenas mulheres, tem todo tipo de gente, são vítimas desse desenraizamento epidêmico, outras categorias aparentes são também vítimas do mesmo processo. O pior, são os bullying que sofrem as mulheres usuárias. Toda vez que passa uma, meninos que estão na rua xingavam de mulher de duas cores.

Essa despigmentação voluntária⁶¹ ou essa autorejeição não só se expressava ao nível da pele senão também ao nível dos cabelos, produtos para alisar o cabelo, rabo de cavalo para usar como cabelo etc. Metade da fonte econômica, uma linha gigantesca de negócio e de lucro entre haitianos e haitianas. Infelizmente que esse fenômeno não se situa somente no Haiti, mas em diversos outros países africanos, segundo estudos sobre a despigmentação e embranquecimento de pele. Tudo isso consiste em demonstrar em que medida estamos ainda sobre os efeitos pós-traumáticos da colonização branca europeia. Acima de tudo, a hierarquia racial (Branco / Mulato / Negro) da sociedade escravista deixou vestígios e em qualquer caso um trauma duradouro que tem consequências na orientação do Estado⁶². Mas ainda confirmo que essa autorrejeição só pode ser exterior, porque além de estar despigmentada isso não corta os vínculos espirituais africanos.

Muitas pessoas começavam a me dar razão no meio das rodas de análises porque tinham que demonstrar que o Vodou não é diabólico, como eles estão dizendo, mas que foi diabolizado. A Sherley, uma senhora que vendia banana de terra, pimenta e vários outros alimentos da culinária haitiana, quase entrou numa crise porque ela pensava que estava gravando enquanto estávamos falando. Ela me disse que eu era agente do diabo por querer pesquisar sobre o vodou, mas também porque o tema de estudo não estava ainda bem definido por ela, pois veio depois perguntar e pedir desculpas pelo jeito que me recebeu nos primeiros dias.

61 Déus F.R., (2018). « **Le phénomène contemporain de dépigmentation en Haïti**. Début d'une réflexion », [En ligne] La Peaologie 1, mis en ligne le 01 juillet 2018, URL : <http://lapeaologie.fr/phenomenecontemporain-depigmentation-haiti/>

62 Déus F.R., (2018). « Le phénomène contemporain de dépigmentation en Haïti. Début d'une réflexion », [En ligne] La Peaologie 1, mis en ligne le 01 juillet 2018, URL : <http://lapeaologie.fr/phenomenecontemporain-depigmentation-haiti/>

Figura 08 – Haitianos na Rua Glicério, São Paulo.



Fonte: google

Figura 09 – Haitianos na Rua Glicério, São Paulo.



Figura 10 - Haitianos na Rua Glicério, São Paulo.



Figura 11 - Haitianos na Rua Glicério, São Paulo.



Na Rua Glicério, no centro de capital paulista, em frente a paróquia de Nossa Senhora da Paz temos uma referência de apoio aos imigrantes na cidade desde 2010, onde os antigos se misturam sempre com os novos. Nesse local se vê e se escuta de tudo. Os homens fazem filas, procurando mudar os seus status de eterno desempregado. As mulheres estão mais envolvidas no mercado informal na rua, onde elas entram em uma briga horrível com a prefeitura e saem vítimas por perder suas mercadorias levadas pela prefeitura. Teve muitas situações que me permitiram interagir no seio dessa pequena comunidade em busca de terra e oportunidade.

Todas as vezes que a polícia da prefeitura chegou, tive que me envolver em certas atividades para ajudar os haitianos a tirarem suas mercadorias e colocarem rapidamente no quintal da igreja, antes que a polícia as levassem embora. Fiquei indignado em ver que a situação dos haitianos não tinha mudado em nada depois dessa viagem tão arriscada para o Brasil. Apenas numa quadra da Glicério, mais de cinco vendedoras de pastéis e frituras preparados à haitiana; vendedoras de roupas de terceira e quarta mão ocupavam todo o espaço. As vendedoras de alimentos para cozinhar em casa não faltavam; bancas de loterias organizadas pelos homens; e tudo isso no meio de um caos urbano, lojinha com produtos religiosos, comida e roupa. Muitos vinham também para comprar produtos relacionados ao Vodou haitiano. Porém, muitos não faziam essas compras abertas, igual como compravam um milho toscado na grelha, uma prestige (cerveja haitiana) ou quaisquer outros produtos. As pessoas que compram um produto da magia haitiana, se escondiam porque ninguém quer que o outro saiba que ele faz uso da magia, para não ser criticado.

Sendo que não se tratando de uma antropologia da cidade, mesmo partindo dos recursos na cidade, anotava essas situações de caos, para ter uma ideia da miséria dos haitianos na cidade metropolitana. Porém, fui levado por outros motivos, já citados e repetidos nas linhas anteriores, que era a questão da aceitação cultural africana nas relações entre os nativos haitianos. Não foi fácil abordar esse povo, que queria em certas medidas negociar as informações, me pedindo para fazer compras em troca de entrevistas. O povo não queria falar comigo sem nada em troca, por entender que estava trabalhando pelo governo ou uma organização com fins lucrativos, falavam que tinha que dividir o dinheiro que estava

ganhando sobre a cabeça deles. Tinha de explicar em detalhes a atividade que me levou até eles nesse canto perdido. As minhas perguntas eram iguais para todos, e as repostas eram quase todas similares. Tinha que esboçar um pouco, antes de lhes perguntar sobre as suas relações com o Vodou, e sobre os procedimentos de ensino no Haiti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As minhas experiências e observações conduziram à conclusão de uma rejeição e uma autorrejeição identitária que justamente é resultado de mais de duzentos anos de escravização aberta, que o liberalismo promoveu através do véu de uma educação e um ensino importado e alienante. É justamente isso que Hall disse ao falar das culturas nacionais:

À medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2007, p. 74)⁶³

Na observação e análise dos elementos identitários haitianos, procurei analisar o lugar que ocupava o Vodou enquanto aspecto cultural e a língua crioula haitiana dentro da construção do Estado-Nação depois da independência, ainda enfatizando sua importância no combate contra a escravização.

Sendo que a identidade é algo que ainda está sob efeito do processo de colonização e ao mesmo tempo sofre influências das mudanças tanto espaciais, quanto temporais da sociedade global. A identidade é algo que está em constante transformação, que se forma e se fortalece ao longo de tempo, de maneira inconsciente, como diria Hall, mas também consciente. O que, portanto, me conduziu nesse trabalho foi tentar entender a identidade nacional haitiana, por meio desses aspectos: língua e espiritualidade.

Com o propósito de demonstrar que a força da nossa identidade e coesão estariam na nossa ancestralidade, ou seja, em África. Temos uma linha ancestral multiseular de origem africana que nunca mudou e que resiste ao tempo. Apesar de todas as transformações dos

63 HALL, 2006, p. 74, cit Handerson Joseph Vodú no Haiti- **Comomblé no Brazil: Identidades** culturais e sistemas religiosos como concepção do mundo afro-latino-americano

contextos geográficos sociais e políticos, aos quais ela foi exposta. O que mais caracteriza o continente africano é a diversidade ou melhor dito, a pluriversidade, e o que caracteriza o mundo haitiano, igualmente, é a unidade dessa pluriversidade, tanto cultural no sentido geral quanto linguístico no sentido estrito da cultura.

Não existe mais dúvidas sobre as origens africanas do Vodou haitiano. Não de uma África colonizada, escravizada, mas de uma África que ao longo da história vivia livre e em paz com a natureza. Assim, também confirmamos a origem africana do crioulo haitiano, no lugar de considerá-lo de origem europeia ou mais precisamente francesa. Tanto no Vodou e no crioulo haitiano se lê, se ouve e se vê a essência africana a um nível profundo de transformação e de sincretismo.

O Vodou é uma cosmovisão através da qual o mundo africano enxergava a vida. Essa percepção de mundo e os vínculos com o mundo ancestral foram sendo fragilizados pelos impactos do colonialismo e do capitalismo, o que também dificultou e dificulta a coesão do povo haitiano. O Vodou dá respostas à sociedade porque tem uma natureza política, de sentido de organização do mundo. Além de prática espiritual é também um sistema social baseado nas leis da natureza, que se estendia sobre todo o território continental.

Quando os africanos foram exilados todos eles levavam consigo esse sistema, cada um com suas particularidades étnicas próprias. Essas particularidades não eram de fato um conjunto de efeitos opostos, mas sobretudo uma multiplicidade na maneira de chegar a um resultado final único. O que de fato diferencia o vodou no seu aspecto religioso das outras religiões é o fato dele não pregar uma verdade única, pois o que define a verdade existencial é a relação do indivíduo com seus Loas e sua cultura familiar.

A maioria dos povos africanos antes da deportação não sabiam da existência uns dos outros e foram surpreendidos ao constatar a diversidade existencial dentro do mesmo modo e prática de vida, o que criava uma relação de hostilidade entre os distintos povos, de diferentes tradições, sobretudo pelo contexto de diáspora e de escravização em terras estrangeiras, onde eles viviam divididos, cada um na sua etnia de origem e tratados para se odiar e rejeitar a suas práticas de vida relacionadas às leis da natureza. Eles foram colocados no campo da colonização de maneira separada para não poderem convergir suas línguas e suas práticas culturais, porém, as diferenças particulares não eram um obstáculo para eles

forjarem um novo referencial linguístico comum e criarem um sistema espiritual harmônico com objetivos comuns que fossem pactuados.

A literatura haitiana desde as suas primeiras escolas e movimentos literários, utilizava a língua francesa para suas expressões crioulas e muitos autores, até os mais ardentes do território nacional, tal **Georges Sylvian**, nos faziam acreditar que “o crioulo haitiano é um ramo separado do antigo tronco gaulês”. Entendemos a posição desses autores, poetas romancistas e dramaturgos, mas não a justificamos. Pela ausência de uma literatura haitiana de expressão crioula, Ussol escreveu em 1905 na “Revue Haiti Littéraire et Social” (Revista Haiti Literário e Social): *A literatura haitiana não pode e não poderia ser senão um derivado da grande corrente francesa; Porque nossa língua é o francês, o francês é nosso costume, nossas idéias; gostemos ou não, o francês é a nossa alma.*

A maioria dos escritores pós-independência do Haiti adotaram a língua e a cultura francesa e caminhavam até a absurda glorificação, afirmando que o francês era a língua de Deus: *se o Deus escondido no espaço infinito quer me ouvir, ou um dia, que chegar para falar com o homem, sua imagem, ele vai falar francês: essa é a sua língua*⁶⁴. Chegar a considerar o francês como a língua de Deus, isso é resultado da herança cultural do regime colonial que, um século antes, tinha simplesmente recusado a educação aos escravizados porque, segundo M. Fénelon, governador da Martinica (1764): *a educação é subversiva e "capaz de dar aos negros uma abertura que pode conduzi-los para outros conhecimentos, a um tipo de raciocínio (...) os negros devem ser levados como animais e deixados na mais completa ignorância.*

Nós vimos que o país depois da independência enfrentava dois problemas fundamentais em relação à escolha de uma língua e às práticas religiosas-espirituais. Para resolver isso, os novos líderes do Haiti adotaram a única estratégia possível: organizar o estado inspirando-se no modelo europeu. A grande maioria dos haitianos falava apenas crioulo, mas a língua francesa foi mantida, de igual maneira a grande maioria praticava apenas Vodou, mas a religião católica se tornou a religião oficial.

Apesar da religião católica se tornar oficial, o sincretismo do Vodou cria um laço tão estreito, que tem como resultado uma espiritualidade sincrética e híbrida, onde não há

64Conf. *Littérature d’Haïti*, de Léon-François Hoffman, Éditions Edocef/Aupelf, 1995.

separação, ou seja, não há diferença entre um católico e um Sèvitè Lwa, servidor de orixá. Como muitos provérbios crioulos costumam dizer: *Kiyè al kay granmèl, granmèl al kay kiyè*, traduzindo: *É tudo para dizer que um vai na casa do outro*. Que o servidor de orixá vai na casa de servidor de Deus, e que os católicos vão na casa do servidor de orixás, a saber o voduisant. Esse sincretismo começa desde as primeiras colonizações, onde a igreja católica tinha a fiel missão de condenar e escravizar a alma do negro. Os negros não têm alma, os indígenas não têm ds eles não têm lei. Batizaram os negros, mudaram os seus nomes, tais eram os rituais praticados a cada embarcação do navio negroiro.

A igreja católica fez entrar dentro de seus templos muitos dos valores culturais e religioso-espirituais da África e suas regiões. Mencionei vários casos que tratam do sincretismo, como o exemplo do tambor, como um elemento cultural não europeu que foi introduzido dentro das igrejas e é típico da cultura africana. Não tem diferença entre o católico e o Vodou, isso não é coisa de hoje. Os escravizados finalmente praticavam a religião de seu mestre pela obrigação imposta pelo sistema escravagista e ao mesmo tempo praticavam escondido os ritos ancestrais, pelo amor à liberdade. Depois da escravização colonial, as mesmas práticas eram mantidas. O vodou não foi reconhecido como uma religião e foi perseguido pelo catolicismo com os braços fortes e severos do estado, que concentrava todo poder religioso e educativo nas mãos dos sacerdotes católicos.

De novo, o servidor de orixá, o voduisant, foi esconder-se dentro da igreja católica, adotando uma postura exterior de católico, portando os orixás na sua vida privada e de forma velada. Muitos dos governos logo após a independência não foram a favor do vodou como uma prática social que devia ser exposta à população, em função disso, suas práticas e crenças foram sempre marginalizadas, retomaram os preconceitos forjados pelos europeus e multaram as pessoas do setor vodou que estiverem praticando os ritos, alguns templos foram queimados etc. Por isso, que até os dias atuais muitos *voduisants* se escondem atrás do véu furado das religiões, fugindo de todas as críticas às quais eles possam ser sujeitos. O que de fato dificulta qualquer pesquisa que venha a ser feita sobre o assunto.

Escondido pelo sistema capitalista liberal, é muito difícil que um servidor de orixá admita a sua fé e as suas práticas, devido aos estigmas relacionados com tudo que é novo e ou que escapa à compreensão dos leigos e leigas. A prática do Vodou seria na verdade mais uma forma de discriminação para os praticantes, que na primeira ocasião que descobrem

que ele é praticante, que ele é um voduisant, pode sofrer críticas, ataques e agressões. Temendo críticas e rejeições as pessoas escondem sua verdadeira fé. Essa negação é também um gesto de proteção aos ss rituais e suas culturas.

O Vodou, enquanto identidade do povo haitiano, não se define somente em ritos religiosos-espirituais, mas no social do quotidiano haitiano e é política anti-colonioditatorial. O vodou haitiano, enquanto ritmo musical cultural, é o único no meio de todos os outros. O Compas por exemplo, para citar um exemplo, que denuncia e combate os crimes governamentais. Quando digo que o Vodou é a identidade do haitiano, isso inclui o crioulo, a língua crioula haitiana. Muitos sábios, Imperadores, Imperadoras, Reis e Rainhas, Ougan, Mambo que não tiveram oportunidade de ir à escola por estarem proibidos de se expressar em sua língua nativa, exercitam sua língua e cultura, culinária e costumes através das práticas espirituais do Vodou. Já que algumas escolas e ambientes de trabalho proíbem o uso do crioulo. Então, a língua crioula haitiana é o único código de comunicação, quer seja na vida quotidiana, comercial ou familiar ou em ritos religioso-espirituais.

O crioulo haitiano é a única língua na qual um pode chamar (interpelar) um Lwa (orixá). Ainda que o Vodou haitiano acompanhado com o crioulo haitiano é cheio de termos e expressões africanas. Por isso, é bom tomar cuidado para não voltar a repetir que o crioulo haitiano nasc do francês dos colons.

Pelo mesmo processo tanto sincrético quanto de marginalização pelos quais passaram o Vodou haitiano, o passaram também o crioulo haitiano. Já que não existe o vodou haitiano sem o crioulo haitiano. O crioulo haitiano nasceu, dos crioulos dos conjuntos dos povos africanos, encontrando-se vendidos, divididos, quase sem meios de comunicação com ss semelhantes. O Exemplo da Revolução haitiana é, para poder preservar a cultura de origem ancestral, os escravizados inventaram um código linguístico, um suporte cultural, que é acionado pela questão das diferenças do crioulo haitiano. A cultura ancestral ter sido mediada por um novo código, foi o que possibilitou a Revolução. Se o Crioulo haitiano fosse um tronco da grande árvore francesa, eles não teriam tanta dificuldade de aprender e falar a língua nativa. Menos ainda de decifrar códigos para evitar o que acabou sendo a maior revolução popular da história mundial.

Do século XVII-XVIII, contando os outros séculos, e ainda o de hoje, admitimos de que o crioulo haitiano evoluiu bastante. Também admito de que o crioulo haitiano ao nível

de fonema se parece ao francês, portanto com uma diferença enorme na raiz. O crioulo haitiano não é uma cópia do francês, mas uma língua africana original, falado por diversas etnias deportadas para serem escravizadas, e hoje, falado por mais de 14 milhões de pessoas no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON Perry, Passagens da antiguidade ao fidalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado absolutista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de gramsci a laclau e mouffe. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, [S.L.], n. 80, p. 71-96, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-64452010000200004>.

ARTHUS, Weibert Wien. La politique étrangère des Pères fondateurs de la nation haïtienne. **Monde Et Société**. Port-Au-Prince, p. 93-122. set. 2016. Disponível em: https://www.cresfed-haiti.org/IMG/pdf/4.-_monde_et_societe-8.pdf. Acesso em: 03 mar. 2020.

BADIGUI, J.D. Esquisse de sociologie haïtienne 1946, p.24, cit _ L.-F. Hoffmann, Haïti : coutures, croyances, créole. (1989), p.50.

BANZE, Delfino Jorge. A autonegrofobia e a educação para a consciência negra. Web Artigos, 2019.

BARTRA, Roger. El mito del salvaje. Fondo de cultura económica. México, 2011.

BERCY, Beaugé. Les péripéties d'une démocratie. Paris: Librairie L. Rodstein, 1941 p. 16

CASTRO-GÓMEZ, Santiago *et al.* **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: ; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CÉSAIRE, Aimé. **Lettre de démission du PCF d’Aimé Césaire à Maurice Thorez le 24 octobre 1956**. 1956. Disponível em: <https://www.madinin-art.net/sujet/lettre-de-demission-du-pcf/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

CÉSAIRE, Aimé, *Cahier d’un retour au pays natal*. 1995.

DEPESTRE, René. *Bonjour et adi à la négritude*, 1980.

FERNÁNDEZ, Albert Noguera. La teoría del Estado y del poder en Antonio Gramsci: claves para descifrar la dicotomía dominación-liberación. **Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**, Madrid, v. 29, n. 1, p. 1-21, 30 maio 2011. Universidad Complutense de Madrid (UCM). http://dx.doi.org/10.5209/rev_noma.2011.v29.n1.26799.

CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. 4. ed. Paris: Présence Africaine, 1955. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gT2FNCEMARQ>. Acesso em: 25 ago. 2021.

CÉSAIRE, Aimé *et al.* *Négritude: l’unité africaine*. In: CONFÉRENCE AU CONGRÈS INTERNATIONAL DES ESCRIVAINS ET ARTISTES NOIRS, 1., 1956, Paris. **Procede**. Paris: Présence Africaine, 1956. p. 143-149. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3Uet_OCSeF0. Acesso em: 13 jun. 2020.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado: pesquisas de anteuropéologia política**. Rio de Janeiro: Cosacnaify, 1978. Prefácio Tânia Stolze Lima e Marcio Goldman | Tradução Theo Santiago.

CLÉMENT Magloire, *Étude sur le tempérament haïtien*, 1908, p.10, cit, L.-F. Hoffmann, *Haïti : couts, croyances, créole*, 1989.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discurso sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: Edusp: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DALMAS, Antoine. **Histoire de la Révolution de Saint-Domingue: depuis le commencement des troubles jusqu’à la prise de Jérémie et du Môle Saint-Nicolas par les anglais; suivie d’un mémoire sur le rétablissement de cette colonie**. Paris: Chez Mame Frères, Imprimers-Libraires, 1814.

DEPESTRE, René. **Bonjour et adi à la négritude: suivi de travaux d’identité**. Paris: Éditions Robert Laffont, S.A., 1980. Disponível em:

<https://excerpts.numilog.com/books/9782402618359.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

DÉUS F.R., (2018). « Le phénomène contemporain de dépigmentation en Haïti. Début d'une réflexion », [En ligne] La Peulogie 1, mis en ligne le 01 juillet 2018, URL : <http://lapeulogie.fr/phenomenecontemporain-depigmentation-haiti/>.

DIOP, Cheikh Anta. *Civilization ou Barbarism*. Paris, Présence Africaine, 1981.

DUSSEL, Henrique. **1492, el encubrimiento del otro**: hacia el origen del mito de la modernidad. La Paz: Umsa. Facultad de Humanidades y Ciencias de La Educación Plural Editores, 1994, p.17.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FANON, Frantz *Os condenados da terra..* Civilização Brasileira, 1968

FERNÁNDEZ, Albert Noguera. La teoría del Estado y del poder en Antonio Gramsci: claves para descifrar la dicotomía dominación-liberación. **Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**, Madrid, v. 29, n. 1, p. 1-21, 30 maio 2011. Universidad Complutense de Madrid (UCM). http://dx.doi.org/10.5209/rev_noma.2011.v29.n1.26799.

FIRMIN, Anténor Joseph. **De l'égalité de la race humaine**: anteuropéologie positive. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Editora: Martins Fontes: 2002.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa à sociedade**: curso no collège de france (1975-1976). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1999. Título original:il faut déendre la société <https://www.youtube.com/watch?v=uMJNQ2aseTM&t=8717s>.

GASTINE, Civique de. **Histoire de la République d'Haïti ou Saint-Domingue**. Paris: Chez Plancher, 1819. Disponível em: <https://archive.org/details/histoiredelarp00gast/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GATES JUNIOR, Henry Luis. **Os Negros Na Amperica Latina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Tradução Donalson M. Garschagen.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**. 14. ed. Matriz: Rua Padre Chagas, 185/802 - 90570-080 - Porto Alegre - Rs Filial: Rua Mareelina, 672 - Sala 2 - Lapa - 05044.010- São Paulo - Sp: L&Pm Editores S/A, 1980. Tradução de Dario Canali.. 7-25, 1980.

GUERRA, François Xavier. **Modernidad e Independencia**: ensayos sobre la revoluciones hispánicas. Madrid: Mapre, 1992. p.19.

GUIGNARD, Déita Mercédés Foucard. **La légende des loa**,: vodou haitien. Port-Au-Prince: Éditions Conjonction (Institut Français D'haïti), 1993. p 9-11

HALL, 2006, p. 74, cit Handerson Joseph Vodú no Haiti- **Comomblé no Brazil: Identidades culturais e sistemas religiosos como concepção do mundo afro-latino-americano**.

HOFFMAN, Leon François. ACTUALITÉS BIBLIOGRAPHIQUES FRANCOPHONES: bibliographie des études littéraires haïtiennes 1804-1984. 58, Rue Jean-Blzen 92178 Vanves Cedex: Edicef, 1992.

HOFFMANN, Léon-François. **Haïti**: coulrs, croyances, créole.. Mont Real: Les Éditions Du Didihca, 1989. p.14.

JANVIER, Louis Joseph La République d'Haïti et ses visitrs, 1883, I, p. 155.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Los Jacobinos Negros**: toussaint louverture y la revolución de haiti. Londres: El Sudamérica, 1938. Traducción de Ramón García. Primera edición en inglés, 1938 Título original: The Black Jacobins.

KOZE VODU. Realização de Fidel Pharizyen. Port-Au-Prince: Look Production, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=79pGWugE31k&t=1816s>.

KOUBE Tèt Boule Kay. Produção de Alex Rue Dread. Realização de Johnny Nelson. Foz Iguaçu: M'aji Santa Kaya An Aksyon, 2020. P&B.

KONTOPOULOS, K. The logics of social structure London: Routeledge, 1993.

LÉGITIME, François Denis. La vérité sur le Vaudoux. Port-au-Prince, 1925.

LEMOINE, Fanini Hervé. **Haiti ile Mystère**. Academia.Edu: 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/25781469/HAITI_L%C3%8ELE_DES_MYST%C3%88RS. Acesso em: 21 mar. 2020.

LES GRIOTS, 1, juillet-septembre 1938, cit: _ L.-F. Hoffmann, Haïti : coulrs, croyances,

créole. (1989).

LESPINASSE, Beauvais. **Histoire des Afranchis de Saint-Domingue**. Paris: Joseph Kugelmann, 1882. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00010957/00001/5>. Acesso em: 26 ago. 2021. p. 19.

LE RACISME est un problème des blancs. Rue Du Chalet - 75010 Paris, France: Tamery Sematawy Maat, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1K4yKyGsk>. Acesso em: 12 mar. 2020.

LODGE, Reni Eddo. *Why I'm No Longer Talking to White People About Race*, 2018.

LUCA, Nathalie. Laënnec Hurbon, Religion et lien social. L'Église et l'État moderne en Haïti. **Archives de Sciences Sociales Des Religions**, [S.L.], n. 130, p. 113-202, 1 abr. 2005. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/assr.2333>.

MAUDLER, Clermont. **La cérémonie du Bois Caïman**: les grandes phases de la construction d'un fait historique. les grandes phases de la construction d'un fait historique. Disponível em: https://www.academia.edu/11760326/La_c%C3%A9r%C3%A9monie_du_Bois_Ca%C3%AFman_les_grandes_phases_de_la_construction_dun_fait_historique. Acesso em: 03 fev. 2021.

MARS, Dr Jean Price. **La vocation de l'élite**: précédé d'une notice biographique littéraire, politique et sociale. Port-Au-Prince: Fardin Et Jadotte, 1919. P.76.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Revoluções de independência na América Hispânica: uma reflexão historiográfica. **Revista de História**, [S.L.], n. 159, p. 225, 30 dez. 2008. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i159p225-241>.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Editora Avante. Lisboa, Portugal, 1997.

NELSON, Johnny. **L'africain religion ou spiritualité**: projet de reflexion sur la spiritualité africaine. Foz do Iguaçu, 24 fev. 2020.

PLUCHON, Pierre. Note d'histoire coloniale: les esclaves. In: DÉBIEN, Gabriel. **Histoires des Antilles et de la Guyane**. 12, Avenue Charles de Gaule: Privat, 1982. p. 141-161.

PIERRE, Jean Gardy Jean. **Haiti uma República do Vodú**: uma análise do lugar do vodú na

sociedade haitiana à luz da constituição de 1987 e do decreto de 2003. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-Sp, São Paulo, 2009.

QUAND Jean Price Parlait d’Haiti. Francia: Haiti Inter, 2019. Son., P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=quand+Jean+price+mars+parlait+d%C2%B4haiti. Acesso em: 12 jun. 2020.

QUIJANO, A. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 6, n. 16, p. 73-80, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9600>. Acesso em: 29 ago. 2021.

QUIJANO, Aníbal 2000 “Colonialidad del poder, rocentrismo y América Latina” en Lander, Edgardo (comp.) La colonialidad del saber: rocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas (Buenos Aires: CLACSO) p. 246.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Paris: Litec, 1980. Título original: pour une géographie du pouvoir. p. 5.

RETOUR à la spiritualité negro africaine. Realização de Kôrêdjo-Missa Doumbia. 2015. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=To6p1USgmFk>. Acesso em: 02 nov. 2020.

REVOLUÇÃO como história e prática no Haiti. Realização de Omar Ribeiro Thomaz. Coordenação de Unicamp. São Paulo: Escola da Cidade, 2018. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESIKkokgrcc&t=4815s>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ROMERO, José Luiz. **Estudio de la mentalidad Burguesa**. Buenos Aires: Alianza, 1999.

ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na europeia**. Rua Irmã Arminda, 10-50 Cep 17011-160 - Bauru - Sp: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1997 p.9.

ROMERO, José Luiz. **Estudio de la mentalidad Burguesa**. Buenos Aires: Alianza, 1999.

SAVARY, Savannah. **Monsir Langlois, du vodou haïtien et du catholicisme importé, qui est le chat ? qui est la souris ?** Disponível em: https://www.academia.edu/19156600/Monsir_Langlois_du_vodou_ha%C3%Aftien_et_du_catholicisme_import%C3%A9_qui_est_le_chat_qui_est_la_souris_. Acesso em: 26 ago. 2021.

TROUILLOT, Michel Rolph. **Les racines historiques de l’État duvalierien**. Port-Au-Prince, Haiti,: Editions Deschamps,, 1986.pp. 29-30.

VASTEY, Baron de. **Le système colonial dévoilé**. Au Cap Henry: Chez P. Roux Imprimr, Du Roi, 1814.

WALSH, CATHERINE Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad Signo y Pensamiento, vol. XXIV, núm. 46, enero-junio, 2005, pp. 39-50 Pontificia Universidad Javeriana Bogotá, Colombia.

WOLF, Eric Os povos sem história, EDUSP. 2009.